

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl.ich

Folge 14

São Paulo, 5. April 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

“Falamos em Deus e pensamos... em tecidos de algodão de Manchester”

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

30.ª semana

kt. — Nada existe que o sol não desvende. Eis uma expressão corriqueira em que a voz do povo emprestou a devida forma a um grãosinho de vicia sabedoria, ao mesmo tempo que deu expressão à fé do povo na vitória final da verdade. O acerto dessa expressão

Nas paginas internas desta edição encontrará o leitor o texto completo do

Livro Branco Alemão

que reproduz os documentos secretos desentranhados do arquivo do Ministerio do Exterior da Polônia

acaba de ter uma nova confirmação surpreendente.

Dá-se, que o conhecido jornal inglês „Daily Mail” informou em 20. 3. 1940, que o comandante de esquadrilha aérea inglesa Richard Graham Blomfield se suicidou por envenenamento. Tratava-se de um homem de 50 annos, agalardoado com altas distincções honoríficas militares e que era um justo orgulho da Inglaterra. Era acusado de haver feito, conscientemente, comunicações falsas sobre supostos successos alcançados em seus raides à enseada alemã. Antes que fosse proferida a sentença pelo Tribunal Militar londrino que julgou o seu caso, Blomfield se suicidou em sua cela. Completando sua informação, o „Daily Mail” escreve, que já por diversas vezes os tribunais marciais britânicos tiveram de passar sérias reprimendas em officiaes aviadores ingleses, visto que fizeram com que lhes fossem conferidas condecorações por feitos militares puramente inventados. Assim o official aviador commandante Wood foi pronunciado, visto que desistiu antes do tempo de um ataque aéreo sobre o Mar do Norte, comunicando, a seguir, que havia levado a cabo, com absoluto exito, sua incumbencia, o que, entretanto, era tudo inventado. O „Daily Express” (N. 12.375) confirmou as informações no caso Wood, transcrevendo o comunicado official inglês sahido na „Gazette” londrina.

Essas publicações foram reproduzidas pela imprensa alemã, assim, entre outros, pelo „Deutsche Allgemeine Zeitung”, edição matinal de 29. 3. Eis que se manifesta a radioemissora de Londres, afirmando, que as noticias divulgadas pelos allemães em torno de Blomfield e Wood seriam „falsas do começo ao fim”. O Ministerio do Ar inglês veio igualmente com um desmentido (H., 1. 4.), com o que, aliás, expoz mais ainda o flanco fraco do proprio serviço de propaganda. Os jornacs allemães não se deram por achados e publicaram acto continuo clichês de topicos do „Daily Mail” e do „Daily Express”, de cuja authenticidade qualquer leitor dessas duas folhas se pôde certificar.

Toda essa ocorrência representa apenas uma pequena parcela, porém assaz significativa, da luta contra as falsidades geradas pela guerra. Significa um novo e tremendo revez da propaganda inglesa. A ocorrência dá uma explicação incontesté acerca das „victorias aéreas” britannicas de que a Reuter e a Havas se serviram para fazer o maior estardalhaço possível tambem aqui no Brasil. Revela, porém, tambem, conforme salienta a „Deutsche Allgemeine Zeitung”, um „signal catastrophico do espirito que deve estar imperando no seio das tropas britannicas, uma vez que se marcia a honra soldatesca por meio de noticias falsas.”

Encontramo-nos ahi, porém, apenas em face de uma certa propaganda de guerra partida do estrangeiro, e assim nos limitamos a trazer a ocorrência à luz apenas como „signal catastrophico do espirito” que deve estar dominando uma propaganda desse quilate.

(Continua na 2.ª pag.)

Reorganizado o gabinete Inglês

Berlin, 4. (T.-O.) — Os ingleses são um povo interessante. Falem de uma coisa e «em mente» se referem a outra. Falamos de Deus e pensamos... nos tecidos de algodão de Manchester que pretendem impiugir às massas consumidoras indianas. Promettem levar a cultura a um paiz e o que fazem na realidade é buscar petroleo no mesmo. Dizem que querem libertar os povos, como por exemplo os boers da odiosa «tyrannia» do seu velho presidente Krueger, porém a idéa que acariciavam visava a posse das jazidas de ouro e a executaram encerrando mulheres e creanças «boers» em campos de concentração e deixando que 10.000 dellas morressem de fome e molestias, isto é, utilizando methodos que são a mais crua antithese da liberdade.

Os ingleses dizem tambem que constituem uma democracia. A verdade é outra; se analisamos seu systema de governo, chegaremos á conclusão de que é uma Republica aristocratica e plutocratica e não uma monarchia democratica.

Symbolo e distinctivo, de uma democracia verdadeira é a sua representação popular, o Parlamento. Os ingleses affirmam que a sua é expressão fiel do pensamento do povo e o nimbo que irradia a propaganda britannica sobre aquella instituição se presta, com effeito, para convencer ao mundo de que a Inglaterra é verdadeiramente a mais democratica das tres grandes democracias.

Qual é a face verdadeira dessa democracia? Analyse-mol-a através de uma lente.

Um dos mais importantes diários ingleses respondeu, a respeito de um exame da questão de quanto custa na Grã-Bretanha converter-se em membro do Parlamento, que o candidato deve dispor em primeiro lugar de uma bolsa bem cheia de libras esterlinas, pois tem que pagar os elevados gastos que a campanha de agitação previa arranca do seu bolsinho.

Ademais, seu partido espera delle importantes contribuições em dinheiro e só em casos muito excepcionaes financia a algum candidato pobre os meios necessarios para a „mise-en-scene” pre-eleitoral. Para ascender a um posto de alguma importancia na Inglaterra ha de se ser homem abastado. E' uma lei não escripta, porém sempre acatada, que os dirigentes britannicos devem ter visitado algum dos carissimos e mui exclusivos collegios reservados á aristocracia para estudar a seguir em Oxford ou Cambridge. Dos trinta membros do gabinete de guerra do sr. Chamberlain, dezenove pertencem á nobreza e outros sete ás classes socialmente mais elevadas. Entre os integrantes mais modestos

procedente da industria se encontra o proprio sr. Chamberlain. Aproximadamente a metade dos membros do Partido Conservador occupam postos de direcção nos mais diversos ramos da vida economica. Segundo calculos ingleses, os deputados conservadores fallecidos de 1931 a 1933 deixaram fortunas que davam uma média de 30.000 contos a cada um dos fallecidos.

Eis a „Democracia Britannica” tal qual é e sem o colorido que lhe empresta a propaganda: uma Plutocracia 100% que pouco ou nada tem que ver com o regimen de governo verdadeiramente popular.

Ha oitenta annos a famosa escriptora inglesa Elisabeth Browning escrevia a proposito da unificação da Italia e fazendo referencia aos commentarios ingleses sobre este acontecimento: „Não podereis suppôr quão difficil é para mim ler todos os conceitos baixos, egoistas e infames com os quaes se rebaixou esse grande acontecimento historico aqui na Inglaterra; e isso não apenas pelo governo de Lord Derby mas sim tambem pelo Parlamento, pelos homens de Estado, pelos chefes do Partido Liberal e pela imprensa independente. Por minha parte, eu amo a verdade e a justiça, provenham ellas de Platão ou de Shakespeare. Com toda segurança, porém, não tenho apreço ao egoismo da Inglaterra, nem desejo tel-o. No que concerne á politica externa da Inglaterra, esta é hoje em dia para mim uma das nações mais immoraes do mundo.”

Amsterdã, 3 (T.-O.) — Na noite de hoje o governo inglês divulgou um comunicado, que está assim redigido:

«Demittiu-se Lord Chatfield, do cargo de ministro da Coordenação da Defesa. Samuel Hoare foi nomeado ministro do Ar. Winston Churchill foi nomeado presidente do Comité dos Tres Ministerios para a Defesa (Ministro do Ar, da marinha e do Exereito), que reunirá regularmente para unificar as medidas de guerra, sob o controle do gabinete de guerra. O sr. Winston Churchill continua em seu posto de Primeiro Lord do Almirantado».

Berlin, 4 (T.-O.) — A fala da reforma ministerial inglesa é encarada pelos matutinos de hoje como sem significação alguma para o proseguimento da guerra, uma vez que, para a Alemanha, tanto faz que o sr. Churchill occupa uma ou 3 carteiras, o fato é que a Inglaterra continuará a tentar a sorte contra o Reich, cuja destruição lhe parece indispensavel para a sua propria existencia.

Die alliierte Verzweiflung

Totale Blockade, der letzte Rettungsanker der Briten und Franzosen für wen hat die Zeit gearbeitet?

Das Stimmungsbarometer in London und Paris steht nach der jüngsten Sitzung des Obersten Kriegsrates auf Sturm. Nach der klaren Ueberzeugung, dass die Westmächte den Kampf auf dem militärischen Schauplatz niemals gewinnen können, ist England zu seiner jahrhundertlang geübten Methode des Hungerkrieges, der Blockade, mit einer derart schlecht verhaltenen Wut zurückgekehrt, dass die Judenpresse dieses Schlagwort aufgegriffen hat und in einigen Kommentaren sogar eine heimliche Bewunderung der Briten und ihrer französischen Festlandarmee

durchblicken lässt. Wir sagen mit folgender Begründung, dass die Proklamierung der sogenannten totalen Blockade ein Schlagwort ist: Das Reich wird bereits seit 7 Monaten blockiert, d. h. dort, wo die Briten es dank ihrer Flotte vermögen, nämlich auf den Ozeanen. Aber die Auswirkung dieser Sperrmassnahmen auf dem Seewege haben geringen Erfolg gehabt. Das deutsche Volk hat diesen überaus strengen europäischen Winter in glänzender Disziplin und unter fortgesetzter Stärkung seiner Schlagkraft überstanden. (Schluss auf Seite 2.)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

30. Woche

kt. — Die Sonne bringt es an den Tag, so lautet ein geflügeltes Wort, in dem der Volksmund einem Körnchen alter Weisheit seine Form gegeben und zugleich den Glauben des Volkes an den endgültigen Sieg

Heute im Innenblatt

Das Deutsche Weissbuch

Politische Geheimdokumente zur Vorgeschichte des Krieges aus dem Archiv des polnischen Aussenministeriums

der Wahrheit ausgedrückt hat. Und die Richtigkeit dieses Wortes hat wieder einmal eine überraschende Bestätigung erfahren.

Da berichtete die bekannte englische Zeitung „Daily Mail” am 20. 3., wie ein Geschwaderführer in der britischen Luftflotte, Richard Graham Blomfield, sich vergiftete, ein Mann von 50 Jahren mit hohen militärischen Auszeichnungen, auf den England mit Stolz blickte. Er war angeklagt, wissentlich falsche Meldungen über angebliche Erfolge bei seinen Flügen in die Deutsche Bucht abgegeben zu haben und nahm sich in seiner Zelle das Leben, kurz ehe das Urteil des Londoner Militärgerichts bekanntgegeben wurde. Ergänzend schreibt „Daily Mail”, dass die britischen Kriegsgerichte schon mehrmals englische Fliegeroffiziere ernstlich verwarnen mussten, weil sie sich für erdichtete kriegerische Taten Auszeichnungen verliehen liessen. So wurde der Fliegeroffizier Commander Wood entlassen, weil er einen Angriff über der Nordsee vorzeitig abbrach und dann meldete, er habe seine Aufträge mit vollem Erfolg durchgeführt, was alles erfunden war. Die Angaben über Wood hat „Daily Express” (N. 12.375) bestätigt, indem er die amtliche Bekanntmachung der Londoner „Gazette” wiedergab.

Diese Nachrichten wurden von der deutschen Presse weiterverbreitet, z. B. in der „Deutschen Allgemeinen Zeitung” vom 29. 3., Morgenausgabe. Das liess den Londoner Rundfunk nicht ruhen. Er behauptete, die deutschen Meldungen über Blomfield und Wood seien „von Anfang bis zum Ende erlogen”, und das englische Luftfahrtministerium dementierte ebenfalls (H., 1. 4.), gab dem eigenen Propagandadienst dadurch aber eine noch schlimmere Blöße. Denn nun veröffentlichten die deutschen Zeitungen Photographien der Ausschnitte aus „Daily Mail” und „Daily Express”, von deren Richtigkeit sich jeder Leser dieser beiden Blätter selbst überzeugen kann.

Der ganze Vorfal stellt nur einen kleinen, aber sehr bezeichnenden Ausschnitt aus dem Kampf gegen die Kriegslüge dar. Er bedeutet für die englische Propaganda eine neue und sehr böse Schlappe. Er gibt eine einwandfreie Erklärung für die britischen „Luftsiege”, von denen Reuter und Havas auch hier in Brasilien so viel Aufsehens gemacht haben. Es bedeutet aber auch, wie die „Deutsche Allgemeine Zeitung” schreibt, ein „katastrophales Zeichen für den Geist, der in der britischen Truppe herrschen muss, wenn die soldatische Ehre durch falsche Meldungen befleckt wird.”

Wir aber haben es hier nur mit einer gewissen ausländischen Kriegspropaganda zu tun und begnügen uns, den Vorfall an das Tageslicht zu bringen als „katastrophales Zeichen für den Geist“, der solche Propaganda beherrschen muss.

Reuter-Vertreter ausgewiesen

Mit welchen Mitteln der deutschfeindliche Nachrichtendienst arbeitet, zeigte sich wieder einmal in Rumänien. Der Vertreter der Reuter-Agentur in Bukarest, Lovell, hatte u. a. die Lüge verbreitet, das Reich habe ein Ultimatum an Rumänien geschickt. Lovell wurde daraufhin von der rumänischen Regierung des Landes verwiesen und die Ausweisung von dem Generalsekretär des rumänischen Propagandaministeriums mit der Feststellung begründet, Lovell habe gegen den Strafkodex verstossen, sich berufliche Unkorrektheit zuschulden kommen lassen und mehr als nachweislich falsche Nachrichten verbreitet (T.-O., 26. 3.). Nach Brasilien wurden Lovells Falschmeldungen am 23. 3. durch „Havas“ weitergeleitet, die sogar die „fünf Punkte“ des angeblichen Ultimatums veröffentlichte. Lovells Ziel war, nach T.-O. vom 24. 3. und 27. 3., auf dem Balkan Unruhe zu stiften und den Frieden zu stören. England ist ja bemüht, die Balkanländer gegen Deutschland in den Krieg zu verwickeln.

Um die Sudetendeutschen

Chamberlain und Daladier haben im September 1938 in München die Sudetendeutschen bekanntlich als Deutsche anerkannt und auch ihren einmütigen Anspruch auf die Rückkehr ins Reich. Heute bemüht die Propaganda der Westmächte sich aber mit allen Mitteln, den Eindruck zu erwecken, als ob sie entweder keine Deutschen seien oder wenigstens sich nicht als Deutsche fühlten. Churchill z. B. zählt sie in seiner letzten Rede (Havas, 30. 3.) ebensowenig zu den Deutschen wie die Ostmärker, und von Zeit zu Zeit gehen Telegramme in die Welt hinaus, wie eines der Havas vom 26. 3., nach dem vier sudetendeutsche Soldaten über die holländische Grenze geflüchtet sind. Der Londoner Rundfunk machte 20 daraus, aber die zuständige deutsche Stelle gab am 28. 3. (T.-O.) bekannt, dass es sich um „eine frei erfundene Zweckmeldung“ handelte.

... und um die Ostmärker

Ebenso wie die Sudetendeutschen erfreuen die Oesterreicher sich einer besonderen Aufmerksamkeit in London und Paris, wo man Dantes Mahnung „Lasst alle Hoffnung schwinden“ noch immer nicht beherzigen will. Unter der grossen, sieben Spalten breiten Ueberschrift „Die Oesterreicher kämpfen nicht gegen Frankreich“ las man z. B. wieder von schweren, schwereren und schwersten Meutereien „österreichischer“ Soldaten und von Erschossenen — jeder fünfzehnte Mann wurde erschossen! Herkunft der erschütternden Nachrichten: „Deutsche Grenze“ und eine „gute Quelle in Oesterreich“, Verbreiterin: Havas, Datum 27. März. Das genügt nunmehr auch in Südamerika zur sachgemässen Beurteilung.

Nochmals „Graf Spee“

Die englische Admiralität verbreitete die Nachricht, dass eine Meuterei der Besatzung des „Admiral Graf Spee“ in Montevideo den Befehl zur Versenkung des Schiffes veranlasst habe (Havas, 27. 3.). Diese Verleumdung war selbst der deutschfeindlichen „New York Times“ zu stark, deren Vertreter in Buenos Aires, John White, die britische Admiralität der Unwahrheit zeigt und in längeren Ausführungen den Beweis für die Haltlosigkeit derartiger Gerüchte erbringt, die schon im Dezember v. J. von „Reuter“ aufgegriffen, aber von den neutralen Militärattachés in Montevideo sofort als haltlos erwiesen wurden. Der deutsche Rundfunk hängt die beschämende Ehrabschneidung am 27. 3. niedriger.

Churchill über Polen

Der englische Marineminister Churchill sagte in seiner Rundfunkansprache nach Havas 30.3. wörtlich über Polen: „Wie schrecklich ist das Schicksal Polens! Dieses Land war eine Gemeinschaft von ungefähr 35 Millionen Menschen mit der ganzen Organisation einer modernen Regierung, und mit allen Ueberlieferungen eines alten Staates. Es wurde in wenigen Wochen aus der zivilisierten Welt hinweggefegt, wurde eine zusammenhanglose Masse von Männern, Frauen und Kindern, gequält, ausgehungert und unter dem

(Schluss von Seite 1.)

So konnte der Schöpfer der deutschen Luftwaffe Feldmarschall Hermann Göring, soben in einer Ansprache an die deutsche Jugend erklären, dass die gewaltige deutsche Wehrmacht als geschlossener eherner Block im Westen England und Frankreich entgegentritt.

Hier liegt der Grund für die heillose Angst der Alliierten: der Kriegsschauplatz in Europa blieb lokalisiert. Jetzt hat die Verzweiflung bei ihnen Raum ergriffen. Sie wollen im letzten Augenblick ein Ablenkungsmanöver konstruieren. Sie, die monatlang der Welt predigten, dass die Zeit für sie arbeite, dass sie über alle Rohstoffe dieser Erde, über alle Sympathien ihrer Bewohner verfügen, müssen entsetzt feststellen, dass sie nicht nur sich selbst, sondern eben die ganze Welt getäuscht haben. Zur selben Zeit also, da das deutsche Heer den Helm fester schnürt und zum Sturm bereitsteht, versagen beim Obersten Kriegsrat der Alliierten die Nerven, und aus der Krise einer aussichtslosen Gegenwart und Zukunft wird jener Verzweiflungsakt mit dem Titel: Neutrale bringt Opfer für die totale Blockade! geboren. Das ist mit anderen Worten nur eine Wiederholung jener einzigartigen Formel, nach der England bisher vier Jahrhunderte lang Politik machte, Kriege führte und sein Weltreich eroberte, nämlich: Right or wrong, my country! (Recht oder Unrecht, mein Vaterland zuerst!)

Der Oberste Kriegsrat muss sich wirklich in einer heiklen Lage befinden haben, wenn er bereits jetzt den einzigen höchsten Trumpf der Westmächte ausspielt. Es nützt wenig, die Regierungen umzubilden, Ministerpräsident Reynaud in Frankreich steht sowieso auf noch viel schwächeren Füßen als sein Vorgänger Daladier; Verlautbarungen aus Paris zufolge wird sein Kabinett keine lange Lebensdauer erreichen. In England hat Premier Chamberlain am Mittwoch einige Mitarbeiter ausgebootet oder in den Hintergrund gestellt; gleichzeitig sah er sich allerdings gezwungen, Winston Churchill zum Haupt der drei Wehrmachtsteile zu ernennen und damit im demokratischen England einen Mann mit so vielen Vollmachten auszustatten, wie sie sonst nur die so arg gelästeren Diktatoren besitzen. Man darf schon sagen, dass die festen Begriffe der Politik in London und Paris immer mehr verschwinden, und dass die Verzweiflung vor der entscheidenden Stunde nicht nur eine einfache vorübergehende Gemütsdepression darstellt, sondern eben eine verbündete, verdoppelte, hochkonzentrierte, alliierte Verzweiflung.

Dass aus einer derartigen Haltung heraus Handlungen begangen werden, die unbedingt zum Verhängnis führen müssen, ist klar. Die

Stiefelabsatz von zwei grossen Rivalen in der Tyrannei zertreten... ein fürchterlicher Tod ist Polen auferlegt worden.“ — Aus den Erklärungen des Generalgouverneurs der besetzten polnischen Gebiete, Reichsminister Dr. Frank, die am 25. 3. (T.-O.) vor den ausländischen Pressevertretern in Polen abgegeben wurden, entnehmen wir dagegen folgende Einzelheiten: „Die Rückständigkeit, die sich auf allen Gebieten beobachten lässt, übersteigt alles Vorstellbare, so dass Polen keineswegs in die zivilisierten Staaten des abendländischen Europas einzurechnen war, Städte von 500.000 Einwohnern wurden ohne Kanalisation und ohne Versorgung mit Trinkwasser angetroffen. Dazu gehörten auch 500.000 Einwohner von Warschau. Es bestand kein sozialer Hilfsdienst... Nach den letzten Statistiken gibt es in Polen durchschnittlich ein Wohnzimmer für acht Personen und ein Bett für drei Personen... es gibt Gegenden, wie das Gebiet von Sandomir, wo das Volk einmal im Jahr, nämlich zu Ostern, Fleisch isst. Der mittlere Monatslohn betrug nur 26 Zloty (65 Milreis). Es ist also eine Anmassung, wenn die ehemalige polnische Regierung die Anklage erhebt, dass das polnische Volk unter dem gegenwärtigen Regime ein schlechteres Leben führt als früher. Im Gegenteil! Nun folgen zahlreiche Einzelangaben, die den Beweis erbringen, dass die wirtschaftliche, sanitäre und kulturelle Lage des polnischen Volkes heute besser ist als vor dem September 1939. Und zum Schluss befasst Dr. Frank sich mit den Kirchen und den Juden: „Auch alle Kirchen sind geöffnet, und die Priester können ihre seelsorgerische Tätigkeit ohne Belästigungen ausüben. Nur die auf dem Schloss in Krakau befindliche Kirche ist für das Volk geschlossen, jedoch für den Klerus geöffnet... Die Generalregierung liess den Juden vollkommene Handlungsfreiheit, und sie bleiben in ihrer Gemeinde... Sie besitzen eine Selbstverwaltung. Jede Gemeinde hat ihren Ältesten-Rat, der auch über die Einwanderung

Gefahr droht diesmal mehr als bisher den kleinen neutralen Staaten, besonders den skandinavischen Ländern, aus denen Deutschland Erze und einige andere Rohstoffe bezieht. Nachdem der finnisch-russische Frieden die freundlichen Absichten der Briten im Norden Europas zerschlug und der schwedische Ausseminister Guenther soben erst bekanntgab, mit welcher sprichwörtlichen Haaresbreite ein blutiger Krieg in Skandinavien vermieden wurde, haben britische Politiker seitdem fast jeden Tag die Kontrolle über die norwegischen Hoheitsgewässer gefordert, um deutsche Schiffstransporte in dieser Gegend unmöglich zu machen. Mr. Chamberlain hat dieses Ansinnen in die allgemeine Aufforderung an alle Neutralen gekleidet, sich der britischen Blockade gegen das Reich anzuschliessen. Er liess dabei deutlich durchblicken, dass sie andernfalls mit dem Zorn Britanniens zu rechnen haben. Die Nachbarn Deutschlands sollen also auf jeden Warenaustausch mit dem Reich verzichten und alle Güter nach England und Frankreich schicken. Das würde praktisch die Aufgabe ihrer Handels- und Handlungsfreiheit bedeuten. Es leuchtet ein, dass die Erregung in den Hauptstädten der Neutralen ein Höchstmass erreicht hat. Während die Grossmächte, wie Russland und Italien, die neue britische Drohung als „typische Manifestation des Imperialismus“ oder „Ultimatum“ bezeichnen, ist von Deutschland selbst noch keine amtliche Entgegnung erfolgt.

Die Weltpresse hat aber von der Aussprache des Führers mit seinen politischen und militärischen Beratern am vergangenen Dienstag Kenntnis genommen und daran die Folgerung geknüpft, dass Deutschland auf die Ankündigung der totalen Blockade mit Repressalien antworten würde. Und das wäre ja auch wohl in Ordnung.

Nur wie dieser deutsche Gegenschlag geführt wird, das weiss heute noch niemand, und diese glänzende Zucht der deutschen Schweigsamkeit bringt die Gegner des Reiches nur noch mehr in Verzweiflung. Deutschland hat in diesem Krieg bis zur Stunde alle, auch die grissensten Pläne seiner Feinde durchkreuzt. Es hat die geheimsten Dokumente entdeckt und ihre geschicktesten Lügen entlarvt. Man darf der festen Zuversicht sein, dass eine Staatsführung, die sich in bedrängtester Zeit niemals das Gesetz des Handelns entweissen liess, genau weiss, wann die schwächste Stunde des Gegners geschlagen hat. Dann wird Deutschland zuschlagen, hart und unbarmherzig, das möge jene, die fern vom Schuss über die etwaige Kriegsdauer zwecklose Gedanken rauchen lassen oder gar eine unfruchtbare Diskussionsbetätigung treiben, sich schon heute gesagt sein lassen. ep.

zu entscheiden hat und bekannt gibt, wieviel Juden noch aufgenommen werden können“ usw. — Also: hie Churchill, hie Dr. Frank! Möge jeder selbst entscheiden, wem er glaubt.

Keine Seeschlacht am Skagerrak

Alle Meldungen der United Press vom 29. 3. und 30. 3. über die Ausfahrt der deutschen Flotte aus Wilhelmshaven und eine Seeschlacht am Skagerrak haben sich als haltlos erwiesen, genau so wie vor kurzem die Berichte über eine grosse Seeschlacht an der uruguayischen Küste.

(Conclusão da 1.a pag.)

A expulsão de um representante da Reuter

Acabamos de presenciar de novo na Rumania, de que recursos lança mão o serviço de informações hostile à Alemanha. O representante da Agência Reuter em Bucarest, Lovell, havia difundido, entre outras, a mentira de que a Alemanha havia dirigido um ultimatum à Rumania. Em consequência desse seu acto, Lovell foi expulso do país pelo governo rumeno, sendo o acto de expulsão fundamentado pelo secretário geral do Ministerio da Propaganda da Rumania com a observação de que Lovell havia infringido o Código Penal, que se tornara culposo de incorrecções profissionais e que espalhara noticias falsas em abundancia maior do que foi provado (T. O., 26. 3.). A informação mendaz de Lovell foi transmitida aqui para o Brasil pela Havas que deu mesmo a conhecer os „cinco pontos“ do supposto ultimatum. O objectivo de Lovell era, segundo a T. O., em 24. 3. e 27. 3., provocar inquietação nos Balcanes e perturbá-la a paz. Ora, como se sabe, a Inglaterra se esforça no sentido de envolver os países balcanicos na guerra contra a Alemanha.

Em torno dos alemães da Sudetolandia

Em setembro de 1938, Chamberlain e Daladier reconheceram, em Munich, como todos sabem, os alemães sudetos como genuínos alemães, bem como sua exigência unanime

por que fossem reincorporados ao Reich. Hoje, no entanto, a propaganda das potencias occidentales se empenha, sob recurso a todos os meios, por provocar a impressão de que ou os sudetos não são alemães ou ao menos não se sentem como tales. Churchill, por exemplo, em seu ultimo discurso (Havas, 30. 3.), tem-nos tão pouco em conta de alemães quanto os austriacos. E de tempos em tempos chispam telegrammas em torno do globo, como um da Havas em 26. 3., segundo o qual quatro soldados teuto-sudetos teriam se refugiado na Hollanda, transportando as respectivas fronteiras. O radio londrino multiplicou-os por cinco, fazendo ao todo 20; todavia, as autoridades competentes alemãs informaram (T. O., 23. 3.), que tudo não passa de „uma noticia acintosa inventada.“

... e em forno dos austriacos

Da mesma forma que os alemães sudetos, os austriacos gozam de uma atenção especial por parte de Londres e Paris, onde ainda não se querem esquecer da advertencia de Dante: „Daixae toda a esperança“. Sob a epigraphe de palmo e meio de tamanho: „Os austriacos não lutam contra a França“, pôde-se ler de novo a noticia, por exemplo, de graves e gravissimas insurreições de soldados „austriacos“ e de fuzilamentos — de cada grupo de quinze homens foi baleado um! Tão tetricas informações são oriundas da „fronteira alemã“ e de „uma boa fonte na Austria“; sua divulgadora é a Havas, em 27 de março. Isso basta tambem na America do Sul para se julgarem convenientemente as patranhas.

Volta á baila o „Graf Spee“

O Almirantado inglez espalhou a noticia de que um motim da tripulação do „Admiral Graf Spee“, em Montevideo, teria motivado a ordem para o afundamento do encouraçado teuto (Havas, 27. 3.). Nem mesmo o „New York Times“ germanofobo pôde tragar essa calunnia, tanto assim que seu representante em Buenos Aires, John White, accusa de mentiroso o Almirantado britânico e apresenta, em detalhadas explicações, a prova da absoluta falta de base de tales boatos que já haviam sido exporados em dezembro do anno passado pela Reuter, mas que foram prontamente provados como infundados pelos addidos militares neutros acreditados em Montevideo. O radioemissor alemão reduziu em 27. 3. a expressão mais simples esse desdorado achincalhe da honra alheia.

Churchill se occupa da Polonia

O ministro da Marinha inglez Churchill disse a respeito da Polonia, em seu discurso perante o microphone, segundo a Havas (30. 3.), textualmente: „Que terrivel destino o da Polonia! Era esse paiz uma comunidade de cerca de 35.000.000 de habitantes, com toda a organização de um governo moderno e com todas as tradições de Estado antigo, que em algumas semanas foi varrido do mundo civilizado, para tornar-se n'a multidão incoherente de homens, mulheres e crianças, torturados, esfomeados e esmagados sob o tacão de dous enormes rivaes em tyrannia... medonha agonia infligida á Polonia.“ Reproduzamos aqui, porém, os seguintes detalhes da exposição feita em 25. 3. (T. O.) pelo governador geral dos territorios polonezes occupados, ministro do Reich Dr. Frank, perante representantes da imprensa estrangeira na Polonia: „O atrazo que se nota em todos os dominios ultrapassa tudo quanto n'a medonha agonia infligida á Polonia.“ não pôde, de modo algum, ser incluída no rol dos Estados civilizados da Europa occidental. Foram encontradas cidades de 500.000 habitantes, sem abastecimento de agua potavel, nem exgotos. Mesmo em Varsovia, 500.000 de seus habitantes desconheciam essa vantagem. Não existia nenhum serviço de assistencia social... Segundo as estatísticas mais recentes, corresponde na Polonia, em média, um aposento para oito pessoas, e uma cama para tres pessoas... Existem regiões, como a provincia de Sandomir, em que o povo come carne uma vez por anno, isto é, na Paschoa. O salario mensal montava, em média, em apenas 26 zloty (65\$000). Consiste, portanto, num absurdo, se o ex-governo polonez levanta a accusação de que o povo polonez levaria uma vida de penuria sob o actual regime. Muito pelo contrario! Segue a enumeração de uma série de dados que provam, que a situação economica, sanitaria e cultural do povo polonez é hoje incomparavelmente melhor que antes de setembro de 1939. Finalmente, o Dr. Frank se occupa das igrejas e dos judeus: „Aham-se abertas tambem todas as igrejas, e os sacerdotes podem exercer, sem serem molestados, seu mister de curas d'alma. Apenas a igreja do castello de Cracovia se encontra fechada para o povo, p'se, porém, ser frequentada pelo clero. O governo geral deixou completa liberdade de acção aos judeus e estes continuam em suas comunidades. Tem elles uma administração autonoma. Cada comunidade possui seu conselho de anciãos, o qual delibera tambem em assumptos de imigração e que dá a conhecer, quantos judeus podem ainda ser admitidos, etc.“ — Portanto: tiveram a palavra Churchill e o Dr. Frank. O leitor que decida agora, a quem deve dar credito.

Não houve batalha naval no Skagerrak

Todas as noticias da United Press de 29. 3. e 30. 3. sobre a saída da frota alemã de Wilhelmshaven e em torno de uma batalha naval nas alturas do Skagerrak eram sem pé nem cabeça, exactamente como ainda ha pouco as informações acerca de uma grande batalha naval junto ás costas uruguayas.

Das deutsche Weissbuch

Geheimdokumente aus dem polnischen Archiv über die Vorgeschichte des Krieges

Berlin, 30. (T.-O.) — Als seinerzeit Warschau besetzt wurde, fielen den Deutschen sehr wichtige Teile der Archive des polnischen Aussenministeriums in die Hände. Nach eingehender Prüfung durch das Auswärtige Amt wird diese ausserordentlich umfangreiche Dokumentensammlung veröffentlicht soweit sie für die Vorgeschichte des Krieges von Bedeutung ist oder allgemeines Interesse hat. Die erste Sammlung dieser Dokumente wurde am Freitag mit Faksimili der Originale veröffentlicht, und zwar im vollen Wortinhalt in Uebersetzung. Diese Dokumente benötigen keines Kommentars, da sie für sich selbst deutlich genug sprechen.

Erstes Dokument

Das erste Dokument ist ein Telegramm des britischen Botschafters in Warschau, Sir Howard Kennard, vom 2. April 1935 nach London: „Mr. Eden! Heute nachmittag hatte ich eine Unterredung mit dem Marschall Pilsudski. Die Aussprache war sehr schwierig, weil ein sehr grosser Teil der Erklärungen des Marschalls in französisch gemacht wurden und weder für mich noch für die beiden anwesenden polnischen Minister verständlich waren. Ein erheblicher Teil der Erklärungen des Marschalls bezog sich auf die Vergangenheit und auf Kriegsergebnisse, wobei er die Verdienste des britischen Heeres während des Weltkrieges anerkannte. Das politische Hauptthema, soweit man dieses herauskristallisieren kann, bestand darin, dass Pilsudski erklärte, dass er seinen Pakt mit Deutschland und Russland habe, dass die Politik Russlands immer schwer zu erraten sei, sodass andere Nationen dieselbe falsch auslegten und beispielsweise Mr. Lloyd George einer von den Männern sei, die derartige abwegige Auslegungen vertraten. Als Beispiel erwähnte er die Subvention, die von Lloyd George Denikin zugestanden wurde. Pilsudski fügte hinzu, er habe immer gewusst, dass es für Denikin niemals eine Erfolgsmöglichkeit gegeben habe. Lloyd George habe sich jedoch in seinem Urteil über die Lage geirrt. Der Marschall hat offenbar gewünscht, dass Grossbritannien sich lieber mit seinen Kolonien beschäftigen solle als dem schlechten von Lloyd George gegebenen Beispiele folgen. Der Marschall fragte: „Wie ist z. B. die politische Lage in Jamaika?“ Ich antwortete, wenn Europa so wenig Bedeutung hätte wie Jamaika, dann würden wir uns keine Besorgnisse machen. Ich fragte den Marschall, ob er glaubte, dass es für Grossbritannien keine Alternative neben der Isolierung gebe. Der Marschall erwiderte, seiner Ansicht nach bestehe eine derartige Alternative nicht. Ich erklärte ihm meinerseits, dass wir nichts brennender wünschten, als Europa seinen eigenen Schwierigkeiten zu überlassen, dass wir jedoch die Erfahrung gemacht hätten, dass diese Schwierigkeiten unserem Lande ernste Komplikationen bringen könnten. Der Marschall antwortete hierauf nicht. Ich hatte den Eindruck, mich einem körperlich sehr stark geschwächten Mann gegenüber zu befinden, der zu bedauern war. Auf jeden Fall liess er sich nicht in eine Diskussion über die gegenwärtigen politischen Probleme verwickeln. So wie der Marschall die Stellung seines Landes unter den gegenwärtigen Umständen auffasst, ist es die Stellung eines Landes, das sich an alle Pakte hält, die es mit seinen grossen Nachbarn abgeschlossen hat, und es ablehnt, seine Haltung zu ändern, solange nicht die Ereignisse es dazu zwingen, die von ihm bisher eingenommene Haltung zu ändern.“

Zweites Dokument

Das zweite Dokument ist ein Brief des polnischen Generalstabes Abteilung 2 Warschau an das Aussenministerium in Warschau vom 8. August 1938 mit der Ueberschrift: Geheim. Es handelt sich um einen Bericht des polnischen Militärattachés in Lissabon, in dem dieser um Instruktionen gegenüber den Ansichten ersucht, die von ausländischen amtlichen Stellen geäussert werden. Der fragliche Bericht trägt die Ueberschrift: Wie man die internationale Lage von Portugal sieht und besagt: „Die englische Militärmission, die gegenwärtig in Portugal ist, befasst sich mit der Aufstellung allgemeiner Linien einer Zusammenarbeit auf militärischem Gebiet zwischen Portugal und England. Der Admiral Wodehouse ist mit den Generalstäben des Heeres und der Marine Portugals über die englischen Forderungen einig geworden, jedoch wurden diese Vereinbarungen seitens des Kriegsministers und der Regierung sabotiert. Die Regierung hat nicht einmal eine Antwort geschickt. Im übrigen hat Admiral Wodehouse mit dem englischen Botschafter Selby verhandelt, der Ruhe und Zurückhaltung empfahl. Schliesslich sandte Admiral Wodehouse einen direkten Bericht nach London, in dem es heisst: „Ich frage London, ob ich ihnen die Pistole jetzt schon auf die Brust setzen soll oder ob ich noch warten soll. Auf jeden Fall muss man auf das energischste mit ihnen vorgehen. Der portugiesische General Peixoto e Cunha, der als Vertrauensmann Salazars die Personalreform im portugiesischen Heer vorgenommen hatte, erklärte mir, dass Portugal künftig nur den Allianzfall mit England gegeben sehen würde, falls unabhängig

mit der Entwicklung der spanischen Ereignisse Spanien eine ständige Bedrohung für Portugal darstellen sollte.

Oberstleutnant Chamberlain von der englischen Militärmission sprach von der Gefahr eines europäischen Krieges und sagte: „Wir haben sehr deutlich vor dem Bluff Deutschlands und Italiens gewarnt. Ebenso wie andere jüngere Mitglieder unserer Mission bin ich persönlich der Ansicht, dass wir den Krieg beginnen müssen, sobald er nur möglich ist.“ Er begründete diese seine Ansicht damit, dass Deutschland kein neues Kriegsmaterial besässe, dass das Heer nicht vorbereitet sei, dass vor allem militärische Reservemannschaften fehlten, dass das Flugzeug- und Tankmaterial veraltet sei und wenig Wert habe und dass das deutsche Heer nur über sehr wenige vollkommen ausgerüstete oder neue Einheiten verfüge. Im übrigen wies er auf die wirtschaftliche und moralische Lage des Landes hin, die zu einem Umsturz des Regimes alle Möglichkeiten böten. Deutschland fehlten Mineralien, Oele, Kautschuk, Lebensmittel. Der mögliche Alliierte Italien befände sich in einer noch viel schlechteren Lage, da er noch nicht einmal über Rohstoffe verfüge. Er erklärte, unter den gegenwärtigen Verhältnissen würde es nicht möglich sein, für die Zukunft einen Krieg zu vermeiden. Es würde am besten sein, wenn man ihn gleich begänne, wo er noch keine grossen Gefahren mit sich brächte. Im Augenblick könne England mit einer engen Zusammenarbeit mit Amerika rechnen. Ich fragte Chamberlain, ob England in diesem Falle daran dächte, die Militärdienstpflicht einzuführen. Man antwortete mir, dies würde nicht der Fall sein, da man die folgende Art der englischen Hilfe für sehr viel wirksamer hielt: die Mithilfe der Marine und Luftwaffe sowie der Tankwaffe und die Unterstützung durch die Industrie. Diese Art der Hilfe könne logischerweise sich über den gesamten Verlauf der Kriegsergebnisse bis zur vollständigen Mobilisierung ausdehnen.

Oberst Daly von der englischen Militärmission zeigt sich optimistisch über die Ergebnisse der Arbeiten derselben. Er erklärte mir, seiner Ansicht nach wende England Mittel an, die einen Erfolg garantierten. Im Augenblick könne man den Verkauf von Kriegsmaterial an Deutschland schon vollkommen unterdrücken. Er äusserte sich sehr skeptisch über die deutschen Möglichkeiten, weiteres Kriegsmaterial zu kaufen. Er erinnerte in diesem Zusammenhange daran, dass die jüngsten Erfahrungen mit Kriegsmaterial in Rumänien ein ungünstiges Ergebnis gehabt hätten. Oberst Daly sagte mir, Deutschland habe letzthin gewisse Mengen Waffen an Spanien geliefert. Ueber die englischen Ansichten habe sich in ähnlicher Weise Chamberlain geäussert, der sehr eindringlich auf die bisher erzielten Ergebnisse in der Zusammenarbeit Englands mit den Vereinigten Staaten hingewiesen habe. Bezüglich der Militärdienstpflicht sagte er, England habe die Grundlage für eine sehr starke Vergrösserung seines Heeres durch eine militärische Ausbildung, Schiessausbildung, Schaffung grosser Freiwilligenbände für die Luftverteidigung und für den Transport- und Sanitätsdienst gebildet. England habe sehr starke strategische Reserven in seinen Kolonien, vor allem in Indien geschaffen, wo dieselben auch ausgebildet würden. Seit zwei Jahren würden auch Schulen für die Stämme grösserer Effektivitäten vorbereitet, die im Kriege notwendig würden: eine Zentralhochschule für militärische Studien, um führende Persönlichkeiten in der Politik, der Verwaltung und militärischen Angelegenheiten auszubilden; ein Imperial Military College für eine ähnliche Vorbereitung niedrigerer Kommandoposten; eine Verdoppelung der Generalstabsoffiziere, die in einjährigen Kursen bis zum Divisionsgeneralstabler und in zweijährigen Kursen für höhere Posten vorbereitet würden. Auf diese Weise erhalte England eine Organisation, die es auf jeden künftigen Konflikt vorbereite.

Der nordamerikanische Militärattaché Major Gade erklärte mir seinerzeit: „Wir sind mit unseren Gedanken vollkommen den Demokratien verschrieben. Im Augenblick studiert man in den Vereinigten Staaten die Möglichkeit einer schnellen Hilfeleistung für England und Frankreich. Man ist zu der Ueberzeugung gekommen, dass eine Hilfeleistung nicht, wie im Weltkrieg, mehr als ein Jahr dauern darf, bis die ersten amerikanischen Soldaten in den Kampf eingreifen, sondern dass wir schon in den ersten sieben bis zehn Tagen nach Ausbruch des Krieges die ersten Flugzeuge schicken müssen.“ Major Gade sagte mir weiter, dass die deutsche Durchdringung in Südamerika nicht geduldet werden könne und dass die Vereinigten Staaten sich hiermit nicht abfinden würden. Major Gade ist eine Vertrauensperson und ein persönlicher Freund des Präsidenten Roosevelt. Er unterhält sehr enge Beziehungen zu Belgien und ist ein Freund des belgischen Königspaares. Er hat keine Sympathien für Deutschland. Er verfügt über ein grosses Privatvermögen. Bei Besprechungen mit Chamberlain und Gade empfand ich die Gewissheit einer sehr intimen Zusammenarbeit im Falle eines Konfliktes. Ich hatte auch zahlreiche Unterredungen mit hiesigen Italienern. Sie waren sehr nervös und interessierten sich stark für unsere Haltung im Falle eines Konfliktes. Mit dem Rücken gegen den Wind spielten sie auf das an, was die Menschheit und Kultur in einem kommenden Kriege hedrohen würde, so dass ein solcher unter allen Um-

ständen vermindert werden müsse. Als ein französisches Geschwader hier war, lud mich der stellvertretende Admiralstabschef der Atlantikflotte Darrieux, der als der Mann der Zukunft in der französischen Marine gilt, und der mir als Kommandant eines Zerstörers von früher her persönlich bekannt war, auf sein Flaggschiff sowie zum Besuch des Flugzeugträgers „Bearn“ ein. Mit Hauptmann Stefanowitsch und in Begleitung des französischen Gesandten waren wir die einzigen Ausländer an Bord des Schiffes. Die „Bearn“ lag mitten im Tejo, so dass niemand sie mit Leichtigkeit von nahem sehen konnte. Während der Unterredung äusserte sich Darrieux sehr ernst bezüglich der Möglichkeiten eines künftigen Konfliktes. Vor allem unterstrich er, dass in Frankreich die Rechtskreise mit ihrer Presse unnötige Befürchtungen hegten und die Lage nicht richtig beurteilten. Der grösste Fehler ist seiner Ansicht nach der Pazifismus der Demokratie, da man bei diesem einen Krieg nicht als erster beginnen könne. Auf diese Weise falle dem Gegner der wertvollste Triumph zu, der der Ueber raschung. Man habe jedoch bereits begonnen, anders zu denken. Er hält auch eine Verständigung mit den Italienern für möglich. Insgesamt wollte er den Ernst und die Uebereinstimmung der Ansichten der Vertreter Englands, Frankreichs und der Vereinigten Staaten unterstreichen.

Drittes Dokument

Schreiben des Wojwoden Dr. Grazynski in Kattowitz an den polnischen Aussenminister in Warschau vom 2. November 1938: „Herr Minister! Ich halte es für meine Pflicht, Sie von einer Unterredung in Kenntnis zu setzen, die zwischen Herrn Krulis Randa, dem Generaldirektor der Fabriken in Trzy-nice, und Herrn Zielienewski stattfand. Diese Unterredung ist von grosser Bedeutung, weil Herr Krulis Randa einer der bedeutendsten tschechischen Industriellen ist, dessen Name erst letzthin als der eines Kandidaten auf die Präsidentschaft der tschechoslowakischen Republik genannt wurde. Bezüglich der Politik der Tschechoslowakei äusserte er sich in folgender Weise: „Während mehr als 1000 Jahren haben die Tschechen politisch in Gemeinschaft mit dem Deutschen Reich gearbeitet. Nach der Erklärung ihrer Unabhängigkeit wurde von den Politikern nichts mehr getan. Meine Ansicht ist, dass die Tschechoslowakei das politische Schicksal des Dritten Reiches teilen müsste. Die tschechische Politik ist in diesem Sinne orientiert. Die Tatsachen werden diese pro-deutsche Einstellung beweisen.“ (gez.) Dr. Grazynski Wojwod.“

Viertes Dokument

Schriftstück des polnischen Botschafters in Washington Graf Jerzy Potoki an den polnischen Aussenminister vom 21. November 1938. Er erklärt, dass er mit dem amerikanischen Botschafter Bullitt, einer Vertrauensperson des Präsidenten Roosevelt, eine Aussprache hatte und aufmerksam alle Berichte dieses Diplomaten über die europäische Lage gelesen hat. Nach dem Bericht dieses diplomatischen Vertreters der Vereinigten Staaten sollte das Frühjahr 1939 sehr bewegt sein und zahlreiche Ueberraschungen bringen. Er sprach sogar mit Pessimismus über die europäische Lage. „Ich habe damals eine starke Bedrohung seitens Deutschlands und sogar eine unmittelbar bevorstehende Gefahr für Europa festgestellt. Ich war der Ansicht, dass die Kapitulation von München ein schwerer Rückschlag für die westlichen Demokratien war. Der nordamerikanische Diplomat sprach hierauf über die militärische Lage Englands, das in keiner Weise vorbereitet sei und dass die Flugzeugindustrie dieses Landes durchaus nicht als fortschrittlich zu bezeichnen sei. Nach den Erklärungen von Militärfachleuten während der Krise im Herbst 1938 würde ein europäischer Krieg mindestens sechs Jahre dauern und mit der vollkommenen Vernichtung Europas enden. Russland ist nach allgemeiner Ansicht der einzige kranke Staat in Europa. Er wird verglichen mit dem osmanischen Reich vor dem Weltkrieg. Ueber Deutschland und Hitler sind die Aeusserungen heftig und gehässig. Nur die Gewalt kann einer germanischen Expansion Halt gebieten. Auf die Frage nach seiner Ansicht über einen künftigen Krieg erklärte der Botschafter Bullitt: „Die Vereinigten Staaten, Frankreich und England müssen mächtig aufrüsten, um Deutschland die Stirn bieten zu können. Sobald der Augenblick günstig ist, muss der äusserste Entschluss gefasst werden.“ Die demokratischen Staaten brachten seiner Ansicht nach zwei Jahre, um ihre Rüstungen zu beenden. In dieser Zeit würde Deutschland sich vielleicht nach dem Osten weiter ausbreiten. Der Wunsch der europäischen Länder müsste ein Zusammenstoss zwischen Russland und Deutschland sein. Die Kriegsstärke Russlands ist nicht bekannt, jedoch glaubt man, dass Deutschland viele seiner Grundsätze fallen lassen und damit Russland zu einem langen und ergebnislosen Krieg zwingen wird. Erst in diesem Falle würden die demokratischen Staaten Deutschland angreifen und es zur Kapitulation zwingen. Auf meine Erwiderung, ob die Vereinigten Staaten an einem derartigen Kriege teilnehmen würden, erklärte Bullitt: „Ohne Zweifel ja, aber nur dann, wenn England und Frankreich ihn zuerst begonnen haben.“ Die Ansicht der Vereinigten Staaten gegenüber dem Nazismus und Hitlerismus ist

nach Ansicht Bullitts so ausgesprochen, dass heute unter den Amerikanern eine Psychose besteht, wie das Land sie vor der Kriegserklärung der Vereinigten Staaten an Deutschland im Jahre 1917 erlebte. Bullitt fragte hierauf nach der Lage Polens und seinen Plänen in Osteuropa. Ich erklärte, dass Polen ein Land sei, das seine Unabhängigkeit mit den Waffen verteidigen würde, falls es von Deutschland angegriffen werden sollte. Die Frage der gemeinsamen Grenze mit Ungarn müsse reiflich studiert werden. Die Ungarn seien sehr fähige Arbeiter und eine gemeinsame Verteidigungslinie mit Südslawien würde ein ausgezeichneter Wall gegen die germanische Expansion sein. Hierauf kam Mr. Bullitt auf die ukrainische Frage und auf die deutschen Absichten in der Ukraine zu sprechen. Er erklärte, dass Deutschland bereits einen vollkommenen ukrainischen Verwaltungsapparat aufgestellt habe, der die künftige ukrainische Regierung bilden werde. Die Ukraine würde in Zukunft ein unabhängiges Land unter deutschem Einfluss werden. „Eine derartige Ukraine — erklärte Bullitt — würde natürlich für Polen gefährlich sein, denn die in diesem Lande lebenden Ukrainer würden dadurch herausgefordert werden.“ (gez.) Jerzy Potoki, Botschafter der polnischen Republik.

Fünftes Dokument

Fünftes Dokument: es handelt sich um einen Bericht des polnischen Botschafters in Paris Jules Lukasiewicz an das polnische Aussenministerium in Warschau vom 17. Dezember 1938. Wortlaut:

„In Ergänzung meiner telegraphischen Berichte, die ich die Ehre hatte, dem Herrn Minister in den letzten Wochen zu unterbreiten, erlaube ich mir, meine Ansicht über die Aussenpolitik Frankreichs nach der Münchener Konferenz und nach dem Besuche des Herrn von Ribbentrop zusammenzufassen. Das wichtigste Ereignis dieser Tage ist naturgemäss die französische-deutsche Erklärung vom 6. Dezember dieses Jahres, die von den Ministern Bonnet und von Ribbentrop unterzeichnet wurde. Der französische Wunsch, die Beziehungen mit Deutschland nach der Münchener Konferenz ins Gleichgewicht zu bringen, wie es England durch die Veröffentlichung des bekannten Chamberlain-Hitler-Kommuniqués getan hat, ist ohne Zweifel stark und klar. Anscheinend hat der Reichskanzler Hitler bei seiner Abschiedsaudienz mit dem französischen Botschafter François Poncet eine konkrete Initiative ergriffen. Frankreich hat diese Initiative mit Wohlwollen und sogar mit Freude aufgenommen. Als ich Ende Oktober nach Warschau reiste, erklärte mir Aussenminister Bonnet, dass die Unterzeichnung dieser Erklärung unmittelbar bevorstehe. Immerhin aber standen dem noch Schwierigkeiten entgegen: es sei schwierig, ein Einvernehmen über den Text herbeizuführen, und darauf habe die Ermordung des deutschen Botschafters in Paris ernste Schwierigkeiten für den Abschluss eines Einvernehmens herbeigeführt. Diese Erklärung sollte nicht nur die Anerkennung der gegenwärtigen deutsch-französischen Grenze enthalten, sondern auch der Grenzen der französischen Besitzungen in Uebersee. Als es dann um den Abschluss des Einvernehmens ging, ergriff die Reichsregierung die Initiative und entsandte den Herrn von Ribbentrop zu einem Besuch nach Paris. Bonnet gab nach und stellte diese Tatsache als einen Sieg der Aussenpolitik dar, durch den natürlicherweise die Beziehungen zu dem grössten Nachbarn



Überarbeitet ...

Geschwächte Nerven führen zu Schlaflosigkeit, Schlaflosigkeit schwächt die Nerven noch mehr. Diesem verhängnisvollen Kreislauf begegnen Sie am besten durch

Bromural

das Ihre erregten, übermüdeten Nerven beruhigt und Ihnen einen erquickenden, gesunden Schlaf vermittelt.

Bromural ist unschädlich. Keine Gewöhnung. Seit drei Jahrzehnten in der ganzen Welt bewährt. Erhältlich in allen Apotheken in Röhren zu 10 und 20 Tabletten.

KNOLL A.-G., Ludwigshafen a. Rh. (Deutschland)

Frankreichs gebessert werden würden. Wegen des von den Gewerkschaften und Arbeiterorganisationen Frankreichs für den 30. November angekündigten Streiks wurde der bereits im voraus festgelegte Besuch verschoben. Er fand dann am 6. Dezember statt und verlief in einer ausserordentlich herzlichen Atmosphäre. Nur die Oppositionspressen kritisierte diesen Schritt auf das schärfste. Man glaubte, dass die Mehrheit in Frankreich für die Verbesserung der Beziehungen zwischen den beiden Ländern sein würde. Das Misstrauen jedoch war so gross und die Gemüter beruhigten sich nicht. Dieses Misstrauen wurde naturgemäss durch die antifranzösische Kampagne der italienischen Presse verstärkt, auf die von deutscher Seite nicht geantwortet wurde. Eine Woche nach dem Besuch von Ribbentrops war alles sozusagen wieder vergessen. Hieran änderte es auch nichts, als die antifranzösische Kampagne in Italien nachliess. Es tauchten dann die Fragen von Memel und der Ukraine auf. Die expansionistischen Tendenzen Deutschlands und Italiens erregen hier ernste Befürchtungen. Die deutsch-französische Erklärung hat die Stellung der Regierung im Parlament gestärkt, die Börse stabiler gemacht und die Animosität unter den Parteien gemildert. Auf der anderen Seite aber wurde die Misstimmung zwischen dem Kabinett Daladier und der Opposition, die auch noch mit der Unterstützung der Extremisten rechnen konnte, erheblich gesteigert. In amtlichen Kreisen zeigt man grösste Zurückhaltung. Bei einer Aussprache mit dem Staatssekretär Leger kam ich zu dem Schluss, dass die französische Regierung bereit ist, eine Befriedung der deutsch-französischen Beziehungen herzustellen, und zwar auf breiter Grundlage, d. h. mit dem Ausgangspunkt einer allgemeinen Befriedung des Kontinents. Auf jede Weise werden jedenfalls die deutsch-französischen und französisch-italienischen Beziehungen eine Besserung erfahren, wahrscheinlich auf Grund eines Viererpaktes. Es ist schwierig, den Standpunkt der Regierung in dieser Hinsicht genau wiederzugeben. Die halbamtliche Presse, die enge Beziehungen mit der Regierung unterhält, stellt solchen Plänen fern. Ich muss hervorheben, dass Herr Leger an allen Aussprachen teilnahm, die zwischen den Mitgliedern der französischen Regierung und Herrn von Ribbentrop stattfanden. Ich bin der Ansicht, dass, wenn Frankreich versuchte, die Beziehungen mit Deutschland zu verbessern, es auf diesem Gebiet einige Erfolge gehabt hat. Die französisch-deutsche Erklärung brachte Frankreich die Sicherheit für seine Grenzen mit Deutschland, die definitiv sind. Diese Erklärung wird als eine Anerkennung des gesamten französischen Imperiums, seiner Kolonien und Mandate ausgelegt. Durch die Erklärung wurden die Beziehungen zwischen beiden Ländern erheblich verbessert und der Abschnitt aus dem Buche Hitlers „Mein Kampf“ ausgelöscht, der Frankreich als den Hauptfeind Deutschlands bezeichnete. Auf der anderen Seite ist festzustellen, dass die Wirtschaftsprobleme ausserordentlich verwickelt sind und eine Besserung der politischen Beziehungen erheischen.

Die Aussprache mit von Ribbentrop hat die Beziehungen zwischen Italien und Frankreich und auch die spanische Frage in keiner Weise geklärt. In dieser Hinsicht hängt alles von Berlin ab. Die Frage der französisch-deutschen Verpflichtungen hat auch die internationalen Verpflichtungen Frankreichs in Hinsicht auf den französisch-russischen und den polnisch-französischen Pakt in den Vordergrund gerückt. Herr Bonnet sah sich gezwungen, diese Frage mit mir zu besprechen, wahrscheinlich auch mit den Botschaftern Russlands und Belgiens. Eine erste Aussprache fand statt, bevor Herr Bonnet sich noch mit dem Text der geplanten Erklärung einverstanden erklärt hatte. Er las mir die Erklärung mit einem Kommentar vor, in dem die Beziehungen mit dritten Mächten besonders hervorgehoben wurden. Ich traf mich mit ihm dann wieder am 28. November, als ich Herrn Bonnet die Antwort meiner Regierung überreichte. Bei dieser Gelegenheit zeigte mir der französische Minister den Text der Note, die den Standpunkt der französischen Regierung über diesen Punkt zum Ausdruck brachte. Er betonte, er habe Herrn von Ribbentrop erklärt, dass Frankreich die mit Polen und mit Russland abgeschlossenen Pakte als ausserordentlich bedeutungsvoll betrachte. Aus diesem Grunde müssten die Polen und Russland gegenüber übernommenen Verpflichtungen eingehalten werden. Herr Bonnet ist ein charakterschwacher Mann, der niemals eine Sache energisch vertritt und sich leicht den von seinen Partnern vertretenen Gesichtspunkten unterordnet. Ich zweifle nicht an seiner Aufrichtigkeit, aber ich glaube, dass er gegenüber der Regierung, dem Parlament und der Presse nicht den Standpunkt aufrechterhalten wird, wie er in unseren verschiedenen Unterredungen festgelegt wurde. Zu wiederholten Malen habe ich Herrn Bonnet direkt und indirekt auf die Tatsache aufmerksam gemacht, dass die halbamtliche Presse und das Parlament seinen Standpunkt bezüglich derjenigen Angelegenheiten, die Frankreich und Polen interessierten, nicht teile. Meine diesbezüglichen Bemerkungen waren bisher leider jedoch erfolglos. Wir müssen die Ergebnisse der Debatte bei der nächsten Kammer Sitzung abwarten. Frankreich kommt sich nach München jetzt wie ein Unterlegener vor und kann sich nicht von seinem Gegner freimachen, der es stets und unausweichlich verfolgt."

Sechstes Dokument

Dokument des polnischen Botschafters in Washington an das Aussenministerium in Warschau. In diesem heisst es, dass Präsident Roosevelt es mit grosser Geschicklichkeit verstanden hat, die Aufmerksamkeit des nordamerikanischen Publikums von der Innenpolitik auf die internationale Politik abzulenken. Seine Methode sei sehr einfach. Es genüge,

einen die Welt bedrohenden Krieg an die Wand zu malen, einen von Hitler hervorgerufenen Krieg, und weiter das Phantasma eines Angriffs auf die Vereinigten Staaten durch die totalitären Staaten heraufzubeschwören. Der Münchener Pakt war die günstige Gelegenheit für den Präsidenten Roosevelt. Er wurde dargestellt als eine Kapitulation Frankreichs und Englands gegenüber dem kriegerischen Geist des deutschen Militarismus. Nach einem hier allgemein gängigen Satz hat Hitler Chamberlain die Pistole auf die Brust gesetzt. Infolgedessen gab es für Frankreich und England keine andere Alternative, als diesen unehrenhaften Frieden zu unterzeichnen. Das brutale Vorgehen gegen die Juden in Deutschland sowie das Emigrantenproblem gaben den Hassgefühlen gegen alles, was mit dem Nazismus in Verbindung stand, neue Nahrung. An dieser Aktion waren einige jüdische Intellektuelle wie Bernhard Baruch, der Gouverneur des Staates von New York, und der kürzlich ernannte Richter beim Obersten Bundestribunal Felix Frankfurter, der Staatssekretär Morgenthau u. a. dem Präsidenten Roosevelt sehr nahestehende Persönlichkeiten beteiligt. Diese Elemente wollen, dass Präsident Roosevelt zum Führer im Kampfe für die Menschenrechte, für die Freiheit der Religion und des Wortes werde. Diese Gruppen, die zu den besten des Landes gehören, bezeichnen sich als „wahre Vertreter des Amerikanismus“ und als „Verteidiger der Demokratie“. In Wahrheit jedoch sind sie mit unlöslichen Banden an das internationale Judentum geknüpft. Wenn diese Herren so handelten, so haben sie auf diesem Teil der Erdkugel einen sehr gefährlichen Herd des Hasses und der Feindschaft geschaffen und die Welt in zwei entgegengesetzte Lager geteilt. Alle Probleme werden in einer zweifelhaften und geheimnisvollen Weise behandelt. Präsident Roosevelt hat die Kontrolle über alle Grundlagen für eine Aktivierung der amerikanischen Aussenpolitik und gleichzeitig zur Schaffung gewaltiger Kriegsmaterialvorräte erhalten, und die Juden sind der Ansicht, dass der Krieg jetzt im geeigneten Augenblick ausbrechen wird. Vom innerpolitischen Standpunkt aus ist es opportun, die Aufmerksamkeit des Publikums auf das Gebiet des Antisemitismus abzulenken und von der Verteidigung der Religion, der Freiheit des Individuums, und von Angriffen auf den Faschismus zu sprechen.

Siebtendes Dokument

Siebenter Bericht des polnischen Botschafters in Washington Graf Jerzy Potoki an den polnischen Aussenminister in Warschau vom 16. Januar 1939. Faksimile der polnischen Botschaft in Washington:

„16. Januar 1939. Geheim. Betrifft Unterredung mit Botschafter Bullitt. An den Herrn Aussenminister in Warschau. Vorgestern hatte ich eine lange Aussprache mit dem Botschafter Bullitt, der mich in der Botschaft aufsuchte. Bullitt begibt sich am 21. dieses nach einem fast dreimonatigen Urlaub wieder nach Paris zurück. Er bringt in seinem „Koffer“ Instruktionen des Präsidenten Roosevelt, des Staatsdepartements und der dem Aussenausschuss des Senats angehörigen Senatoren mit. Aus der Aussprache, die ich mit ihm hatte, bin ich zu dem Schluss gekommen, dass Bullitt in Europa den endgültigen Standpunkt der Vereinigten Staaten gegenüber der gegenwärtigen Krise klarlegen wird. Er wird dieses Material dem Quai d'Orsay vorlegen und es bei seinen Aussprachen mit den europäischen Staatsmännern verwerten. Bullitt setzte mir diesen Plan in unserer halbstündigen Unterredung in allgemeinen Linien wie folgt auseinander: Bereubung der Aussenpolitik unter Führung des Präsidenten Roosevelt, der auf das heftigste und in einer Art, die keinen Zweifel lässt, die totalitären Staaten verdammt; die Kriegsvorbereitungen der Vereinigten Staaten zur See, zu Lande und in der Luft werden mit grösster Beschleunigung durchgeführt und verschlingen die gewaltige Summe von 250 Millionen Dollars. Die massgebliche Ansicht des Präsidenten ist, dass England und Frankreich mit ihrer Kompromisspolitik gegenüber den totalitären Staaten ein Ende machen müssen. Sie dürfen sich mit denselben in keinerlei Verhandlungen über Aenderungen territorialer Besitzungen einlassen. Die moralische Garantie besteht, dass

die Vereinigten Staaten ihre Isolierungspolitik aufgeben und im Kriegsfall bereit sein werden, aktiv auf der Seite Frankreichs und Englands einzutreten. Amerika ist bereit, diesen Ländern sein Material, seine Finanzen und seine Rohstoffe zur Verfügung zu stellen. Ich fragte Bullitt, wie er über das Jahr 1939 denke, und er erwiderte, dass er für das Frühjahr die Möglichkeit eines Konfliktes zwischen Frankreich und Italien wegen der Kolonialfragen sähe. Er ist der Ansicht, dass der nationalistiche Sieg in Spanien Frankreich in eine sehr schwierige Lage bringen würde, da dieses dann vollkommen von faschistischen Ländern umringt sein würde. In diesem Falle würde sicherlich Mussolini auf dem Plane erscheinen und Frankreich mit einem Kriege bedrohen. Auf meine Frage, ob Deutschland in diesem Falle Mussolini unterstützen würde, erklärte er, seine Ansicht sei, dass Hitler sich hierzu nicht hinreissen lassen würde, dass er sich vielmehr auf die moralische Unterstützung beschränken und nicht an dem Konflikt teilnehmen werde, damit der Krieg nicht zu einem Weltkrieg werde. Mr. Bullitt erklärte mit aller Bestimmtheit, dass Frankreich kein Abkommen, welcher Art es auch sein möge, mit Mussolini abschliessen werde. Nach seiner Ansicht hat sich die innere Lage in Frankreich in den letzten Monaten fühlbar gebessert; dieses Land werde das italienische Heer und die italienische Flotte besiegen können, falls Italien, ohne provoziert zu sein, angreifen sollte. Die Haltung Mussolinis wurde von Bullitt als „Gangstermethode“ bezeichnet. Bei unserer Unterredung streifte der amerikanische Diplomat auch die Frage zwischen Osteuropa und Deutschland. Er betonte, dass die Aussenpolitik Polens unter der glänzenden Leitung seines Aussenministers, in positiver Weise die Feuerprobe bestanden habe. Aus der Herbstkrise sei Polen nicht mit den Waffen siegreich hervorgegangen, sondern es habe diplomatisch gesiegt. Er wies sodann auch auf den polnisch-russischen Pakt hin und betonte, dass dieses Abkommen erneuert werden müsse. Ich erklärte, dass der russisch-polnische Pakt ein reines Instrument sei, nachdem die Beziehungen zwischen beiden Ländern sich verschlechtert hätten und sich noch weiter zu verschlechtern drohten. Die demokratischen Staaten, so schloss der Botschafter, werden ihre Befriedungspolitik aufgeben und mit den Waffen antworten, falls Deutschland gegen irgendein Land, das von ihnen garantiert ist, vorgehen sollte. (Gez.) Jerzy Potoki, Botschafter der polnischen Republik.“

Achtes Dokument

Achtes Dokument des polnischen Botschafters in Paris Jules Lukasiewicz an den polnischen Aussenminister vom 1. Februar 1939. Politischer Bericht Nr. 4—1. Strengstens vertraulich.

„Die Debatten über die französische Aussenpolitik, die gestern im Parlament abgeschlossen wurde, endeten mit einem Vertrauensvotum für die Regierung des Herrn Daladier mit 379 gegen 234 Stimmen, und das zwingt mich, Ihnen Herr Minister, meine Ansichten einmal über die Beziehungen Frankreichs zu uns und sodann über die Verträge, an die Polen gebunden ist, auseinanderzusetzen.“

Wie ich schon in meinem vorigen Bericht vom 17. Dezember 1938 erwähnte, stellt das Problem der Beziehungen zu Polen in französischen politischen Kreisen eine Aktualität dar, insbesondere nach den Septembervorgängen und im Zusammenhang mit der Unterzeichnung des französisch-deutschen Nichtangriffspaktes. Nach dieser Zeit hat die französische Presse begonnen, den Beziehungen zu Polen weiteren Raum und grössere Aufmerksamkeit zu widmen, und man konnte aus der Betätigung zahlreicher Politiker sowohl der Rechten wie der Linken beobachten, dass sie ein lebhafteres und stärkeres Interesse für dieses Problem zeigten. Nach den Septembervorgängen war eine Abnahme des Interesses für Polen deutlich erkennbar gewesen. Dieses Interesse wurde ganz allmählich durch einen objektiveren und wirklichkeitsnäheren Standpunkt abgelöst. Unter diesen Umständen und angesichts der Verschlechterung der internationalen Lage sowie in Anbetracht Ihres mehrtägigen Aufenthaltes in Monte Carlo und Ihres Besuches beim Reichs-

kanzler Hitler in Berchtesgaden hat die französische Presse diese Punkte aufgegriffen. Viele hiesige Politiker haben die Politik des Ministers Bonnet gegenüber Polen kritisiert und von ihm gefordert, dass er seinen Standpunkt gegenüber der Allianz mit Polen klarlege. Ein sehr bedeutender Teil der Presse hat den Minister Bonnet getadelt, dass er die Anwesenheit Ew. Ex. in Südfrankreich nicht dazu benutzt habe, in direkte politische Fühlung zu treten. Als die Nachricht bekannt wurde, waren Ew. Ex. bereits nach Berchtesgaden abgereist, worauf die Kritik der französischen Presse noch zunahm. Um diese Angriffe zu neutralisieren, hat Herr Bonnet in Besprechungen mit einigen Parlamentariern die Ansicht verbreitet, dass die bisherige Lage Polens sehr schwierig gewesen sei, da von deutscher Seite zahlreiche Gefahren drohten. Meine Beziehungen sowie diejenigen meiner Mitarbeiter zu einer grossen Zahl von Deputierten und Journalisten haben sich so merklich gebessert, dass es uns nicht mehr schwer war, dieses Manöver zu stören, obgleich es ausserordentlich klug angelegt war.

Als die Ergebnisse Ihrer Zusammenkunft, Herr Minister, mit dem deutschen Reichskanzler zur Debatte standen, erhöhte sich die Kritik gegen Herrn Bonnet noch mehr, und man begann in Frankreich zu verstehen, dass nicht nur die indirekten Beziehungen zu Polen sich verschlimmert hatten, sondern dass wir auch auf der anderen Seite direkt weder von der Ukraine noch von dem Reichskanzler Hitler noch von irgendeiner anderen gewaltsamen Aktion Mitteleuropas bedroht waren. Nach der Münchener Konferenz war man hier für eine Nichtintervention in die Probleme Ost- und Mitteleuropas, die voller indirekter Kriegsgefahren waren. Man erklärte, dass, wenn die Begegnung von Berchtesgaden in erheblicher Weise die Spannungen in Ost- und Mitteleuropa verminderte, man doch mit Leichtigkeit die Gefahren einer deutschen Expansion nach Westeuropa hin hätte bemerken können, und dass infolge der rücksichtslosen anti-französischen Kampagne Italiens die französischen Hoffnungen herabsinken mussten, dass eine derartige Orientierung für die sogenannte imperialistische Politik einen Erfolg bringen könnte. Die Beunruhigung hierüber wurde nicht vermindert durch die Ergebnisse, die die englischen Minister bei ihrem Besuche in Rom erzielten. Nach alledem vermehrten sich die Stimmen, die eine Klärung der Beziehungen zu Polen auf dem Wege über eine vernünftige Politik gegenüber diesem Staate forderten. Diese Stimmen mehrten sich täglich im wahren Sinne des Wortes. Sehr wichtig wurde die Tatsache, dass die Aktion der Kritiker des Ministers Bonnet sich nicht auf die unruhige Besorgnis über die Lage in Polen gründete und auch nicht durch die vernunftgemässe Besorgnis gegenüber der internationalen Lage bedingt war, die sich immer mehr für Frankreich verschlechterte, sondern dass man vielmehr schliesslich die Angst vertrat, dass, wenn Frankreich die ost- und mitteleuropäischen Fragen mit Desinteresse ansehe, unsere Stellung Deutschland gegenüber ausserordentlich schwierig werden würde. In dieser Atmosphäre von Angriffen der Presse, die in der Hauptsache wegen der polnischen Fragen ausgelöst wurden, machte der Minister Bonnet ein sehr geschicktes Manöver, das in der Deputiertenkammer während der Debatte über die französische Aussenpolitik begann. Die gesamte Presse war auf die Tribünen des Parlaments eingestellt. Mit einigen Ausnahmen, Herr Flandin trat hier besonders hervor, war es nur ein Deputierter, der es unterliess, auf Polen Bezug zu nehmen. Er war der einzige, der nicht erklärte, dass der Minister Bonnet kurzzeitig gehandelt habe, als er es unterliess, sich mit Ew. Ex. zu treffen. Dieses Mal wären es nicht nur die Freunde Russlands, die den für Polen günstigen Standpunkt verteidigten, sondern auch zahlreiche entschiedene Gegner des französisch-russischen Paktes. Objektiv wurde festgestellt, dass die Beziehungen zu Polen ihre Aktualität für die Mitglieder der Deputiertenkammer nicht verloren hatten, und dass unserer Ansicht nach dieser Stand der Dinge ein sehr positives Gesicht angenommen hatte. Minister Bonnet, der gegenüber den Angriffen der Presse und des Parlamentes sehr empfindlich ist, hat bis zum Schluss der Woche seine deutlichen Manöver, seine Angriffe zu zerstreuen, nicht unterbrochen. Er hat sich dann dazu entschlossen, über die französisch-polnischen Beziehungen zu sprechen. Ich z. B. hatte die grössten Schwierigkeiten, es durchzusetzen, dass die Pariser Presse die Unterredung veröffentlichte, die Ew. Ex. der North-American Press gewährte (in dieser Frage arbeitete der Quai d'Orsay offen gegen mich). Wie Ew. Ex. bereits bekannt ist, hat mir der Minister Bonnet in einer persönlichen Aussprache am letzten Freitag, den 20. ds., eine Erklärung über seine Ausführungen vom 26. ds. mitgeteilt, als Herr Bonnet in der Deputiertenkammer zweimal auf uns Bezug nahm. Es sind das die folgenden Sätze bei der Debatte über die französisch-deutsche Erklärung: „Ich brauche nicht zu sagen, dass ich mich über unsere Verhandlungen mit den wichtigsten Ländern, mit denen wir durch Bande der Freundschaft verknüpft sind: Polen, Belgien, England, Sowjetunion und die Vereinigten Staaten, genau informiert habe. Welchen Eindruck hat auf Sie das Abkommen gemacht? Herr Neville Chamberlain hat im Unterhaus erklärt, dass die englische Regierung eine besondere Genugtung darüber empfinde, dass Frankreich ein Einvernehmen mit Deutschland hat abschliessen können. In Amerika haben die Leitartikel der drei hauptsächlichsten Zeitungen in New York und Washington ihr Verständnis für die französische Politik Polen gegenüber zum Ausdruck gebracht, das auch erklärte, dass seine Regierung über den glücklichen Abschluss der französisch-deutschen Erklärung restlos befriedigt sei.“ Die zweite Stelle betrifft die Beziehungen zwischen Russland

Da commemorativo de um acontecimento de repercussão histórica. — Em 15 de março fez um anno em que Hitler collocou a Bohemia e a Moravia sob o protectorado do Reich grão-alemão. O Führer atravessando a cidade de Bruenn e entusiasticamente aclamado pelo povo libertado.



Jahrestag eines weltgeschichtlichen Ereignisses. Am 15. März jährte sich der Tag, an dem der Führer Böhmen und Mähren als Protektorat unter den Schutz des Grossdeutschen Reiches stellte. — Der Führer auf der Fahrt durch Brünn, von den befreiten Volksdeutschen jubelnd begrüsst.

und Polen: „Was die Beziehungen zwischen der Sowjetunion und Polen anlangt, so hatte ich am Montag verschiedentlich Gelegenheit, mich mit diesen Ländern zu verständigen. Beispielsweise während der Septembekrise stand ich in enger Fühlung mit Herrn Litwinoff, den ich mal in Genf, mal in Paris traf und mit dem russischen Botschafter in Paris, mit dem die Grundlagen der Politik unserer Regierungen im Einvernehmen mit dem Pakt von 1935 geprüft wurden. Frankreich unterhielt auch freundschaftliche Beziehungen zu Polen. Gemäss dem Geist unserer Verträge und im Zusammenhang mit der französisch-deutschen Erklärung vom 6. September verständigte ich den polnischen Botschafter über unsere Absichten. Die polnische Regierung dankte mir dafür, dass ich sie über den Gang der Ergebnisse auf dem Laufenden gehalten habe. Ebenso unterrichtete mich Herr Beck vor seiner Abreise nach Monte Carlo über die Einladung, die er von dem Reichskanzler Hitler erhalten hatte. Ausserdem muss ich die Kammer bitten, nicht das Abkommen zu vergessen, das zwischen Deutschland und Polen besteht und 1934 abgeschlossen wurde. Herr Beck erachtete es als unangebracht, unseren Botschafter über die Ergebnisse seiner Unterredung zu unterrichten. So sind wir mit der Warschauer Regierung stets in Fühlung geblieben, wenn wir es als nützlich erachteten, und wir haben Aussprachen geflogen, die sich durch die besonderen Beziehungen zwischen unseren beiden Ländern angesichts der Entwicklung der Ereignisse als gerechtfertigt erwiesen. Bei allen Gelegenheiten und ganz besonders letzthin wieder hat die polnische Regierung die Garantie ihrer Freundschaft für Frankreich als eine der wichtigsten Grundlagen ihrer Politik wiederholt. Daher, meine Herren, ist die Stunde gekommen, ein für allemal einen Schlussstrich unter die Auffassung zu ziehen, dass unsere Politik die Verträge zerstört habe, die wir in Osteuropa mit der Sowjetunion und mit Polen abgeschlossen haben. Diese Verträge existieren weiter und müssen in dem gleichen Geiste angewandt werden, wie dies aus meinen vorherigen Erklärungen hervorgeht, die später durch die Reden des Ministerpräsidenten Daladier vor der Abstimmung über das Vertrauensvotum in der Kammer abgegeben wurden.

Nachdem der Ministerpräsident kurz die Beziehungen zwischen Frankreich und seinen Nachbarn sowie den Vereinigten Staaten charakterisiert hatte, erklärte er: „Muss man noch betonen, dass die Regierung in keiner Weise die Pakte, die Frankreich mit anderen Völkern verbindet, schwächen will? Im Gegenteil, wir sind entschlossen, sie aufrecht zu erhalten.“

Wenn ich die erwähnten Äusserungen des französischen Ministerpräsidenten sowie des Aussenministers analysiere, so muss ich sagen, dass die Rede des Herrn Bonnet von Anfang an bis zu Ende den Charakter einer Verteidigung gegen die Kritiken trug, die an seiner Politik sowohl seitens der Presse als auch der parlamentarischen Redner geübt wurde. Seine Rede war mehr eine Geste als eine politische Haltung. Die Äusserungen des Aussenministers wurden von der Kammer mit Gleichgültigkeit aufgenommen, wo sie bloss und ausdruckslos wirkten. Die Rede des Ministerpräsidenten war energischer und zeichnete sich durch eine grössere politische Bedeutung aus, sowohl inhaltlich wie im Ton, und sie rief lange parlamentarische Debatten über die Aussenpolitik Frankreichs in einer Atmosphäre partipolitischen Interesses wie auch in einer rein patriotischen Atmosphäre hervor. Sicher ist aber, dass diese Rede keinen grösseren Erfolg hatte als diejenige des Herrn Bonnet und dass sie in keiner Weise die schon seit langem geschwächte Stellung des Kabinetts festigte. Ohne Zweifel hat der Minister Bonnet es vorgezogen, sich gegen die Angriffe zu verteidigen, ohne positive Richtlinien für die französische Aussenpolitik zu geben. Diese Haltung hat die Bedeutung seiner Erklärungen als einem Dokument der Politik der von ihr vertretenen Regierung herabgemindert.

Trotz allem, trotz der parlamentarischen Debatten und der Erklärungen der Regierungsmitglieder, die von einem Schritt vorwärts sprachen, den man getan habe, zeigen die politischen Auffassungen in Frankreich einen vollkommenen Zusammenbruch nach der Katastrophe der Münchener Konferenz. Das betrifft in erster Linie die mit Polen zusammenhängenden Probleme. Was die Beziehungen Frankreichs zu England, den Vereinigten Staaten, Italien und Deutschland anlangt, ebenso auch die spanische Frage, so haben die Erklärungen der Regierungsmitglieder nichts Neues in die Debatten gebracht, da die mitteleuropäischen Fragen nur leicht und in einer unpolitischen Form gestreift wurden, eine Tatsache, die auch für die Probleme des nahen Ostens gilt. Etwas Neues war jedoch die Erklärung, dass die Sowjetunion und Polen gegenüber übernommenen Verpflichtungen aufrechterhalten werden würden, denn damit wurde klar zum Ausdruck gebracht, dass Polen in freundschaftlicher und informativer Fühlungnahme über die Verhandlungen und Aussprachen mit Deutschland bleiben würde. Angesichts unserer Lage vor vier Monaten, muss an die Angriffe erinnert werden, deren Ziel wir nach der Münchener Konferenz waren, als die ukrainische Frage in den Vordergrund rückte und die französische öffentliche Meinung uns bis Ende Dezember streng zurechtwies. Eine erhebliche Mehrheit französischer Politiker wollte Mitteleuropa als deutsches Expansionsgebiet betrachtet wissen. Unter Berücksichtigung dieser Tatsache muss man die tiefe Veränderung feststellen, die sich in den politischen französischen Anschauungen ergeben hat, vor allem bezüglich Polens. An die Stelle der deutlichen Abneigung gegen Polen trat das Verständnis dafür, dass wir der einzige Staat des Kontinents sind, in dem das Problem der französischen Sicherheit entwickelt werden und eine ebenso wichtige wie

positive Rolle spielen kann. Diese Umstände müssen auf die Lage Frankreichs zurückgeführt werden, die sich verschlechtert hatte, vor allem auch auf die Gefahren, die Frankreich bedrohen und durch die die Bevölkerung beunruhigt ist. Ich glaube jedoch, dass dieser Umschwung nur ein Opportunitätssymptom ist. Die Haltung der französischen öffentlichen Meinung Polen gegenüber, die die Tendenz einer offensiven Verteidigung gegen Deutschland zeigte, erhielt jetzt eine neue Einstellung, die sich auch weiterhin auf die Verteidigung stützte, aber schon jeglichen offensiven Charakters entkleidet war.

Es würde gefährlich und unrichtig sein, zu versichern, dass die französische Regierung nicht den vollen Wert der Allianz mit Polen erkannte und entschlossen wäre, dieselbe zu einem wesentlichen Element ihrer Politik zu machen. Zunächst kann man wohl ironisch sagen, dass die französische Regierung, die es vermeidet, eine allzu kategorische Haltung einzunehmen, guten Willen bezüglich der Verträge zwischen Frankreich und Polen zeitigt und auf die Aufrechterhaltung guter Beziehungen zu uns bedacht ist. Das ist das Ergebnis nicht nur einer gewissen Niederlage, die die offizielle Politik Frankreichs nach der Münchener Konferenz kennzeichnet, sondern auch des Fehlens eines neuen positiven Planes in dieser Politik. Eine weitere günstige Entwicklung der französischen Politik uns gegenüber kann eintreten, entweder, wenn die Gefahren, die Frankreich bedrohen, grösser werden, oder wenn unsere Lage in Ost- und Mitteleuropa sich weiterhin festigt und unser Einfluss zunimmt.

In der französischen Politik kämpfen zwei Tendenzen: Einflussnahme auf die kleinen Staaten des europäischen Kontinents oder Benutzung derselben als Handelsobjekt mit Deutschland. Es ist natürlich, dass in dem Augenblick, in dem die Entwicklung der allgemeinen Lage und unserer im besonderen zeigt, dass eine Zusammenarbeit mit Polen nicht nur vom Standpunkt der Sicherheit, sondern auch von dem der elementaren Grundlagen der Sicherheit auf Kosten eines gewissen Risikos wichtig sein kann, naturgemäss die Einstellung zu der Allianz mit uns, die bisher nicht bestimmt war, eine positive und wünschenswerte Wendung nehmen wird. In diesem Punkte wird stets der Standpunkt der englischen Regierung von Einfluss sein, der sicherlich für die französische Politik entscheidend sein dürfte.

Ich gestatte mir, persönlich die Aufmerksamkeit des Herrn Ministers auf eine gewisse Aenderung zu lenken, die sich anscheinend in der französischen Politik bezüglich der Orientierung ihrer Beziehungen zu uns sowie des Paktes mit Russland vollzogen hat. Wenn man vor dem September die Sowjetunion als den Hauptalliierten in Osteuropa betrachtete, der unter Umständen einen Druck auf uns hätte ausüben können, so ist die Lage jetzt anders. Polen hat die Rolle eines Alliierten Frankreichs übernommen, und Russland stellt mehr einen Hilfsfaktor rein formalen Charakters dar, um Polen den Rücken zu decken. Auch in dieser Hinsicht sind wir Zeugen der gesunden und wünschenswerten Entwicklung des Einvernehmens mit einem wirklichen Ausgleich der Kräfte im Osten Europas. Wenn wir alle vorgenannten Faktoren berücksichtigen, möchten wir unserer Ueberzeugung dahin Ausdruck geben, dass wir letzten Endes einen grossen Schritt vorwärts gemacht haben in unserem Streben, zu einer vollkommenen Harmonie und Normalisierung der Allianzbeziehungen zu Frankreich zu kommen, und zwar hauptsächlich infolge des Umschwunges in dem herrschenden Kriterium. In einer nahen Zukunft werden wir wahrscheinlich mit zwei Eventualitäten zu rechnen haben: einmal wird sich Frankreich durch Italien und Deutschland bedroht fühlen: dann werden wir Gegenstand eines Druckes durch Frankreich sein, das bestrebt sein wird, eine Erleichterung für seine Lage dadurch zu schaffen, dass es die Bewegungsfreiheit Deutschlands in einer gewissen Weise lähmt. Oder aber die Achse kann versuchen, die Lage in Europa zu bessern und ihm eine dauerhafte Ordnung zu geben, eine Tatsache, die uns sofort in die schwierige Lage versetzen würde, dass wir die Ergebnisse und Möglichkeiten unserer aufbauenden Friedensarbeit verteidigen und aktiv ausnutzen müssten. Nach meiner Ansicht würde diese Mission ausserordentlich schwierig sein, denn bisher hat unsere Rolle bei der Befriedung Mittel- und Osteuropas noch nicht begonnen. Die Politiker und die öffentliche Meinung in Frankreich — ich nehme an, dass in England das gleiche der Fall ist — die gegenwärtigen positiven Ergebnisse unserer Friedenspolitik als das Resultat eines momentanen guten Willens anzusehen, aber nicht als das Resultat unserer eigenen politischen Tätigkeit und Haltung. Aus all diesen Gründen erscheinen ihnen unsere Erfolgsmöglichkeiten als zweifelhaft. Unter dem Einfluss der jüngsten Ereignisse und ihrer Massnahmen, Herr Minister, müssen wir uns bewusst sein, dass Vertrauen in die Möglichkeiten Kraft bedeutet.“

Neuntes Dokument

Neuntes Dokument: Bericht des polnischen Botschafters in Paris, Jules Lukasiewicz an den Aussenminister in Warschau im Februar 1939. Streng vertraulich:

„Herr Minister. Vor einer Woche ist nach dreimonatigem Urlaub in Amerika der Botschafter der Vereinigten Staaten, Bullitt zurückgekehrt. Seitdem habe ich mit ihm bereits zwei Unterredungen gehabt, die mir gestatten, Ihnen, Herr Minister, Mitteilung über seine Ansichten über die europäische Lage zu machen und Sie über die Politik Washingtons zu orientieren.“

1. Eine Politik der Vereinigten Staaten, die auf eine direkte Intervention in die europäischen Fragen abgestellt ist, gibt es nicht. Eine derartige Politik würde nicht möglich sein, da sie in der amerikanischen öffentlichen Meinung nicht die geringste Unterstützung finden würde, zumal da die nordamerikanische Politik ihre Haltung der Isolierung diesen Problemen gegenüber noch nicht aufgegeben hat. Was aber auf der anderen Seite besteht, dass ist ein grosses Interesse für alles, was mit der Lage in Europa in Zusammenhang steht. Vor diesem Interesse verblasst auch die Bedeutung der internen Fragen des betreffenden Landes.

Die internationale Lage wird von den amtlichen Kreisen als ausserordentlich ernst angesehen und man glaubt an die unmittelbar bevorstehende Gefahr eines bewaffneten Konfliktes. Die zuständigen Kreise sind der Ansicht, dass im Falle eines Krieges zwischen Frankreich und England auf der einen und Deutschland und Italien auf der anderen Seite, wenn dieser Krieg mit einer Niederlage Frankreichs und Englands enden sollte, Deutschland zu einer grossen Gefahr für die realen Interessen der Vereinigten Staaten werden würde. Aus diesem Grunde kann man schon jetzt voraussagen, dass die Vereinigten Staaten sich in schwierige Probleme verwickelt sehen werden. Der Botschafter Bullitt drückte sich über diesen Punkt in den folgenden Worten aus: „Wenn ein Krieg ausbrechen sollte, werden wir uns mit aller Bestimmtheit gleich zu Beginn nicht daran beteiligen, aber wir werden es sein, von denen sein Ende abhängen wird.“ Nach Ansicht des Botschafters ist diese Haltung der zuständigen Kreise in Washington nicht auf ideologische Gründe zurückzuführen, sondern auf die Notwendigkeit, die legitimen Interessen der Vereinigten Staaten im Falle einer englisch-französischen Niederlage zu verteidigen, denn sein Land würde sich dann ernstlich bedroht fühlen. Der Botschafter Bullitt erklärte, die Gerüchte, dass der Präsident Roosevelt gesagt haben sollte, die Grenze der Vereinigten Staaten läge am Rhein, seien falsch. Er versicherte hingegen, dass der Präsident Roosevelt gesagt habe, er habe Flugzeuge an Frankreich verkaufen müssen, weil das französische Heer die erste Verteidigungslinie der Vereinigten Staaten sei. Das entspreche seinen Ansichten.

2. Die von Italien Frankreich gegenüber gestellten Forderungen entbehren jeder Begründung und keine Argumentation kann sie rechtfertigen. Frankreich kann und darf daher niemals Konzessionen machen, auch keine scheinbaren. Jede Konzession Frankreichs würde sein Prestige in Afrika untergraben. Infolgedessen ist jeder eventuelle Kompromiss auf Kosten der französischen Interessen ausgeschlossen. Theoretisch besteht die Möglichkeit, dass in einem kritischen Augenblick England zusammen mit Berlin versuchen werde, Frankreich irgendein Kompromiss aufzuzwingen, das mit seinen Interessen unvereinbar wäre. Sollte dieser Fall eintreten, so kann Frankreich mit einer wirksamen Unterstützung Washingtons rechnen. Die Vereinigten Staaten besitzen England gegenüber verschiedene und sehr wichtige Zwangsmittel. Das blosses Drohen mit der Anwendung dieser Mittel würde genügen, um England von einer Kompromisslösung auf Kosten Frankreichs abzuhalten. Man muss in Rechnung ziehen, dass die Vorgänge im Nahen Osten ebenso wie das Ergebnis der Münchener Konferenz das Prestige Englands, das sich auf die öffentliche Meinung der Vereinigten Staaten stützte, geschädigt hat, andererseits aber weiss die öffentliche Meinung in Nordamerika auch sehr gut, welche Hoffnungen England auf die Mitarbeit und Unterstützung der Vereinigten Staaten legt. Unter diesen Umständen ist anzunehmen, dass Hitler und Mussolini die italienischen Forderungen an Frankreich nicht als Grundlage für einen offenen Konflikt mit England und Frankreich nehmen werden. Ein schwacher Punkt der Vereinigten Staaten ist natürlich die Tatsache, dass dieselben, obwohl sie ihre Haltung in einem eventuellen Konflikt festgelegt haben, sich an keiner Lösung der europäischen Probleme beteiligen, denn das würde ihnen die amerikanische öffentliche Meinung mit ihrer Isolationsstendenz nicht erlauben.

3. Die Beziehungen der massgebenden amerikanischen Kreise zu Italien und Deutschland sind negativ, eben weil die Ansicht herrscht, dass ein Sieg der Achse Rom-Berlin auch die Grundpfeiler der Vereinigten Staaten treffen würde, da er ja direkte und entscheidender Weise die Empire-Mächte bedrohen würde. Daher wird die Aussenpolitik Washingtons darauf abgestellt sein, einer eventuellen Entwicklung der Lage in diesem Sinne entgegenzutreten. In ihren Beziehungen zu Italien und Deutschland, verfügen die Vereinigten Staaten über verschiedene Zwangsmittel, die heute schon lebhaft besprochen und geprüft werden. Derartige Mittel allgemein wirtschaftlichen Charakters sind so, dass ihre Anwendung nicht auf den geringsten inneren Widerstand stossen würde. Auf jeden Fall aber würden sie eine starke Wirkung auf Rom wie Berlin nicht verfehlen.

Der Botschafter Bullitt ist der Ansicht, dass ein Druck der Vereinigten Staaten auf Italien und Deutschland auf der einen, sowie auf England auf der anderen Seite einem bewaffneten Konflikt und einer den Interessen Washingtons ungünstigen Entwicklung desselben vorbeugen würde.

Auf meine Bemerkung, dass man im Augenblick nicht klar sehe, ob die Vereinigten Staaten bereit seien, gegen Deutschland und Italien für die französischen Kolonien und folglich gegen gewisse ideologische Systeme zu kämpfen, erklärte der Botschafter Bullitt kategorisch, die Haltung Washingtons hänge einzig und allein von den realen Interessen der Vereinigten Staaten und nicht von irgendwelchen ideologischen Problemen ab. Ich muss hinzufügen, dass der Botschafter Bullitt da-

von überzeugt ist, dass Frankreich den italienischen Forderungen energischen Widerstand entgegenzusetzen wird, sodass eine englische und deutsche Vermittlung nutzlos bleiben müsste. Ich möchte mich meinerseits im Augenblick aller Kommentare zu den Äusserungen des Botschafters Bullitt enthalten. Ich bleibe jedoch bemüht, von ihm noch einige ergänzende Aufklärungen zu erhalten. Auf jeden Fall erscheint es mir als sicher, dass die Politik des Präsidenten Roosevelt in der nächsten Zeit darauf abzielen wird, den Widerstand Frankreichs zu stärken und sowohl den deutsch-italienischen Druck als auch die englische Abneigung gegenüber den übernommenen Verpflichtungen abzuschwächen.

Zehntes Dokument

Zehntes Dokument: Der polnische Botschafter in London, Edward Racinski an das Aussenministerium in Warschau:

„Heute hat der parlamentarische Sekretär für den Aussenhandel Hudson bei mir gefrühstückt. Ich hatte ihn mit mehreren Mitarbeitern sowie Beamten des Foreign Office eingeladen. Hierbei bot sich Gelegenheit, in freundschaftlicher Weise ein Missverständnis richtigzustellen, das zwischen uns und den Engländern über die englische Einfuhr nach Polen (Festsetzung der Kontingente) bestand. Hierüber sende ich unter dem Datum des 1. März und unter Nr. 57 einen Bericht. Der befriedigende Verlauf, den diese Frage genommen hat, schuf die günstigen Vorbedingungen für einen freundschaftlichen Meinungsaustausch. Mr. Hudson, den ich schon seit mehreren Jahren kenne, wenn auch nur oberflächlich, hat auf mich einen starken Eindruck wegen seiner etwas primitiven, aber energiegeladenen Haltung sowie deswegen gemacht, weil er auch über sehr heikle politische Themen mit aller Offenheit spricht. Seine Methoden unterscheiden sich sicherlich erheblich von der Diskretion, die von den Beamten des Foreign Office gewahrt wird.“

Mr. Hudson verbarg daher auch nicht seine Ueberzeugung, dass alle grundlegenden englischen Bemühungen darauf abgestellt seien, der deutschen Drohung entgegenzutreten. Die Gefahren, die von Italien herkommen könnten, hält Mr. Hudson für wenig bedeutend. Er sagte mir, dass Italien wirtschaftlich so erschöpft sei, dass es sich eine eigene Initiative, England zu bedrohen, nicht erlauben dürfe. Auch dem deutschen Problem gegenüber zeigte er grossen Optimismus. Er sagte mir, wir hätten die Gefahr schon halbwegs überwunden, dieselbe könne füglich schon als beseitigt betrachtet werden. Vor allem wünsche Deutschland stark eine wirtschaftliche Verständigung wegen seiner ersten Wirtschaftslage, die sich nach Ansicht von Mr. Hudson infolge des Rückganges der Exporte im Sommer dieses Jahres noch verschärfen wird. Mr. Hudson meinte, dass eine deutsch-englische Wirtschaftsverständigung sehr wahrscheinlich sei. Ausserdem sei die englische Regierung entschlossen, keinen europäischen Markt abzugeben und nicht auf die englischen Besitzungen zu verzichten. Dies schliesse jedoch nicht aus, dass England bereit sei, Deutschland den Vorrang auf gewissen Märkten zu lassen, auf denen es die erste Rolle spiele.

Was die Berliner Besprechungen anlangt, erwähnte er u. a., er habe von dem neuen rumänischen Minister in London, Herrn Tiler, eine Mitteilung erhalten, dass Deutschland sich entschlossen habe, seine Haltung gegenüber Ungarn zu ändern, dem es Hilfe für die Landwirtschaft, die Einrichtung grosser Fabriken und die Entsendung von Fachleuten zusagte, und zwar auf Grund der neu geschaffenen deutsch-englischen Wirtschaftslage. Mr. Hudson erklärte, er habe die Nachricht des Herrn Tiler durch andere Quellen bestätigt erhalten. Er gab dann seinem Vertrauen in die günstige Entwicklung der Ereignisse Ausdruck und sagte wörtlich: „Jetzt handeln wir auf wirtschaftlichem Gebiet und zerstören das deutsche System zweiseitiger Transaktionen. Im Herbst werden wir Göring zwingen, nach London zu kommen. In einem Jahr werden wir einen Rüstungsbeschränkungsvertrag haben. In achtzehn Monaten wird das schmerzhafteste Geschwür der kolonialen Rohstoffe beseitigt sein, und auf diese Weise werden wir den Frieden sichern und das zerstörte politische Gleichgewicht wiederherstellen.“

Das gleiche Vertrauen zeigte Mr. Hudson in seinen Worten bezüglich des Erfolges seiner Besprechungen in Berlin, die, wie er meinte, ihn nicht daran hinderten, an eine „Politik der Fortentwicklung der Widerstandsmittel“ zu denken. Näher auf die Politik seines Landes eingehend, sagte er, die britische Politik habe die Methoden der letzten mehr als zwanzig Jahre aufgegeben und in den Prinzipien diejenige der Kampfepoche zu Ende des 19. Jahrhunderts wieder aufgenommen, d. h. der Zeit Joseph Chamberlains und folglich die Tradition der Wikinger.“

Charakteristisch waren seine Bemerkungen über Russland. Er fragte mich zuerst, wie ich die russische Macht beurteile, sodann, welche Bedeutung wir dem kürzlich mit der Sowjetunion abgeschlossenen Handelsvertrag heimesen, drittens, ob man an enge Beziehungen zwischen uns und den Sowjets denken könne, viertens ob ich glaube, dass die Russen an freundschaftliche Beziehungen mit Grossbritannien interessiert seien, und welche günstigen Ergebnisse er für seine Verhandlungen über Wirtschaftsfragen bei seinem Besuch in Moskau erwarten könne. Ich antwortete auf diese Fragen im diplomatischen Stil. Besonders auf die vierte Frage eingehend, bemerkte ich, dass die jetzigen Sowjetvertreter sich bemühen, den Eindruck grosser Selbstsicherheit zu erwecken, sodass eine Kriegsfahrt nur für den Westen bestehe.“

HELMUT ANDRA, NITEROI:

Menschenhandel und Seeherrschaft

ENGLAND UND DER SKLAVENHANDEL - ERLÄUTERT AM BRASILIANISCHEN BEISPIEL (1800-1860)

(1. Fortsetzung)

M. Bomfim urteilt einmal folgend über die englisch-lusitanische Ehe und ihre Rückwirkungen auf Brasilien: „Diese grössere Freiheit in den Besitzungen Kastiliens erklärt sich ... aus dem viel stärkeren Druck Portugals auf das arme Brasilien. Nicht durch den eigenen Wert des alten Königreiches, sondern dadurch, was in seinem totalen Leben der Einfluss des Engländers bedeutete. In der Tat musste man mit Grossbritannien rechnen, hinter dem sich der Bragança duckte, sobald man das Ansehen Portugals beleidigte, wofür dann, unter dem Titel eines Alliierten, das grosse Imperium nach seinem Wohlgefallen Nutzniesser alles dessen war, was der Souveränität Portugals unterstand. Wohlan, es ist leicht einzusehen, dass Brasilien zu dem Leibgedinge des Verbündeten gehörte. Heute noch sind wir Schutzbefehlener Englands, wie es Portugal war, und haben unsere Unabhängigkeit aus den Händen Englands empfangen, in den Grenzen, die ihm beliebten und die seinem Vorteil dienten. In allen Gebieten der Staatsgewalt wurde das arme Brasilien von ihm behandelt wie Portugal... Von der englischen Interessenpolitik ergrieffen, mussten wir mit ihr gehen, durch alle Kniffe und Schleichwege, die ihr eigentümlich sind. 1807 versucht England sich am Rio da Prata festzusetzen; noch nicht 10 Jahre später begünstigt es die Emanzipierung der spanischen Kolonien. So sieht die Verbindung mit dem Volke aus, das uns die Form unserer Unabhängigkeit vorschrieb. Eingeschlossen in diese Portugal gegebene

Protektion, hatten wir unter ihr zu leiden. Es gibt keine Gelegenheit, die England die Möglichkeit bot, seinen Vorteil zu unserem Schaden zu suchen, die es nicht ausgenutzt hätte.“ Und Bomfim zitiert nach dem unverdächtigen Mello Moraes einige Fälle. 1745 hegte England den Plan, sich des Gebietes von Santa Catharina zu bemächtigen. 1812 kaufte es sich den portugiesischen Aussenminister, Rodrigo Coutinho, Graf von Linhares, der von D. João die Unterschrift für eine Urkunde zu erreichen suchte, die Santa Catharina dem englischen Handel überliess. Aber Galveas, den Franzosen verpflichtet, entlarvte den Plan und D. João, nachdem er das Papier in Fetzen gerissen hatte, zahlte Coutinho den Lohn für die Verräterei mit dem Stocke aus, worauf dieser aus Scham (?) Gift nahm. Ob sich das so verhielt, steht nicht fest; der Geschichtsschreiber kann hier nur von einem Gerücht sprechen. Wir wissen, dass, als England Portugal-Brasilien zur Erreichung seiner Pläne am Plata vorschoben wollte, Linhares als Aussenminister nach Buenos Aires eine Aufforderung schickte, die spanischen Kolonien sollten sich unter die Schutzherrschaft Portugals stellen, da das Napoleon unterworfenen Mutterland sich nicht um sie kümmern könne, und schloss diese freundschaftliche Aufforderung mit dem einladenden Satz: „Für den Fall, dass sie sich nicht beileben würden, sich freundschaftlich mit Brasilien zu vereinigen und sich desselben Glückes wie dieser Staat zu erfreuen... würden sich

der Prinzregent in Übereinstimmung mit Grossbritannien gezwungen sehen, zu den Waffen zu greifen.“

(Rocha Pombo, Hist. do Brasil, VII. Band, S. 241-42.) Der Plan wurde zunächst zurückgestellt, da man, durch die Ereignisse in Spanien veranlasst, vorläufig erst einmal die Gemahlin D. Joãos, eine spanische Prinzessin, vorschob. Graf Linhares aber, so erscheint uns, war gerade zur Zeit seines plötzlichen Todes bestrebt, aus der mit England vereinbarten portugiesischen Tragikomödie am Plata Ernst zu machen und damit englische Wünsche zu durchkreuzen.

Als 1808 der portugiesische Hof infolge seines Vasallenverhältnisses zu Albion vor Napoleon nach der Neuen Welt flüchten musste und Rio de Janeiro Sitz der portugiesischen Regierung wurde, erfolgte diese Uebersiedlung unter Geleit und Schutz britischer Kriegsschiffe. Der englische Schutzherr überliess sein auswanderndes Müdel auch jetzt nicht sich selbst. Mit gutem Grund, hatte doch John Bull bereits ein Versprechen in der Tasche, das es einzulösen galt. „Sobald die portugiesische Regierung in Brasilien eingerichtet sein wird, wird man Verhandlungen über einen Hilfs- und Handelsvertrag zwischen der portugiesischen Regierung und Grossbritannien schreiten.“ Das geschah nun 1810. Das Handelsabkommen war nicht mehr und nicht weniger als ein Diktat, so dass selbst der bekannte portugiesische Staatsmann jener Zeit, Graf Palmella, entsetzt ausrief, jener „Vertrag sei der schädlichste und einseitigste von allen, die bisher von unabhängigen Nationen abgeschlossen worden seien.“ Der geforderte Preis für die englische Hilfe würdigte Portugal und seine Besitzungen zu britischen Dominien herab. Nur einige Punkte des freundschaftlichen Diktates brauchen gestreift zu werden, um diese Tatsache klar hervorzuheben. Die britischen Einfuhrwaren wurden nach diesem „Vertrage“ in Brasilien, einem Teile des portugiesischen Reiches, mit niedrigeren Abgaben besteuert als die Waren des Mutterlandes; mit diesem Vertrage hatte also Lusitanien „freiwillig“ eine Würgefaust an die Lebensader seines Aussenhandels gesetzt. Portugal räumte ausserdem gern Britannien die berühmt-berüchtigte sogenannte „Conservatoria“ ein, also eigene Gerichtsbarkeit für dessen Söhne und Handel auf brasilianischem Boden, mit eigenen Gerichtshöfen in den Hafenstädten. Es schuf damit ein übles Erbe für das junge Kaiserreich, das diesem jahrzehntlang ernste Sorgen und grösste Demütigung bereitete. Doch damit nicht genug. Der Prinzregent musste auch in der Sklavenfrage bedingungslos nachgeben und die — wenn sie tatsächlich durchgeführt werden sollte — für das damalige Brasilien geradezu verhängnisvolle Verpflich-

tung eingehen, innerhalb weniger Jahre den Sklavenhandel vollständig zu unterbinden. In der Zwischenzeit sollen die Nigger schliesslich aus portugiesischen Besitzungen in Afrika eingeführt werden. Die Ueberwachung der Durchführung dieser Bestimmung übernahm freundlicherweise die englische Flotte. Selbst der bedeutende Historiker der Aussenpolitik des brasilianischen Kaiserreiches, João Pandia Calogeras, der höflich fast stets eine Entschuldigung für englische Uebergriffe bereithielt, weiss dazu nichts Beschönigendes zu bemerken. „Um die Schwere des begangenen wirtschaftlichen und politischen Fehlers zu verringern, kann man vielleicht als mildernden Umstand anführen, dass die lusitanische Regierung sich vollständig in den

John Bull als Mitglied der Regierung bekämpft den Sklavenhandel, John Bull als Kapitalist finanziert ihn unter fremder Flagge;

der eine als Mittel zur Festigung der Beherrschung der Meere, der andere um Geschäfte zu machen. Sie sind einig; sie sind eins. Ebenfalls der Ausdehnung und Festigung der britischen Seeherrschaft dienten die Versuche Albions, auf dem Wiener und später auf den Kongressen von Aachen und Verona die übrigen Nationen zur Billigung der Gleichsetzung von Sklavenhandel und Piraterie als allgemeines Prinzip des internationalen Rechtes zu bewegen und damit das gegenseitige Recht zu erwerben, sogar in Friedenszeiten Schiffe anzuhalten und zu durchsuchen. Da England damals die einzige Seemacht von Rang auf der Erde war, hätte dieses Recht in der Praxis nur einseitigen Wert gehabt und die Anerkennung des Briten als Polizisten der Meere bedeutet. Was man ja auch gewollt hatte. Aber die anderen Nationen bedankten sich unverständlicherweise höflich für das selbstlose Angebot. Nur Portugal zeigte sich 1817 mit der englischen Kontrolle seiner Schiffe „einverstanden“. Dieser Vertrag von 1817 „lässt recht deutlich und sichtbar die unglückliche Stellung erkennen, zu der Portugal herabgedrückt wurde, das seine Souveränität aufgab und seine Untertanen, wenn auch nur teilweise, der englischen Rechtsprechung unterstellte. Noch klägerlicher gestaltete sich aber diese Stellung durch das neue Uebereinkommen von 1823. (Moraes.)“ England verfolgte seinen Weg unbeirrt weiter. Während bisher noch die Bedingung auf dem Papier gestanden hatte, die Aufbringung sei nur statthaft, wenn afrikanische Sklaven an Bord angetroffen wurden, von denen es sich herausstellte, dass man

Händen Englands befand, und zwischen diesem und der französischen Gefahr erschien es wie die Schale einer Nuss zwischen Hammer und Amboss.“ Das stimmt, bestätigt aber nur die Stellung Portugals als die eines Vasallenstaates und beleuchtet grell die Tatsache, dass England bei günstiger Gelegenheit seine „Freunde“ kaltblütig und ungerührt auszuplündern pflegt. Das hat Portugal ja auch in diesem Jahrhundert erfahren, als sein britischer Freund den Kolonialbesitz der Luso ungefragt an Dritte abtreten wollte, um wertvollere politische Freundschaften einzuhandeln. Moraes, einer der besten brasilianischen Kenner der Sklavenfrage, fasst die Auswirkungen des Artikels 10 des Diktates in folgende Worte: „Mit der Unterzeichnung der beiden Verträge aber hatte England das Schicksal und die Unabhängigkeit Portugals in Händen, vergewaltigte den Sinn des erwähnten Artikels 10 und übte die moralisierende Polizeiaufsicht über die Meere aus. Sobald es argwöhnte, ein portugiesisches Schiff habe Sklaven an nichtportugiesischen Küsten Afrikas geladen, machte es Jagd darauf, untersuchte es, beschlagnahmte die Ladung, eignete sich das Schiff ohne alle Umstände an. Dr. Antonio Pereira Pinto, gestützt auf durchaus erwiesene Tatsachen, bestätigt — in seinen „Anmerkungen zum Internationalen Recht“ —, dass der englische Kreuzer Schiffe selbst innerhalb der in jenem Abkommen (Art. 10 des Vertrages) festgelegten Grenzen aufbrachte und ebenso über die beschlagnahmte Ladung verfügte, ohne die geringste Einmischung der rechtmässigen Besitzer zu dulden... Die Beschwerden hörten nicht auf, und selbst England musste die Berechtigung einiger anerkennen, trotz der fast unübersteiglichen Schwierigkeit, vor seinen Gerichten die Willkürlichkeit zu beweisen.“

Auf dem Wiener Kongress 1815 musste Portugal in der Sklavenfrage weitere englische „Wünsche“ annehmen, wenn ihm auch für unberechtigte Wegnahmen von Schiffen 300.000 Pfund Sterling versprochen wurden, wozu Oliveira Lima auf Grund von Dokumenten aus dem Besitz des Archivs des brasilianischen Aussenministeriums bemerkt, dass ein guter Teil dieser Entschädigung in die Taschen englischer Spekulanten zurückgeflossen sei, die sich der portugiesischen Flagge bedienten, um ihren verabscheuungswürdigen Handel zu tarnen. Es bietet sich also wieder einmal ein sonderbares Schauspiel, das den Kenner der englischen Kolonialgeschichte aber nicht überrascht;

sie an Plätzen der afrikanischen Küste eingeschiffte hatte, die nach dem Vertrag den Sklavenhändlern untersagt waren, genügten nun für die Aufbringung blosser Anzeichen, dass das Schiff dem Sklavenhandel diene. „Was das Schicksal der an Bord vorgefundenen Neger anbelangt, so war es im allgemeinen gleichbedeutend einer neuen und schlecht getarnten Sklaverei, wenn wir dem Glauben zu schenken haben, was englische Parlamentsmitglieder, Richter und Schriftsteller zu verschiedenen Zeiten sagten und schrieben. Sie entgingen der Sklaverei in Brasilien und fielen in die Sklaverei in den englischen Kolonien (Moraes).“ Der Abgeordnete Gibson erklärte am 24. Juli 1817 im Parlament: „Wenn Schiffe an der brasilianischen Küste aufgebracht werden, schiekt die Regierung die Neger nach unseren Kolonien. Warum? Weil wir in unseren Kolonien Arbeitskräfte benötigen, bedienen wir uns dieses Mittels, um sie mit Negern zu versorgen.“ Dem ist nichts hinzuzufügen, und weitere Zitate sind überflüssig.

II.

Die Lösung Brasiliens aus dem portugiesischen Reiche und seine Konstituierung als unabhängiges Kaiserreich, das die Hälfte des südamerikanischen Kontinents umfasste, konnte zu einer Gefährdung des dank der portugiesischen Gefügigkeit errungenen Einflusses Englands in Südamerika und zu Schwierigkeiten rechtlicher und politischer Art hinsichtlich der im Südatlantik ausgeübten Polizeigewalt führen. John Bull war aber nicht gewillt, eine einmal gleichviel auf welche

Weise errungene oder angemassete Vormachtstellung aufzugeben und Gebiete, die seinem Einfluss und seiner Kontrolle unterstanden, gutwillig freizugeben, auch wenn diese ihre Unabhängigkeit erklärten. Eine solche staatliche Verselbständigung durfte nur nach Massgabe eines britischen Gutachtens, unter Bewahrung und Erweiterung seiner Vorrechte kommerzieller und politischer Art erfolgen. Die Verhandlungen um die Anerkennung der neuen Lage seitens Portugal und Grossbritannien zogen sich nach 1822 (dem Jahr der Unabhängigkeitserklärung) noch jahrelang in London hin, und der brasilianische Unterhändler, General Brant, berichtete von dort seinem Vorgesetzten, „die britische Regierung nehme nur engere Beziehungen zu Gesandten auf, welche die Interessen ihres Vaterlandes denen Englands opfereten.“ Und Canning, der bekannte englische Staatsmann, äusserte zu ihm, „eine Sache höre auf, gerecht zu sein, wenn sie unmöglich ist“, d. h. wenn England sie für unmöglich, mit seinem Vorteil unvereinbar hält. Und ein anderer hoher Diplomat liess Brant gegenüber die unverblümte Drohung fallen,

„ein Nelson könne in Rio de Janeiro Bedingungen wie die von Kopenhagen diktieren.“

Man erinnert sich dabei daran, dass seinerzeit mitten im Frieden in Kopenhagen englische Kanonen den Dänen britische Wünsche erläuterten. — Brant rät aber in einem an den Kaiser gerichteten Schreiben zu Festigkeit. „Welche auch immer die Drohungen sein mögen, sie (die Engländer) werden nicht über Worte hinausgehen; die Triebfeder des Verhaltens Englands ist sein Vorteil und der hängt viel mehr von der Freundschaft Brasiliens als von der Portugals ab.“ Er warnte auch, wenn die wahre Absicht der Mission Stuart im Abschluss eines Handelsvertrages bestehen sollte, diesen unter keinen Umständen auf länger als vier Jahre abzuschliessen, um nach kurzer Zeit Irrtümer und Zwangskonkessionen wieder gutmachen zu können. Diese Mahnung wurde leider nicht beachtet, was sich bitter rächen sollte. Und voller Einsicht fuhr er fort: „Da im Juli der gegenwärtige (Handels-)Vertrag (mit England) abläuft, wird das der früheste Zeitpunkt unserer Anerkennung durch England sein; denn wie sehr England auch vorgeben mag, die Interessen Portugals zu vertreten, wird es doch nie seinetwegen gegen uns Krieg führen, sobald seine eigenen Interessen gerettet und sicher sind.“ Brant schlug Portugal auch direkte Verhandlungen vor, ohne den britischen Vermittler länger zu bemühen, um dem Mutterlande „die herabwürdigende Stellung für seinen Unterhändler zu ersparen, in Rio de Janeiro die englischen Botschafters auftreten zu müssen.“ Und selbst der portugiesische Aussenminister gab darauf in einem Geheimschreiben an Brant zu, dass es besser für die gewünschte Aussöhnung der beiden Brudervölker sei, wenn sie „nicht von einem Ausländer betrogen würden, der sich einzumischen beliebt, Beistand vorschützend, aber zu seinem Nutzen, oder Missheiligkeiten sich einbildet, um im Trüben zum Schaden der Völker zu fischen, die sich zu versöhnen wünschen und benötigen.“

Mit dem Erlöschen (1825) des noch aus der Zeit der portugiesischen Herrschaft stammenden Handelsvertrages schien für England eine vertragliche Regelung der Beziehungen zu dem jungen Kaiserreich geboten zu sein. Mr. Stuart stellte sich in Rio ein, zugleich als Bevollmächtigter der portugiesischen Regierung. Zunächst schloss Mr. Stuart in seiner Eigenschaft als portugiesischer Unterhändler (Portugal hatte die so wichtige diplomatische Mission, vielleicht die bedeutendste in seiner Geschichte, wahrscheinlich um einem noch entwürdigenderen Schauspiel zu entgehen, der tatsächlichen Lage entsprechend, ganz in britische Hände gelegt und keinen eigenen Vertreter entsandt) einen Friedens- und Bündnisvertrag Portugals mit Brasilien ab (August 1825), einen Vertrag, der in Brasilien Empörung, in Portugal keinen reinen Beifall und nur in Britannien volle Zufriedenheit auslöste. Die Portugiesen hatten neben einigen höfisch-zeremoniellen Aeusserlichkeiten zu bemängeln, dass „der Pakt von einer ausländischen Macht diktiert wurde.“

England hatte es fertig gebracht, eine von Lissabon 1823 in der Hauptsache zur Niederdrückung der Freiheitsbewegung in Brasilien aufgenommene Anleihe von dem durch den Verlust seiner grössten und reichsten Kolonie in seiner Wirtschafts- und Finanzkraft noch weiter geschwächten Lande auf das neue Imperium abzuwälzen und dieses so von vornherein unter angelsächsische Zins-herrschaft zu bringen. (Fortsetzung folgt)

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopathico S. Paulo

Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9 bis 18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Eben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Dr. Max Rudolph

Allg. Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Beirahlungen

Consult.: Pr. Ramos Azevedo 16, II., Tel. 4-2576

Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337

Sprechstunden v. 3-5, Sonnabends v. 11-1 Uhr

Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allg. Chirurgie — Röntgenapparat

Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 10-12 Uhr

Rua Barão de Itapetininga 130 - II. andar - Tel. 4-0038

Dr. G. H. Nick

Facharzt für innere Krankheiten.

Sprechst. täglich v. 14-17 Uhr
R. It. Badaró 73, Tel. 2-3271

Privatwohnung: Tel. 8-2263

Dr. Erich Müller-Carioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe

Röntgenstrahlen - Diathermie

Ultraviolettstrahlen

Konsult.: R. Aurora 1018 von

2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898.

Wohnung: Rua Groenlandia

Nr. 72. - Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke

Ludwig Schwedes

Rua Lib. Badaró 318

S. Paulo, Tel. 2-4468

Erwin Schmied

Dentist

Umgezogen nach

Largo Santa Efigenia 1

3. Etod, App. 32

(Eingang von der Brille)

Sprechstunden von

8,30-18,30 Uhr, Sonn-

abends: bis 12 mittags

Deutsche Apotheke

In Jardim America

Anfertigung ärztl. Re-

zepte, pharmazeutische

Spezialitäten - Schnelle

Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843

Tel. 8-2182

Juckt es, dann niemals kratzen



Verwenden Sie

Mitigal



Es beruhigt schnell jeden Juckreiz und hilft bei schwierigen Hautaffektionen

ERFAHRENE

Sekretärin

für erstklassigen Posten in Rio von bedeutender Importfirma gesucht. Flott in Stenographie, Maschinenschrift. Muss mit ABCCode, d.h. Englisch entsp. vertraut sein. Längere Brasilpraxis. gute Kenntnisse der Landessprache erforderlich.

Angebot mit ausführlichem Lebenslauf, worin absolute Vertrauenswürdigkeit nachgewiesen, nebst Gehaltsanspruch, Bild, unter „R. S. A.“, an die Expedition des Blattes

Fogg bringt ein Mädchen mit

Roman von WALTHER KLOEPFFER — Verlag August Scherl GmbH., Berlin.

(5. Fortsetzung.)

Die jungen Dorfburschen aber zupften an ihren Schlippen herum, setzten den Hut maniclicher, und der Sternmoser-Hans, der sich unbeobachtet wähnte, zog sogar seinen Scheitel nach. Sie redeten viel und laut durcheinander, stiessen sich heimlich mit den Ellbogen an und tranken häufiger als sonst aus ihren Gläsern. Der Martl bat die Anna, sein frisches Glas anzutrinken, und dann wurde getanzt, und die Anna glitt von einem Arm in den anderen ...

Etwas später gingen auch Frau Engasser und der Verwalter Tutschek die Stiege hinauf. Viktoria war von ihm um einen Tanz gebeten worden und wollte ihres Mannes wegen nicht unhöflich sein. Der Professor sass unten in der Gaststube beim Pfarrer und Lehrer und beackerte sein Lieblings Thema. Das Ehepaar Engasser war überhaupt nur deshalb anwesend, weil der Gastwirt Kern so dringend gehen hatte, ihm die Ehre ihres Besuchs zu schenken. Aber viel Freude hatte Viktoria an dieser Begleitung nicht. Tutschek kam gerade zu einem Walzer recht. Es liess sich nicht abstreiten, dass er ein blendender Tänzer war; aber er drückte seine Partnerin zu eng an sich und war ihr auch sonst unangenehm. Als der Tanz zu Ende war, sagte Viktoria: „Ich möchte jetzt wieder hinunter, es ist so schwül hier.“

Mitten auf der Treppe, die zufällig leer war, riss Tutschek Viktoria an sich und versuchte sie zu küssen. Sie bog ihr Gesicht zur Seite und klatschte ihm ihre Hand auf die Wange. Dann eilte sie davon. Der Verwalter züchtete vor sich hin: „Das zahle ich dir heim, du hochnäsiges Frauenzimmer.“ Dann schritt er langsam wieder empor in den Saal. Er stellte sich an die Schenke und trank mehrere Gläser Kognak, um seine Niederlage hinunterzuspülen. Von hier aus bemerkte er Anna.

Diese war von einem Arm zum anderen gewandert. Denn jeder der jungen Burschen wollte mit ihr tanzen. Der Martl sass einsilbig und eifersüchtig am Tisch, schlückelte sein Bier, und der ganze Abend war ihm verdorben, weil die Anna gar nicht mehr zu ihm zurückkam. Die allgemeine Ausgelassenheit hatte jetzt ihren Höhepunkt erreicht. Die

Burschen sangen Spottverse aufeinander, und da auch welche aus den umliegenden Dörfern gekommen waren, war dies keineswegs harmlos. Dem Fenzl sein Aeltester schielte missgünstig zu zwei Büchlkamern hinüber, die sich mit einem Schellenberger Mädchen unterhielten. Dann fing er mit überkippeuder Stimme herausfordernd zu krähen an:

„D' Büchlkamer warnd a Leut' —
Wenn s' a Geld ham, gehn' s' a weit;
Wenn s' koans ham, gehn' s' langsam!
Wissts was, ihr könnt's uns allzamm!“

Einer von den Büchlkamern schrie nicht faul dawider:

„Ich möchte eine Zeitlang aussetzen, Herr Tutschek. Bisschen schwindlig, verstehen Sie. Die Burschen hier sind so wild.“

„Dann rate ich Ihnen, ein wenig an die frische Luft zu gehen. Ich begleite Sie, wenn Sie gestatten. Uebrigens herrscht ziemlich dicke Luft hier; wenn mich nicht alles täuscht, wird es heute noch eine Rauferei geben, und dem möchte ich Sie nicht aussetzen.“

„Wirklich?“ meinte die Anna erschrocken.

„Ja, leider. Die Leute können ja nicht Mass halten.“ Er sagte „Bitte!“ und ging ihr voran die Treppe hinunter.

„Wie das guttut! Droben war es so heiss. Ich glaube, ich bin auch ein bisschen betrun-

walter den Vorschlag, noch ein bisschen spazierenzugehen oder eine Tasse Tee bei ihm zu trinken, weil es zum Heimgehen noch zu früh wäre. Anna dachte an ihren Kummer und an das ihr vercidete Doktorhaus und nickte. Dann schritten sie durch schlafende Felder dem Schloss zu, und Tutschek redete unbefangen, obwohl alles in ihm nach dem Mädchen schrie. Vor dem Verwalterhaus hatte Anna leise Bedenken, aber Tutschek gelang es, diese zu zerstreuen.

Die Nacht war frisch, aber nicht kalt, und senkrecht über dem Schloss stand ein einzelner grosser Stern. „Bitte, einzutreten!“ sagte Tutschek und drehte das Elektrische im Hausflur auf. Anna war noch ein wenig wirbelig im Kopf, aber im grossen ganzen war ihr Zustand nicht unangenehm. Tutscheks kleine Junggesellenwohnung versetzte sie in helles Entzücken. „Ach“, sagte sie nur und strich mit den Fingern schein über die Damastbespannung eines Sessels. Dieses Wohnzimmer, zartblau und mit honiggelben Biedermeiermöbeln ausgestattet, war ja noch viel schöner als jenes im Alsterhotel, das sie durch Trüben verdunkelt gesehen hatte. Wer in einem solchen Zimmer wohnte, konnte kein böser Mensch sein ...

„Nichts Besonderes, aber gemütlich“, meinte Tutschek beiläufig und war um einen Platz für sie besorgt. „Sessel? Ja? Halt, Sie müssen auf das Sofa; dann haben Sie das ganze Zimmer im Blickfeld. Hier sind die Teesachen. Ich fände es reizend, wenn Sie sich ihrer annehmen würden.“

Das war der Tee, und das war das Zimmer. Anna fand, dass sie es schon lange nicht mehr so nett gehabt hatte. Sie taute auf und erzählte von Hamelskoog, von sich, von ihrer Arbeit. Nur über Fogg schwieg sie hartnäckig. Später stieg Tutschek in den Keller und brachte eine verstaubte Flasche Wein.

„Oh, Wein? Heute nicht mehr, danke!“ „Ein ausgesprochener Damenwein, Fräulein Anna. „Wein auf Bier, das rat' ich dir.“ Nicht? Geli. Sie werden mir doch keinen Korb geben? Ich will Ihnen verraten, dass die Fürstin diese Sorte besonders bevorzugt“, lächelt Tutschek.

Anna liess ihren Widerspruch fallen. Sie versuchte einen Schluck. „Fein, wunderbar! Ich habe noch nie etwas so Schönes getrunken!“ „Das freut mich“, sagte Tutschek, hob gegen Anna das Glas und zwang sie, mitzutrinken. Später stammelte Anna: „Mir ist jetzt ganz komisch. So leicht, so schwebend. Aber müde bin ich, Herrgott! Gleich schlafe ich Ihnen ein.“

Tutschek lachte. „Darf ich mich ein bisschen zu Ihnen setzen? Was für kleine Hände Sie haben! Und diese kleinen Patscherl müssen so schwere

Confeitaria

Aeltestes und vornehmstes Haus



Viennense

Nachm. und abends gutes Konzert

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo

„Hemmerl, bi bi, Hemmerl, ho ho, Wennst mir koa Oa net legst, Stich i di o.“

— was gegen die Schellenberger ging, die rundum als Notnickel verschrien waren. Der Wirt Kern suchte Ruhe zu stiften. Er gab den Musikanten einen Wink, einen flotten, lauten Landler aufzuspielen.

Tutschek drängte sich zu Anna durch, die mit roten Backen an einer Säule lehnte. Der Kognak hatte ihn aufgepulvert und aufs neue unternehmungslustig gemacht. War's die Engasserin nicht, würde es eben die Anna sein. Dieses Schäfchen von der Wasserkante kam ihm gerade recht. War ja viel zu schade für diese Schellenberger Muhagl und Töpel. Er begann gewandt:

„Ach, Fräulein Anna, wie nett! Auch da? Eben sehe ich Sie. Darf ich um den nächsten Tanz bitten?“

ken. Sie haben ja keine Ruhe gegeben. Wenn einer ein volles Glas hatte, musst' ich ihm Bescheid tun ...“, lachte die Anna und fächelte sich die erhitzte Stirn.

Wenn ich mir ein offenes Wort erlauben darf, Fräulein Anna — aber, bitte, nicht übernehmen! —, ist das überhaupt keine Gesellschaft für Sie. Die Herren drohen in Ehren, aber schliesslich ist das doch nicht das, was Sie suchen. Hinter dem Haus ist ein Obstgarten mit einer Bank. Darf ich Sie hinführen?“

Anna hatte gegen den Obstgarten nichts einzuwenden.

Tutschek gab sich sichtlich Mühe, nett zu sein und ihr Vertrauen zu erringen. Er plauderte interessant von allem möglichen und gefiel Anna immer besser. Da verschiedene andere Paare sich gegen den Obstgarten zu bewegten und gleichzeitig im Saal droben ein heftiges Geschrei losging, machte der Ver-

Vor
Annahme falschen Geldes
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim
**Banco Allemão
Transatlantico**
RUA 15 NOVEMBRO 268
und zahlen Sie ihre Rechnungen
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten
Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung,
um Ihnen die Kontrolle über
Ihre Zahlungen zu erleichtern.

Livraria Delinee

Aelteste deutsche Buchhandlung
Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden
rasch und gewissenhaft ausgeführt.

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestube

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung
unserer Kundschaft

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Curityba - Belem do Pará - Bello

Horizonte - Bahia

in anderen südamerikanisch. Ländern:

Buenos Aires - Montevideo

Santiago de Chile

**VIGOR-
MILCH**

Die beste Milch in São Paulo

S. A.

Fabrica de Productos
Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178

Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Deutsche Färberei und chem. Waschanstalt

„Saxonia“

Annahmestellen: R. Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
u. Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Lacke Pinsel Farben

und alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration

EMILIO MÜLLER / Rua José Bonifácio Nr. 114

Dienst am Kunden!

Jeden Wunsch nach Möglichkeit
gerecht zu werden, ist Grund-
idee unserer Organisation und
unseres geschulten Personals.

**Banco Germanico
da America do Sul**

São Paulo

Rua Alvares Penteadó 121
(Ecke Rua da Quitanda)

Rio de Janeiro: R. da Alfandega 5
Santos: Rua 15 de Novembro 114

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente
und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

OTTO BENDER

Rua Sta. Epligenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr.
Haff, Pfronten. - An- und Verkauf von
gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

Arbeit tun? Sie passen nicht nach Schellenberg, Anna. Man müsste Ihnen ein Schloss bauen an der Moldau oder ein Feenhäuschen an der ligurischen Küste ...

„Was bauen?“ murmelte Anna schläfrig.
„Irgend etwas Wunderschönes, das nur Ihnen gehört! Merken Sie denn nicht, was mit mir los ist ...? Ich bin ja so verliebt in Sie ...! Willst du mir nicht einen Kuss geben, Anna?“
„Doch! Gerne.“

„Der Postbote ist draussen.“
„Er soll nur hereinkommen“, erwiderte Fogg, der gerade an seiner Stummelfeife herumkratze. Es fiel ihm auf, dass die Anna seit heute morgen anders war als sonst. Traumverloren, unsicher, knapp. Auch geheult schien sie zu haben. Er schob dem Vorfall im Wohnzimmer die Schuld zu und urteilte: Das sind so Launen, das gibt sich schon.

Dr. Fogg den Betrag von RM. 8194.— überwiesen haben wolle?

„Du, Ameiser, heut' ist ein prima Tag für mich. So einer gehört vergoldet. Magst noch einen Kirsch? Doppelt genäht hält besser. Und da sind fünf Mark. Wieder ein Geld, von dem die Frau nichts weiss. Mach dir einen guten Tag damit!“

„Ich dank' dir halt schön, Josef! Aber soviel hätte es nicht gebraucht. Ist was Geschietes dringestanden? Das ist recht. Die anderen schimpfen immer, wenn ich einen Brief für sie habe.“

„Wie lange bist du denn schon bei der Post? Ich denke, du bist Schuster?“

„Weisst mit der Schusterei ist's nimmer recht weit her. Und wenn kein Geld ins Haus kommt, werden die Weiber spinnerig, vorab meine Alte. Da hab' ich die Posthotele angenommen. Ist eine arge Lauferei, lass dir sagen. Aber ein sicheres Einkommen

rauchte eine Zigarre um die andere. Fogg lief wie das fünfte Rad am Wagen mit und hatte Herzklopfen. Wie denn anders? Es hing ja so viel vom Ausfall dieser Untersuchung ab. Nach geschlagenen zwei Stunden, die Fogg wie zwei Tage vorkamen, versorgte Dolschi seinen Apparat wieder in den Koffer und meinte paffend:

„Wir können zufrieden sein. Es sind zwei ganz grosse Nester und zahlreiche schöne Adern da. Ich will Ihnen das nachher noch genau erklären. Das eine Nest hat zwei bis zehn Meter Mächtigkeit und erstreckt sich in einer Länge von fünfzig Meter. Es liegt mir ziemlich tief. Aber das tut nichts, wenn die Anlage einmal funktioniert.“

„Grossartig!“ murmelte Fogg und atmete auf. „Vielleicht gehen wir jetzt einen Bissen essen; dann können Sie mir gleich raten, wie ich die Sache am besten anpacke.“

„Aber vorher möchte ich Ihnen noch den

Knecht und der Fenzl seine drei ältesten Sprösslinge. Es war eine ganz stattliche Anzahl von hilfreichen Händen.

„Passt auf, Männer!“ begann Fogg. „Ich habe eine Neuigkeit für euch. Ich habe auf der Kuhleiten Graphit entdeckt und der Herr Doktor Dolschi war so liebenswürdig, das heute nachzuprüfen. Ihr kennt doch Graphit? Graphit ist eine wertvolle Sache. Man verwendet ihn in den Giessereien, für Schmierzwecke bei Maschinen, in der Galvanoplastik, kurz, da und dort in der Technik. Vor dem Krieg hat der Zentner zwanzig Mark gekostet. Nach den Feststellungen des Herrn Ingenieurs soll es sich um ein recht ergiebiges Lager handeln. Stellt euch mal vor, wenn man das nun abbauen könnte! Herrschaftseiten, das wäre eine Gelegenheit für Schellenberg! Denkt mal, was das für Arbeit und Verdienst wäre! Ich brauche das nicht weiter auszumalen, ihr begreift mich recht gut. Und jetzt ziehen wir alle miteinander hinaus und graben ein paar kleine Versuchsschächte, damit ihr euch selbst davon überzeugen könnt, was an der Geschichte Wahres ist.“

„Also, du meinst, dass es was wird, Josef?“ vergewisserte sich der Fenzl.

„Jawohl, das meine ich“, erwiderte ihm Fogg, und seine Augen glänzten.

Der Fenzl stiess ein Gejuchze aus, dass die goldgeränderten Tassen im Glasschrank klirrten. „Los, Männer! Wir packen's!“ Sie schulterten ihre Werkzeuge und schritten, ein seltsamer und vielbestaunter Zug, nach der Kuhleiten.

Sie spuckten in die Hände und warfen an den Stellen, die Dolschi ihnen bezeichnete, das Erdreich aus. Weil sie alle neugierig waren, ging es munter voran und wie im Akkord. Zwei Stunden später kam die Anna und brachte in einem Korb einen kleinen Imbiss, Brot, Wurst, Flaschenbier. Sie verteilte den Inhalt, dann ging sie mit gerunzelter Stirn davon. Der kurze Rock schling um ihre sehngedrechselten Beine. Der Martl sah ihr verzückt nach. Dass sie ihn gestern so schön behandelt und einfach sitzengelassen hatte, war schon wieder vergessen bei ihm. Vielleicht war es ihr schlecht geworden? Was wusste man denn.

„Hast schon das Neueste von der gehört?“ fragte dem Fenzl sein Aeltester brotkauend. Er und der Martl arbeiteten an dem selben Loch. „Sie hat was mit dem Tutschek. Der Schellori hat sie heute früh aus der Verwalterwohnung kommen sehen.“

„Das ist gelogen!“ brauste der Martl auf. „Fragst halt den Schellori selber!“ erwiderte der andere achselschuppend. „Der Schellori sagt, er hat nicht schlafen können mit seinem Asthma, und da ist er gegen das Schloss zugegangen, und da hat er sie herauskommen sehen so gegen vier.“

„Der Schellori ist ein alter Depp!“
„Aber seine Augen sind gut, lass dir sagen. Ich wollt', ich hätt' solehe. Bei uns kann ja keiner einen Huster tun, ohne dass es die ganze Gemeinde erfährt. Ich versteh' gar nicht, wie sie gerade an den Böhm hingerat'. Aber umsonst hat der sie uns nicht gespannt, Brüder! Dem werd' ich halt wieder das Gesims abräumen müssen. Ich besinn' mich schon die ganze Zeit, was man dem antun kann.“

Der Martl biss auf seinem hellblonden Schnurrbärtchen herum und schwieg. Dass du so was machst, Anna, hätt' ich nicht von dir gedacht! grübelte er traurig. An diesem Brocken hab' ich eine Zeitlang zu kanen. Er stürzte sein Bier hinunter, griff nach dem Pickel und hieb auf das Gestein los, dass die Finken sprangen. Sie waren bereits durch die Erdkrume durch.

Der vom Fenzl liess sich mehr Zeit. Er schlang gemächlich den letzten Bissen hinunter, setzte einen Schluck Bier darauf und sagte: „Eine Saubere ist die Anna, schon, hast

„Kannst ihm einen Kirsch einschenken. Den mag er.“

„Na, Ameiser, altes Haus, was bringst du?“
„Ein Telegramm hätte ich und ausserdem eine portopflichtige Dienstsache.“

„Zeig mal her!“
Fogg riss zuerst das Telegramm auf. „Ankomme heute mittag 12.35 Uhr. Bitte abholen, Dolschi.“ Famos, dachte Fogg. Nun kam wenigstens das mit der Kuhleiten in Schwung. Lange genug hatte er sich nicht blicken lassen, der Herr Ingenieur. Der Brief hingegen war aus Hamburg und von der Polizei. Die Buchstaben wackelten ein bisschen vor Fogg's Augen. Der Inhalt besagte in dürren Worten, dass man den Einbrecher, ein vielfach vorbestraftes Subjekt, nunmehr dingfest gemacht habe. Den grösseren Teil des gestohlenen Geldes habe man sichergestellt. Wohin

ist es doch. Ich muss jetzt um ein Haus weiter. Pfüat di, Josef!“

Nach dem Essen holte Fogg „Schorschli“ aus dem Stall und fuhr an die Bahn. War doch eine rechte Wohltat, so ein Wagen. Zwar war „Schorschli“ das verrottetste Gefährt in ganz Niederbayern und hatte Launen wie eine Primadonna, aber wenn er in Schuss war, sauste er los wie ein Achtzylinder. Elurgeiz hatte er, das musste man ihm lassen. Fogg bootete den Ingenieur ein und steuerte zurück nach der Kuhleiten.

„Also hier liegen die Goldfelder von Alaska“, sagte Dolschi. Sie unschritten erst einmal das ganze Gelände und besichtigten den aufgelassenen Steinbruch. Dann packte der Ingenieur den Apparat aus dem Lederköfferchen und setzte ihn an verschiedenen Stellen an. Er machte sich fortwährend Notizen und

Beweis liefern, dass Sie sich auf meinen Apparat verlassen können. Sie bestellen einige Leute, die an den von mir bezeichneten Stellen nachgraben müssen. Sie sollen sich selbst überzeugen.“

„Fogg war Feuer und Flamme.“

Sie fuhren zum Doktorhaus, und ein Kind aus der Nachbarschaft wurde mit einem Zettel zu Fogg's vier Kameraden geschickt.

„Das sind nämlich meine Vertrauensleute hier. Ich habe sie auf die Kuhleiten bestellt, damit sie mir beim Nachgraben helfen. Sie sehen dann gleich mit eigenen Augen das Ergebnis“, erläuterte Fogg.

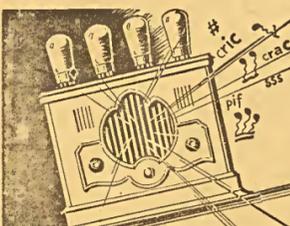
Es dauerte nicht lange, und die vier rückten an. Der Ameiser, auf dessen Erscheinen er kaum gehofft hatte, besass zufällig seinen dienstfreien Nachmittag. Der Bürgermeister hatte den Martl mitgebracht, der Wirt seinen

Zum Hirschen Hotel und Restaurant
 Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
 São Paulo Inh.: Emil Russig

Dres. Lehfeldt und Coelho
Dr. Walter Hoop
 Rechtsanwälte
 São Paulo, Rua Libero Badaró 443.
 Tel: 2-0804, 2. St., Zim. 11-16/ Postfach 444

Aufgebot
 Der deutsche Staatsangehörige **Georg Paul Rowalewski**, Schlosser und Maschinenbauer, ledig, geboren am 23. März 1915 in Osterode, wohnhaft in Rio Caçador, Santa Catharina, Sohn des Georg Rowalewski und der Auguste geborenen Glieg, und die deutsche Staatsangehörige **Berta Dora Anni Vingenover**, Hausfrau, ledig, geboren am 17. November 1919 in Wisterzelle, Tochter des Paul Vingenover und der Berta geborenen Wöbbling, wohnhaft in Rio Caçador, beabsichtigen vor dem unterzeichneten Beamten die Ehe einzugehen.
 Cruzeiro, 14. März 1940.
Gaiffer
 Deutscher Konsul in Cruzeiro

Der Radioapparat funktioniert nicht mehr!



... denn seine Töne sind nicht mehr rein und klar. Auch Ihre Harnwege können nicht mehr gut funktionieren, wenn sie nicht rein gehalten werden. Machen Sie deshalb von Zeit zu Zeit eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



HELMITOL
 BAYER

Deutsche Edelstein Schleiferei
 N. Krüninger
 Größte Auswahl in gefassten und ungefassten Edel- und Halbedelsteinen
 Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Light)
 Telefon: 4-1083 und privat 4-2240

Hugo Lichtenthaler
 Rua Aurora Nr. 135
Aeit. deutsches Möbelhaus
 Grosse Auswahl in kompl. Zimmern und Einzeilmöbeln. - Auch TAUSCH u. KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Deutsche Schustererei
 Rua Sta. Ephigenia 225
 Ausführung all. ins Fach schlagenden Arbeiten
Hermann Radelsberger

João Knapp
 Klempner, Installateur
 Registr. Rep. de Aguas e Esq. Rua Mons. Paffa-lauca 6. Telefon 7-2211.

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten
Casa Brasil
 Damenschuhe bis zur Nr. 40
 16545 Louis XV., jap. Form 40\$000, 45\$000
 Das Gans, welches best. bedient u. reelle Preise hat
 Rua Sta. Ephigenia 285
 nahe der Rua Aurora

Werner Pfeffer
 Nickelação Cambucy
Rua Lavapés 801
 SÃO PAULO

Damen-Schönheits-Institut „ELSE“
 Dauerwellen (elektr. u. nicht elektr.), Ondulation u. Wasserw., Maniküre, Färben u. Mass.
Rua Domingos de Moraes Nr. 84-c
 Telefon 7-5480

g'hört. Die gefällt nicht bloss dir und dem Tuschek. Aber mit den Weibern hier hat sie's verdorben. Was meinst, was es wegen der Krach und Komödie und Eifersucht seit gestern abend gibt? Wenn die noch länger in der „Sonne“ geblieben wär, wär's schon da losgegangen. Aber so haben sich's die Weiber auf den Heimweg aufgespart."

„Heute abend acht Uhr findet im Saal zur „Sonne“ eine Versammlung statt zwecks Gründung einer Genossenschaft zur Ausbeutung des auf der Kuhlentein vorkommenden Graphitlagers. Hierzu ist die gesamte Einwohnerschaft Schellenbergs höflichst eingeladen. Eintritt frei. Kein Bierzwang. Zahlreiches Erscheinen wird erwartet.“

Die Einberufer: Stefan Gsodmair, Dr. Josef Fogg.“
 Diese Bekanntmachung schellte der Gemeindefreier Leidl an den vier üblichen Plätzen mit lauter und gemessener Stimme aus, indem er sich eines so vorzüglichen Hochdeutsch bediente, dass sein verstorbener Lehrer sicher seine helle Freude daran gehabt hätte. Dann ging er würdevoll heim zu seiner Drehbank; denn er war Drechsler. Die neugierigen Köpfe der Schellenberger verschwanden aus Fenstern und Haustüren.

Ein höllisches Tempo hatte der Fogg-Josef, das musste ihm der Neid lassen. Zuerst und sofort nach jener erfolgreichen Versuchsgang hatte er im Beisein Dolschis seine vier Vertrauensmänner bearbeitet. Er klärte sie auf, riss sie mit und gewann sie schliesslich, nachdem er die Bedenken Gsodmairs und Kerns sturmreif geredet hatte. Am nächsten Tage hörte man dorfauf, dorfab nichts anderes als Graphit, Graphit. Manche sprachen es misstrauisch aus, manche begeistert, die meisten aber ohne Uberschwang und abwartend. So dann hatte Fogg die Einberufung dieser Versammlung betrieben, die gleichsam das Fundament für alles Weitere war. Er hatte dem Leidl zwei Zigarren geschenkt, damit er gut und laut spräche und nicht die Hälfte verschluckte, wie es seine Art war.

So, und nun war es glücklich so weit. Der Saal begann sich allmählich zu füllen. Es roch nach altem Bier und welken Birkenbäumchen, und der Boden lag noch voll durrer Tannennadeln. Scherzworte flogen hin und her und dann und wann ein derber Witz. Ein paar tranken Bier, die meisten aber saßen trocken da und vertrieben sich die Zeit mit Geradcauschauen und Schnupfen. Manche hatten Sonntagsgewänder an, manche waren von der Arbeit weg erschienen.

„Es wird voll“, stellte Fogg erfreut fest. Er und der Bürgermeister sassen hinter einem Tisch mitten auf dem Podium, wo sonst die Musik amtierte. Fogg hatte feuchte Hände und war ein wenig aufgeregt.

„Ja“, erwiderte der Gsodmair einsilbig und suchte seine Brille. „Meinst, wir können anfangen?“

„Warten wir noch ein bisschen.“
 Später schwang der Bürgermeister die Glocke und eröffnete die Versammlung. Dann erteilte er Fogg das Wort zu seinem Referat. Dieser überflog prüfend die dunkelbrodelnde und sich langsam zurechtschiebende Masse, schielte auf seinen Spickzettel und hub an. Er hegann mit der wirtschaftlichen Lage des Dorfes, mit Noterei und Krankheit, was ihm viele „Bravo!“ und „Sehr richtig!“ eintrug. Dann leitete er über zu seinem Fund und den ersten Vorarbeiten. Er redete von einem unerhörten Glücksfall und von Sünde, diesen nicht auszunützen. Dann gab er einen kurzen Ueberblick über die Graphitgruben in anderen Gegenden. Ueber ihre Ergiebigkeit,

über die Abbaumethoden, über altmodische Förderweisen und über neuzeitliche Maschinen und Anlagen. Man merkte, dass er gut vorbereitet war. Dann sprach er von der Kuhlentein selbst. Das Graphitlager dort sei nach fachmännischem Urteil ergiebig, liege nahe an der Oberfläche, und zwei 25-Meter-Schächte würden vorerst genügen. Allerdings müsse an die Grube ein Aufbereitungswerk angeschlossen werden, damit das Erz gleich gereinigt werden könne; denn nur versandfertiger Graphit mache sich bezahlt. Er hielt dann noch einen erläuternden Vortrag über Zerkleinerungsmaschinen, Ausschwemmungsverfahren und die Güte des hiesigen Graphits, gemessen an der Erzeugung anderer Orte. Er schloss:

„Mein Grundstück stelle ich zur Verfügung. Aber wir müssen jetzt an Kapitalbeschaffung denken. Das beste wäre eine Genossenschaft nach dem Grundsatz: Einer für alle, alle für einen. Geteiltes Risiko und geteilter Nutzen. Jeder gibt soundso viel her und hat dann soundso viel Recht und Anwartschaft. Ich sehe keinen anderen Weg, wenn der Gewinn in Schellenberg bleiben und nicht irgendeiner fremden Unternehmerschaft zufließen soll. Ich und der Ingenieur aus München und vier von euch haben das bereits gründlich durchbesprochen. Ich bin bereit, als erster achttausend Mark einzulegen, und beanspruche keinerlei Bevorrechtigung.“

„Fogg setzte sich. Er hatte sich warmgeredet und schwitzte. Der Gsodmair schwang die Glocke.“

„Ich danke Herrn Doktor Fogg und will einiges dazu sagen. Ich weiss, dass manche unter euch beim besten Willen nichts zeichnen können. Aber von den anderen hoffe ich, dass jeder sein möglichstes tun wird. Wir wollen doch daran denken, dass wir das Geld nicht zum Vergnügen hergeben, sondern zur Arbeit- und Brotschaffen. Wir werden die nötige Summe vielleicht nicht ganz zusammenbringen, aber ein Haufen Namen und kleine Zeichnungen ist auch schon etwas wert. Die Behörde sieht dann unseren guten Willen und unser Interesse an diesem Plan. Und dann, es soll sich jeder vor Augen halten, dass er es ja nicht umsonst tut. Er steckt sein Geld in eine Sache, die sich gut verzinst. Also, Männer, seids geschick! Meldet sich jemand zur Aussprache?“

Ja. Der Schellori will das Wort. Sein verstopptes, faltiges Gesicht beherbergt zwei schlane, zwinkernde Augen. Er füttert erst noch seine Nase, dann legt er los:

„Du sagst „Zeichnen“, Gsodmair. Wieviel denn?“

„Jessas, das hält' ich schier vergessen! Also es werden später Anteilscheine ausgegeben. Gestaffelt zu 50, 100 und 1000 Mark. Ich für meine Person nehme einen zu 1000.“

„Respekt! Musst viel Geld daliegen haben, Bürgermeister!“ rief der Schellori und hieb sich aufs Knie.

„Was heisst daliegen? Im Kasten oder im Strumpf hab' ich's natürlich nicht. Oder auf dem Sparbüchl wie du. Ich muss es halt aufnehmen. Und so werden es die meisten von euch machen müssen.“

„Also Schulden machen. Noch mehr. Schulden auf jeden Kopf. Ein sauberes Rezept ist das!“ kicherte der Schellori.

Gsodmair überhörte diese Ungehörigkeit und erklärte: „Mich kommt es auch nicht leicht an, das dürft ihr mir glauben. Geldaufnahmen tut keiner gern, und ein Tausender ist ein Tausender. Aber wisst ihr etwa einen besseren Rat? Soll sich der Doktor um einen fremden Geldgeber umschauen, der bloss den Gewinn einschleibt und seine Arbeiter schlecht zahlt? Bedenkt doch, wir haben dann den ganzen Betrieb in der Hand, und niemand kann uns dreinreden. Wir können dann die Löhne machen und die Zinsen nach Gerechtigkeit festsetzen, und jeder kommt zu seinem Sach!“

Diese Rede verfehlte ihren Eindruck nicht. Das leuchtete ein und schob das gelässige Gebelber des alten Kranewitter in den Hintergrund. Wenn nur ein einziges nicht wäre — das Geld! Die Schellenberger sind halt wie

die Menschen überall. Gutartig und hilfsbereit, solange es kein Geld kostet. Aber wenn das Zahlen angeht, ziehen sie die Fühler ein und gebärden sich wie eine Schnecke. Und dann gleich so einen Haufen Geld! Bu! Das muss man überlegen, das muss man hin und herum drehen, und die Frau daheim hat doch schliesslich auch ein Wörtl mitzureden. „Und Risiko ist natürlich gar keines dabei“, krährte der Schellori angriffslos. „Wenn ihr jetzt da hinuntergrabt und immer weiter hinunter, und es kommt nichts mehr, kein Graphit und so'n Zeug — was dann?“

„Mach dir keine Sorge, Schellori! Das hat der Ingenieur doch schon längst festgestellt. Mit seinem Apparat. Wir waren selber dabei“, versetzte der Gsodmair spöttisch.

„Auf so Apparät gib ich gar nix. Hast es etwa schwarz auf weiss, Bürgermeister?“

„Mit dir ist kein Fertigwerden. Du bist ein Rindvieh, soweit du warm bist, Schellori! Halt endlich mal deinen Schnabel und lass die anderen reden! Also, will noch jemand das Wort?“

Es meldete sich niemand mehr. Der Kranewitter hatte ihre Bedenken bereits ausgesprochen. Risiko, Schulden und das Lamento daleim von den Weibern blieben übrig, wenn man es richtig bedachte. Ja, der alte Schellori war ein Heller ... Die Schellenberger schoben das Für und Wider hin und her in ihren schweren Köpfen wie auf einem Schachbrett. alsdann lassen wir's halt sein; ist ja so etwas im Gange, dachten sie und nahmen ein Schnupferl.

„Niemand? Gut. Dann lasse ich jetzt die Einzeichnungslisten herumgehen, und jeder soll den Betrag hinschreiben, für den er gut ist und den er meint.“

Eine plötzliche Unruhe ging durch den Saal, ein Aufstehen und Stuhlücken und Gescharre. Flucht. Erst drückten sich die Jungen hinaus, die nur aus Neugier gekommen waren und längs der Wand lungerten. Dann die gestandenen Männer, Bauern, Güter, Tagwerker, Heimarbeiter. Immer leerer wurde der Saal, und wer den Doktor Fogg genau ansah, konnte feststellen, dass er blass wurde. Es war ein teils verlegener, teils ganz unverblümter Aufbruch, eine Absage ganz einfach.

„So hab' ich mir's vorgestellt. Genau so und nicht anders“, brummte Gsodmair an den blassen Doktor Fogg hin. „Aber du hast ja nicht hören wollen, Josef!“

Was zurückblieb, waren ganze zwölf Mann. Den Fenzl, den Ameiser und den Wirt eingerechnet. Als der letzte seinen Namen hingemalt hatte, sammelte der Bürgermeister die Listen ein.

„Wieviel, Stefan?“ fragte Fogg.
 „2200 Mark ohne das deinige.“
 „Meine Herren, damit kann man keine Genossenschaft aufrichten, wie ich sie brauche. Aber ich danke Ihnen für Ihren guten Willen!“ murmelte Fogg, und die Niederlage brannte wie Pfeffer in seinem Blut.

Der Fenzl stiess wilde Beschimpfungen aus gegen die Schellenberger und schrie: „Ich mit meinen fünfzig Mark hab' ja auch nicht recht gewusst, wo hernehmen. Aber es wär schon gegangen. Schämen sollen sie sich, die verbohrten Stössl!“

„Du, Josef“, flüsterte der Ameiser Fogg ins Ohr, „weiss, ich hab' ein Sparbüchl, von dem meine Afra nichts spannt, es sind 128 Mark drauf. Wenn ich das abheb', tät das langem, meinst?“

„Ich danke dir schön, Ameiser! Aber lasse das Geld nur auf der Sparkasse. Ich brauche viel, viel mehr“, flüsterte Fogg zurück.

„Also dann erkläre ich die Versammlung für geschlossen“, sagte der Gsodmair und schichtete seine Papiere zusammen.

„Und die Kuhlentein wird abgehaue, so oder so, darauf gebe ich euch mein Wort!“ schrie Fogg wütend, stieg vom Podium und verliess mit wahren Landknechtsschritten den Saal.

Dralle Birkenwasser
 enthält natürlichen Birkenessig

Weise, und würde die Taten folgen lassen. Nachdem die Schellenberger versagt hatten, musste ein anderer Kapitalgeber gefunden werden.

Bei der zuständigen Behörde hörte man Fogg heritwillig an, zollte seinem Eifer Lob und zeigte volles Verständnis für die schwierige Lage des Ortes Schellenberg. Aber man musste ihn leider darauf hinweisen, dass die vorgesehenen Mittel bereits eingeteilt seien. Vor allem müsste einmal das Regierungsprogramm durchgeführt werden; Sonderaktionen wie diese seien an sich zwar äusserst erwünscht, aber, wie gesagt, die Mittel, die leidigen Mittel —

Fogg bedankte sich und trat in „Sehorschis“ verkratzten Polstern die Rückfahrt an. Er war niedergedrückt, aber gleichzeitig fest entschlossen, es bei diesem Bescheid nicht begeben zu lassen, sondern nach einem anderen Ausweg zu suchen. Abgehetzt, wie er war, und schläfrig kam er heim und überfiel Anna mit der klassischen Arztfrage:

„Ist was los?“

„Ja, Herr Tuschek war da. Er sagte, es wäre sehr wichtig. Und er kommt später noch mal vorbei. Und ausserdem sollen Sie zu einem kranken Kind nach Götzenreuth.“

Die Anna titulierte ihn neuerdings mit „Sie“ und vermied das „Josi“, was Fogg ganz recht war. Ein bisschen Abstand konnte nicht schaden. Als Fogg aus der Ortschaft Götzenreuth zurückkehrte, wartete der Verwalter bereits im Wohnzimmer.

„Nun, Herr Tuschek?“

„Durchläucht schicken mich. Wir vom Schloss sind von Ihrer Entdeckung natürlich sehr überrascht. Aus der Versammlung ist nichts geworden, habe ich gehört? Ja, die Schellenberger! Es steckt eben kein Unternehmungsgest in den Brüdern. Alles gehen lassen, wie's dem lieben Gott gefällt — das ist so ihre Art. Solchen Leuten ist nicht zu helfen. Sie gestatten doch, dass ich mich setze?“

„Entschuldigen Sie, ich vergass vollkommen —!“

Tuschek konnte seine Schadenfreude über Fogs Schlappe nur schwer verbergen.

„Nun lassen Sie sich mal einen Vorschlag machen, lieber Herr Doktor! Schieben Sie die Gemeinde vollkommen beiseite und verhandeln wir zwei. Sie brauchen mir nicht

Ausspannung tut not!

Wenn man die klimatischen Verhältnisse berücksichtigt, dann darf man wohl ruhig feststellen, dass hierzulande oft intensiver gearbeitet wird als drüben. Besonders in den heissen Sommermonaten verspürt der Eingewanderte das lebhafteste Bedürfnis, vorübergehend auszuspannen. Für einige Zeit sich einmal völlige Ruhe gönnen, von Geschäften und unruhigen Zeitläuften nichts sehen und hören, wer möchte das nicht gerne?

Nicht jeder von uns kann Körper und Geist diese Erholung verschaffen. Der Existenzkampf wird von Tag zu Tag härter und rücksichtsloser und wieviel müssen auf eine Ruhepause Verzicht leisten, weil besondere Verhältnisse es nicht anders erlauben. Andere wieder halten sich für unentbehrlich und bereuen erst dann ihre Unterlassungssünde, wenn der geschwächte Körper streikt.

Soweit soll man es aber nicht kommen lassen. Wer jährlich eine Tonofosan-Kur durchführt, der verschafft dadurch seinem Organismus dringend notwendige Aufbaustoffe. Tonofosan, ein Bayer-Produkt, gibt Körper und Geist neue Frische und Widerstandsfähigkeit.

„Sublime“
 die beste Tafelbutter
Theodor Bergander
 Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Hinter den Kulissen der Pariser Zeitungswelt

Juden und Plutokraten machen Frankreichs öffentliche Meinung!

Der überwiegende Teil der französischen Zeitungen erhält seine Nachrichten von der grossen Agentur Havas, die es an Lügentaktik mit dem Reuterbüro in London ohne weiteres aufnehmen kann. Da aber auch die Presse im Ausland die französischen Nachrichten vielfach durch Havas direkt oder im Austausch durch andere Nachrichtenagenturen bezieht, ergibt sich die Wichtigkeit dieser Agentur für die Beeinflussung der öffentlichen Meinung des Landes von selbst. Da die Juden schon in der Frühzeit des modernen Zeitungswesens die Wichtigkeit der Nachrichtenvermittlung erkannt haben, nimmt es nicht Wunder, wenn auch Havas ebenso wie Reuter eine jüdische Gründung ist. Heute beherrscht der Jude Jacques Stern Havas, der erst im Vorjahr 20.000 Havas-Aktien ankaufte, über deren Preis man nie etwas erfahren konnte. Seine erste Tat als Hauptaktionär der Gesellschaft war die Besetzung aller wichtigen Ressorts mit Juden: Israel Hirsch wurde Chef des Nachrichtendienstes, der Jude de Grunberg führt die Zensur der Auslandstelegramme durch, während ein Vetter Léon Blums, Schumann, die Berichte für die ausländische Presse auffertigt und der Jude Arnold Yoxe die Berichterstattung für den Quai d'Orsay besorgt. Dass die Juden bei der Auswahl des Nachrichtenmaterials alles systematisch unterdrücken, was die Leistungen des nationalsozialistischen Deutschlands herausstellt, ist ebenso selbstverständlich wie die Tatsache, dass Havas die Lügenkampagne gegen das Reich mit allen Mitteln fördert und anführt.

Neben Havas bezieht vor allem die französische Provinzpresse ihre Nachrichten von der Agentur Fournier, die das zweitgrösste Nachrichtenbüro des Landes darstellt. Die Agentur Fournier ist die Domäne der Juden Bollack, Mayer, Nathan, Weill und Levy. Sie bekämpfen als „streitbare“ Juden prinzipiell innenpolitisch alle nationalen Regierungen und finden ihre besondere Spezialität im „Kampf gegen den Faschismus“.

Die Beeinflussung der französischen öffentlichen Meinung durch das Judentum beginnt also schon bei der Nachricht, da ihre Bearbeitung an den wichtigsten Stellen von Juden erfolgt und jeder, auch der unscheinbarsten Notiz, von ihnen sofort eine üble Tendenz unterschoben wird. Aber auch bei den Zeitungen selbst nimmt das Judentum die gleiche Stellung ein: an allen wichtigen Stellen der grossen Massenblätter sitzen Juden.

Der Getreidekönig als Zeitungsmann

Durch eine besonders üble Hetze gegen das nationalsozialistische Deutschland hat sich seit Kriegsbeginn „Epoque“ ausgezeichnet. Hier ist der Getreidekönig Louis Dreyfus der Redaktionsgewaltige. Sein Helfershelfer ist der Aussenpolitiker Henry de Kerillis, der zwar Nichtjude ist, dafür aber ein um so eifrigerer Verfechter der jüdischen Interessen, da er von den Juden sein Geld bezieht. Dreyfus sagt von ihm in einem vertraulichen Brief: „De Kerillis hat mit Talent und Feuer die Sache der Menschlichkeit in seiner Aussenpolitik vertreten, die Sache aller Zivilisierten gleich welcher Konfession. Dabei hat er sich für die unglücklichen Israeliten ein-

gesetzt!“ Mit anderen Worten: De Kerillis ist ein braver Knecht der jüdischen Plutokratie und richtet seine aussenpolitischen Betrachtungen nach den Wünschen des Weltjudentums.

Viel gelesen wird in Paris „Le Jour“, den der Jude Schwob beherrscht, der sich den französischen Namen d'Hericourt zugelegt hat und auch an „Epoque“ mitbeteiligt ist. Beim „Le Jour“ wimmelt es in der Schriftleitung nur so von Juden: dem Nachrichtendienst steht der Jude Bevrives vor, als Reklamechef betätigt sich der Jude Hecker. Beim „Matin“ ist wieder der Jude Cohen Chef der Nachrichtenabteilung, während man unter den Schriftleitern den Juden Kessel, Sommer und Hirsch begegnet. Der jüdische Kolonialminister Mandel, eine der übelsten Gestalten der französischen Politik, beeinflusst „Ce Soir“, das Organ der ehemaligen Volksfront, das vom Juden Jean Richard Block geleitet wird.

Ganz besonders typisch ist die Entwicklung beim Hauptorgan der Radikal-Sozialisten, dem „Ouvrre“. Das Blatt war vor dem Krieg scharf antijüdisch eingestellt und deckte schonungslos die Hintergründe der jüdischen Politik in Frankreich auf. Aber die Juden wussten sich zu helfen. In aller Stille kauften Jean Hennessy und Bauer die Aktienmehrheit des Blattes auf und wie mit einem Schlage verschwanden alle antijüdischen Artikel aus den Spalten des Blattes. Aber auch in der Schriftleitung trat bald ein nicht geringer Wechsel ein und heute sitzen an den einflussreichen Stellen überall Juden oder Judenfreunde.

In der Judenhetze gegen Deutschland an vorderster Stelle steht „Paris Soir“, ein typisches Geschäftsblatt, das von den Interessen der Textil- und Zuckerindustrie abhängt, da die Hauptbesitzer die Juden Preuvost und Béghon sind. Ersterer ist Präsident des Verbandes der Textilindustrie, während Béghon in der Zuckerindustrie eine grosse Rolle spielt. Unter sechzehn Schriftleitern befinden sich „nur elf arme unterdrückte Israeliten“, wie der Getreidejude Dreyfus zu sagen pflegt, der auch an diesem Blatt interessiert ist. „Paris Soir“ hat bereits im Jahre 1933 gegen das nationalsozialistische Deutschland einen grossen Verleumdungsfeldzug organisiert, in dem er eine grosse Zahl gefälschter und frei erfundener Dokumente über Deutschland veröffentlichte. „Ganz gross“ ist das Blatt in der Verfälschung von Führereden. Vielfach erinnert man sich auch noch die Sensationsnachricht dieses Blattes sein, die von einem Anschlag auf den englischen König berichtete, den ein Sekretär Julius Streichers inszeniert hätte. Das Dementi dieser Tatarennachricht stand dann ganz versteckt im Anzeigenteil.

Helene Dupuy-Brown ist die Besitzerin des „Petit Parisien“, dessen Hauptschriftleiter der Jude Elias Bloch ist. Zwölf weitere Juden halten alle wichtigen Posten in der Schriftleitung besetzt. Gerade diese Position ist dem Judentum besonders wichtig, da das Blatt mit einer Auflage von 1.5 bis 2 Millionen ein ausgezeichnetes Machtmittel darstellt und die öffentliche Meinung des Landes in weitgehendem Masse beeinflusst.

lange zu erzählen, ich bin ziemlich im Bilde. Man hat so seine Vigilanten unter dem Volk. Besserer Graphit kommt nicht aus Ceylon und nicht aus Madagaskar. Also kurz und bündig — die Fürstin will Ihnen das erforderliche Kapital zur Verfügung stellen. Wieviel brauchen Sie?“

Schon mies, wenn der seine Hände drinnen hat! dachte Fogg unbehaglich. „Herr Dolsch und ich haben für den Anfang an fünfzigtausend Mark errechnet. Löhne, Werkzeug, Grubenholz, die nötigsten Maschinen. Haben Sie denn noch flüssiges Geld?“

„Das lassen Sie nur meine Sorge sein, Verehrter! Also fünfzigtausend Mark sagen Sie? Hin. Schön, das geht. Wenn Sie wollen, können wir gleich die Bedingungen festlegen.“

„Lassen Sie mal hören!“

„Das Grundstück geht wieder in unseren Besitz über. Wir bekommen uneingeschränktes Verfügungsrecht über den ganzen Betrieb. Sie selbst würden mit einem sehr anständigen Hundertsatz, den wir noch vereinbaren, am Reingewinn beteiligt.“

„Abgelehnt! Sie brauchen gar nicht weiterzureden, Herr Verwalter.“

„Wieso? Und warum so aufgeregt?“

„Weil ich Ihr Spiel durchschaue. Herr Tutschek. Gott, die Fürstin —! Die versteht wohl nicht viel von derartigen Geschäften und verlässt sich auf Sie. Ich soll mich also Ihnen auf Gnade und Ungnade ausliefern? Und mit den Schellenberger Arbeitern springen Sie dann um, wie es Ihnen behagt? Möglichst niedere Löhne, was? Damit sie nie aus ihrem Dreck und ihren Sorgen herauskommen! Und das Schloss schiebt die fetten Profite ein. Für wie töricht und für wie gemein halten Sie mich eigentlich, werter Herr?“ Fogg schrie und hatte sich in eine richtige Wut hineingeredet. So ein Halsabschneider, so ein miserabler! dachte er zornig.

„Sie brauchen durchaus nicht so zu brüllen!“ erwiderte Tutschek gehässig. „Ich höre tadellos, Gott sei Dank! Und ich muss Ihnen leider sagen: Sie sind kein sachlicher Partner, mit dem man in Ruhe verhandeln kann.“

„Gehen Sie mir mit Ihrer Sachlichkeit! Wo so etwas anfängt, hört für mich die Sachlichkeit auf. Die Kuhleiten wird so abgebaut, dass die Bevölkerung auch einen greifbaren Nutzen davon hat. Lässt sich das nicht ma-

chen, weil ich das Geld nicht auftreibe, dann bleibt das Lager eben liegen, bis einmal die Gelegenheit kommt. So, und nun kennen Sie meine Ansicht!“

„Ich werde bestimmt nicht verfehlen, Durchlaucht davon in Kenntnis zu setzen“, antwortete Tutschek höhnisch.

„Davon bin ich restlos überzeugt. Adieu, Herr Verwalter!“

Während Tutschek im Ausgang in seinen Ueberzieher schlüpfte, forschte Anna ängstlich: „Was hat es denn gegeben, Basil? Ihr wart ja schrecklich laut.“

„Ich habe dem Kumpan da drinnen ein Geschäft vorgeschlagen, harmlos und in aller Güte. Und er schreit mich an wie den grössten Verbrecher! Und so was will studiert haben und ein gebildeter Mann sein ...? Das ist ein Rowdy!“

„Du mußt dich nicht kränken, Basil! Vielleicht meint er es gar nicht so“, tröstete sie und liebte seinen Arm. „Ich werde auch sehen, dass ich heute Abend kommen kann. Ich gehe einfach spazieren, wenn mich jemand fragt. Hast du mich denn noch ein bisschen lieb?“

„Wie kannst du fragen, Anuschka! Natürlich, sehr. Komm, gib mir einen Kuss!“

„Und wirst du mich auch immer gernhaben, Basil? Ich habe zuweilen solche Angst.“

„Du bist ein Schäfchen, Anuschka!“

Der Mai ging seinem Ende zu. Wiesen grüntem, Aecker keimten, Sonne schien. Die Kastanien staken voller weisser und roter Kerzen, Kirschen und Birnbäume blühten, und nur die Nussbäume und Akazien liessen sich Zeit.

Fogg hatte alle Hände voll Arbeit. Zwar hatte das Schloss sein Personal zu dem Urfahrer Arzt dirigiert, was eine höchstpersönliche Schikane von Tutschek war, aber dafür kam mehr und mehr die nähere Umgebung Schellenbergs in die tägliche Sprechstunde. Die Aussenpraxis war anstrengend, schlechte Verbindungen nach allen Seiten, weit entlegene Dörfer und Einöden. Sie war auch, wie gesagt, nicht sonderlich einträglich, aber das war für Fogg keine Enttäuschung. Manchmal zog ein Bäuerlein statt der Bezahlung ein Stück Rauchfleisch aus der Tasche. Oder die

Von den wenigen, antijüdisch eingestellten Zeitungen Frankreichs abgesehen, die zudem über keine hohen Auflagen verfügen, sitzen in fast jeder französischen Redaktion ein oder mehrere Juden, die auf diese Weise die öffentliche Meinung des Landes fabrizieren, was sich zudem auch als gutes Geschäft erweist: die Beherrschung der Presse wirft fette Dividenden ab.

Aber auch in der schönen Literatur sind die Juden in Frankreich heute massgebend. Die Presse preist immer wieder die neuen Romane der jüdischen Autoren als grosse Offenbarungen der Masse an, die sie gläubig kauft. Dazu kommt dann noch, dass auch

Blauer Heinrich, Kohldampf und dergleichen

Eine Blütenlese aus der Soldatensprache des Weltkrieges

Der seit dem Weltkrieg vorhandene Schatz der Soldatensprache an humorigen Ausdrücken ist bekannt. Das Volkshער betätigte sich schon damals in hohem Masse sprachschöpferisch. Kaum tauchte eine neue Waffe auf, schon hatte sie ihre volkstümliche Bezeichnung weg. Die heldische Hauptzier musste sich gefallen lassen, „Dunstkiepe“ genannt zu werden oder „Krätzchen“ und „Speckdeckel“, wenn sie aus Tuch bestand; das Gewehr hiess früher mal „Kuhfuss“, dann wandelte es sich zum „Schiesssprügel“ und zur „Knarre“; „Affe“ nennt man den Tornister wohl, weil er auf dem Rücken hockt wie jenes Tier manchmal bei seinem Brotherrn. So sind die ganzen „Klamotten“, die man bürgerlich als „Ausrüstung“ bezeichnen würde, durch eine deftige Benennung dem Landser leibeigen gemacht. Wenn der Soldat sich aus der Szenerie entfernt, kann er das auf die vielfältigste Weise ausdrücken; er „haut oder schwirrt ab“, er „verdünnsiert sich“, „verduftet“, „verblüht“ oder er „tigert los“, ja, es kann sogar Lagen geben, wo es strategisch richtig erscheint, zu „türmen“, das heisst, im „Schweinsgalopp“ zu verschwinden. Der Ruf: „Essenholer raus!“ ist dem Soldaten aller Waffengattungen liebliche Musik in den Ohren. Freudig wird im „Picknapf“ der „Schlag“ oder „Zug“ Essen gefasst, und dann geht es schwer mit dem „Schanzeug“ (Essbesteck) ran. Für den Zivilmenschen ist die militärische Speisekarte wenig appetitanregend, denn es gibt zum Beispiel: „Blauen Heinrich“ (Graupen), „Filzlaussuppe“ (Griessuppe), „Gehackten Hund“ (Büchsenfleisch) oder „Wickelgamaschen“ (Nudeln). Im Felde dazumal gab es leider oft den berüchtigten „Drahtverhau“ (Dörrge-

der Buchhandel heute in Frankreich weitgehend verjudet ist, so dass also die Beherrschung der öffentlichen Meinung durch die Juden auf allen Gebieten vollkommen ist. Nicht nur die grossen Bücherläden in den Hauptstrassen, auch die kleinen Leihbibliotheken und Antiquariate, aus denen die kleinen Leute ihren Lesestoff beziehen, befinden sich weitgehend in den Händen Judas, das ganz genau weiss, was es dieser Stellung zu danken hat. Wie weit im übrigen in Frankreich der Einfluss des Judentums gestiegen ist, geht aus der Invasion hervor, unter der das Land zu leiden hat: 1808 gab es in Frankreich nur etwa 46.000 Juden, im Jahre 1914 waren es bereits 180.000 und heute zählt man im Lande mehr als 450.000 Juden. Wenn man diese Zahlen hört und weiss, wie die öffentliche Meinung in Frankreich zustande kommt, dann weiss man, dass nicht das französische Volk zum Krieg gegen Deutschland getrieben hat, sondern das Judentum und seine Verbündeten.

müse), schliesslich auch nur Brot und Melange, die unter den bombastischen Namen „Horchpostenschmalz“, „Armeefett“ oder „Offensivbutter“ genossen wurde. Selbst mit „Karo einfach aus der Hand“ (trockenes Brot) gibt sich der Landser zufrieden, weil er nicht gern „Kohldampf schiebt“ (hungert). Kann er aber einmal „engschäftig speisen“ (hochvornehm), so „wammst“ oder „achelt“ er oder „kniert sich rein“, dass die Nähte krachen.

Die kleinen und die grossen Feuerwaffen und ihre Produkte erhielten vom Soldaten freundliche Taufnamen, da gab's den „Langen Heinrich“ (Langrohrgeschütz), die „Dicke Berta“ (42-cm-Geschütz), die „Backpfeifenbatterie“ (Grabenbatterie), die „Ratschbum“ (Schnellfeuerkanone) und die „Haubenlerche“ (Haubitze). Betätigen sich solche Kriegsmaschinen schönere Weise von der Gegenseite her, so gab's „Zunder“, „Dunst“ oder „Kattun“, man wurde mit „Dickem Brocken“, „Blumentöpfen“ oder „Möbelwagen“ (Artilleriegeschosse) „befunkt“, „beharkt“ oder „bepflastert“. Bei solchen Gelegenheiten lässt sich der Landser nicht gern was schenken, er „pfefferte“ auch seinerseits nach drüben und „fensterte raus“, was das Zeug hielt, so dass auch die freundlichen Nachbarn angesichts solcher „Liebesgaben“ sagen konnten, sie hätten „Säures bekommen“.

Gerade im „dicksten Kampf“, in „belämmerter“ Verfassung bewährte sich der nicht kleinzukriegende Soldatenhumor. Er half, gegen die mannigfaltigsten Schrecknisse inneren Widerstand zu leisten, er wirkte zu seinem Teil, dass die Gemüter nicht erdrückt wurden von der Schwere der Erlebnisse.

Bäuerin brachte ein halbes Dutzend Eier in der Schürze daher, noch ganz warm und den armen Hennen sozusagen unter dem Hintern weggeholt. Fogg trug dergestaltige Naturalien jedesmal gewissenhaft in die Küche zu der Anna und vergass nicht hinzuzusetzen: Das hat der und der gebracht, und hei der Rechnung muss man das berücksichtigen.

Der Wagen „Schorsch“ war ein Missgriff gewesen, wie sich von Tag zu Tag mehr herausstellte. „Schorsch“ war ein Meister im Erfinden immer neuer Schwierigkeiten. Mal haperte es mit der Bremse, mal mit der Batterie, mal mit der Zündung. Wenn Fogg in Santa Agatha nicht ein halber Automechaniker geworden wäre, erginge es ihm zuweilen schlimm so mitten auf der Landstrasse oder in einem Hohlweg. Ein Gutes hatte das Auto: Wenn Fogg lärmvoll durch Wiesen und Wälder ratterte, wussten die Leute schon eine Viertelstunde vorher: aha, jetzt kommt der Schellenberger Doktor!

Wie jedermann, hatte Fogg gute und schlechte Stunden. Zu den schlechten zählte ein unklarer Fall, eine Reifenpanne im Regen oder Tutscheks Nadelstiche. Zu den guten ein aufmunternder Brief Dolschis, der sich Schellenberg auf komische Weise verbunden fühlte, ein Gang auf die Kuhleiten nach Feierabend, der rasch hingestammelte Dank einer Wöchnerin oder ein Beisammensein mit Viktoria Engasser.

Um Fogs Zuneigung zu dieser Frau ist es etwas Eigenartiges. Zwar sagt er sich mit Recht, diese Liebe ist Unsinn, führt zu nichts und muss aufhören; auch handelt er danach, benimmt sich korrekt und übt Selbstzucht. Aber er kann nicht verhindern, dass ein beträchtlicher Rest von dem auszurottenden Unkraut von dieser ganz und gar unseligen und verbotenen Gefühlsverwirrung in ihm zurückbleibt und ihn glücklich oder unglücklich macht, je nachdem. Immerhin ein seltsamer Zustand für einen Mann, der kein Jüngling mehr ist und anderthalb Jahrzehnte Abenteuerium und Ausland hinter sich hat. Aber er macht das nur mit sich selbst ab, belästigt Viktoria mit keinem unerlaubten Blick und ist nach aussen ganz Ehrerbietung und freundliche Sachlichkeit.

Auch in Viktoria Engasser vollzog sich ein Neues: nur wusste sie nicht recht, was es

war. Es kam ihr vor, als sei Schellenberg seit einiger Zeit erträglicher und weniger langweilig. Wenn Fogg beruflich nach ihr schickte, erappte sie sich bei dem Gedanken: Endlich! Es war schon lange nichts mehr los ... Sie fand, dass es gut sein war in seiner Nähe und im Umkreis seiner klaren Stimme. So geschah denn auch in Viktoria etwas, das man als aufkeimende Sympathie, als zarten und ihr selbst noch unbewussten Anfang bezeichnen könnte. Wenn ihr Mann sie mit der Frage überrumpeln würde: Wie gefällt dir Fogg? — so würde sie ihm in die Augen sehen und nachdenklich erwidern: Oh, er gefällt mir recht gut, Gottlieb; ich kann mir vorstellen, dass eine Frau bei ihm sehr gut aufgehoben ist.

Sie trafen sich durch Zufall mitten im Dorf. Fogg kam von einer Entbindung die glücklich abgelaufen war.

„Warum so ernst heute?“ fragte Viktoria lächelnd. Sie trug eine Art Florentinerhut und ein fröhliches geblühtes Kleid; sie hatte sich ganz auf den Mai eingestellt. „Ich war beim Einkaufen. Das ist ein schreckliches Kreuz hier.“

„So? Bin ich ernst? Gott, man hat seine Sorgen. Da ist vorhin wieder so ein Absagebrief mit der Post gekommen, der mir ein paar Adressen von „Kapitalisten“ gegeben, und die habe ich der Reihe nach abgeklappert. Der vorhin war der letzte. Mit meinen Graphitplänen will es gar nicht vorwärtsgehen.“

„Fragen Sie doch mal meinen Mann. Vielleicht kann er Ihnen helfen. Er hat allerlei Verbindungen in der Stadt.“

„Das wäre grossartig!“

„Kommen Sie doch zu einer Tasse Tee um fünf! Dann treffen Sie ihn sicher.“

„Gern, wenn Sie erlauben. Nun habe ich noch wieder ein bisschen Hoffnung!“ sagte er erfreut.

„Auf Wiedersehen, Herr Doktor!“

„Du, ich habe den Fogg zum Tee eingeladen. Es ist dir doch recht, Gottlieb?“ fragt sie den Professor nach ihrer Heimkehr.

„Warum soll es mir nicht recht sein, Vicki? Ich muss ihn ohnehin etwas wegen meiner Arbeit fragen. Das trifft sich ganz gut.“

(Fortsetzung folgt.)

Motoren
 Licht- und Pumpengruppen
 Eisenbearbeitungsmaschinen
 Erzaufbereitungsanlagen „Humboldt“
 Diesel-Lastkraftwagen „Magirus“

Sociedade de Motores
DEUTZ OTTO LEGITIMO
 Ltda.

RIO DE JANEIRO
 S. Paulo - Recife - Porto Alegre

Hotel „Lutecia“

Inhaber: Jakob Christ

Modern eingerichtete und vollständig
 separate Appartements mit Saal,
 Schlafzimmer, Bad und Telefon.

Rio de Janeiro,
 Rua das Bananeiras Nr. 486 / Telefon: 25-3822

Bar und Restaurant VICTORIA

Rio - Rua 1.0 de Março 33 - Tel. 23-4347
 Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT

MITTAG- UND ABENDESSEN
 In Küche Brahma-Chopp

Verkehrslokal des Kyffhäuser-Bundes

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
 Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
 Stets frischer Schoppen — Reichhaltige Getränke

**Rio-
 Besucher**

besucht
DANUBIO AZUL

Avenida Niem de Sá 34
 Telefon 22-1354
 Prima Küche
 Täglich Konzert
 Zmersten Stod Tanz

**Restaurant und Bar
 Biennense**

Internationale Küche
Petropolis

Braça D. Pedro Nr. 18
 Tel.: 3243

**BAR UND
 RESTAURANT
 Fischerklause**

Rua Theoph. Ottoni 126
 RIO / Tel. 43-5178

Deutsche Küche
 Brahma-Chopp

Inhaber: Fritz Schaade

**Uebersetzungen
 Dr. Bruno Zander**

Berechtigter Uebersetzer
 Rua 13 de Maio 37, 1. Et
 Tel. 42-4668 - Rio.

Merztetafel Rio

Dr. Fridel-Tschöpke

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto 5
 von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung: Tel. 22-9930 Rio de Janeiro

Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis

Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:
 Rua Quitanda 5 — Tel. 22-5550

Haut- und Geschlechtskrankheiten
Dr. Paul Cardozo-Legène

in Deutschland ausgebildeter und approb. Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock
 Telephon 22-0912 Rio de Janeiro
 Sprechstunden: 9-12 und 3-6
 Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

Preiswert **Kölnisch Wasser** Erfrischend
 das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Casa Germania

RESTAURANT UND BAR
GEORGIE FUCHS

SPEZIALITÄT: Mittag- u. Abendessen
 Aufschnitt

RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 — RIO
 ((Ecke Barão de Ipanema))

Geöffnet bis 1 Uhr nachts — Tel. 47-0805



Urotropin
 in dieser Packung mit
 dem Namenszug *Schering*

Ist bei den entzündlichen Erkrankungen von
Blase, Niere und Gallenblase
 ein von den Ärzten der ganzen Welt seit Jahren mit
 bestem Erfolg verordnetes Heilmittel.

Achten Sie beim Kauf von Urotropin auf die hier abgebildete Packung mit dem Namenszug „Schering“, und weisen Sie Substitute zurück. Fordern Sie stets die Originalpackung:

Urotropina Schering

ROHREN ZU 20 TABLETTEN

Was war der „Westfälische Friede?“

Eine merkwürdige Sehnsucht ist in den westlichen Demokratien erwacht: in England und in Frankreich sehnen die Kriegshetzer für den „Westfälischen Frieden“, und sie berufen sich auf das Testament des Kardinals Richelieu.

Das alte deutsche Reich unter den Herrscherhäusern der Sachsen, Staufer, Habsburger usw. war keineswegs ein zentralistischer oder einheitlicher Staat, aber er streckte seine Grenzen weit über das heutige Mass hinaus. Polen, Lothringen, die Niederlande, die Schweiz und andere Gebiete haben durch Jahrhunderte oder durch kürzere Zeitspannen dem Reiche zugehört, ganz abgesehen von den Ländern des römischen Reiches. Dieses alte Reich stand an der Spitze der damaligen Kultur. In den Kämpfen seiner Kaiser ging die Macht der deutschen Monarchie zugrunde. Dafür aber leisteten Bayern und Bürger im Osten die grösste kolonialisatorische Tat der Geschichte seit den Tagen der Römer. Noch einmal rief die Reformation den hochgemuten Geist des zersplitterten Volkes zu grossem Wirken. Der dreissigjährige Krieg zerschlug alle Blüten, das Kaisertum der Habsburger verlor seinen deutschen Charakter, fremde Völker machten deutsches Land zu ihrem Schlachtfeld, von 18 Millionen Einwohnern waren nur noch 5 Millionen am Leben. Auf dieser Ohnmacht gründete sich der Westfälische Friede von Münster und Osnabrück vom 24. Oktober 1648.

In Frankreich war als leitender Staatsmann Kardinal Richelieu am Ruder (gest. 1682). In seinem Testament soll er den Raum zwischen den Pyrenäen und dem Rhein als die natürliche Grenze Frankreichs erklärt haben. Oh dieses Testament echt ist oder nicht, ist nicht so wichtig wie die Tatsache, dass Richelieu und seine Nachfolger nach diesen Grundsätzen gehandelt haben. 1632 erhielten Trier und Ehrenbreitstein französische Besatzungen, 1634 wurde Philippsburg am Ausgang der Schwarzwaldpässe französischer Besitz. Der Westfälische Frieden sicherte den Franzosen grosse Teile des Elsasses und in den folgenden Jahrzehnten wurde auf Grund der sogenannten Reunions (Wiedervereinigungen) weiteres deutsches Land Frankreich unterworfen.

Der Westfälische Friede beendete den Glaubenskrieg in Deutschland, indem er den christlichen Konfessionen eine gewisse Glaubensversichert brachte. Für Frankreich aber sicherte er das Übergewicht in Europa. Dieser Friede schwächte den Bestand und lähmte die Kraft des alten Reiches in einer Weise, dass es sich davon niemals wieder erholt hat. Schweden erhielt Vorpommern, Rügen, Stettin und Wismar, ausserdem die Landschaften Bremen und Verden als Lehen. Frankreich gewann — wie schon gesagt — die Länder

links des Oberrheins mit der Festung Breisach; der Besitz der Bistümer Metz, Toul und Verdun wurde ihm bestätigt, ausserdem wurde ihm die „Vogtei“, über zehn freie Reichsstädte im Elsass, überlassen. Die Los-trennung der Freistaaten am Oberrhein und Niederrhein vom Reiche (Schwiz und nördliche Niederlande) wurde staatsrechtlich bestätigt. Damit waren die Mündungen von fünf deutschen Strömen (Rhein, Ems, Weser, Oder und Weichsel) fremden Händen ausgeliefert.

300 bis 400 weltliche und geistliche Fürstentümer standen nun im Reiche neben dem Kaiser und neben den grösseren Territorialstaaten (Brandenburg, Bayern, Sachsen usw.), dazu noch etwa 50 freie Reichsstädte und Städtchen. Dieses Reich ohne Reichsgewalt hatte einen ständigen Reichstag in Regensburg, der aus den Gesandten der „Reichsstände“ bestand. Er war der Spott der ganzen Welt.

Der rheinische Historiker Prof. Alois Schulte fasste im Jahre 1918 das Urteil der Geschichte über den Westfälischen Frieden wie folgt zusammen: „Die politischen Sünden unserer Vorväter hatten Deutschland zu einem

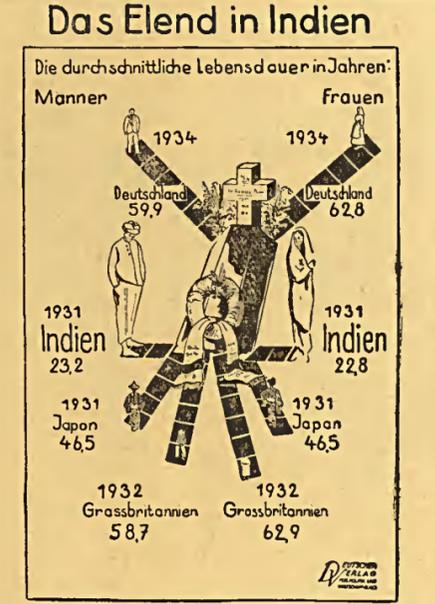
politischen Monstrum gemacht, das keine bewegliche und kräftige Verwaltung hatte, die Einigkeit und Entschlusskraft fehlte. Während in Frankreich aus den furchtbaren Wirren der Religions- und Adelskriege ein äusserst starker, zu schnellen Entschlüssen fähiger, zentralisierter Staat entstanden war, den ein absoluter König unbedingt beherrschte, war in dem Deutschen Reiche jeder Wille des einen durch den Willen anderer gehemmt. Die innere Schwäche des Deutschen Reiches war für Frankreich ein dauernder Vorteil — ein so grosser Vorteil, dass die heutige Generation der Franzosen ganz gern diese alten Zustände bei uns wieder einführen möchte!“ Französische Staatsmänner, Abgeordnete und Journalisten erstreben jetzt leidenschaftlich dieses Ziel. So sagte Marineminister Campinchi dieser Tage: „Der Friedensvertrag, der den nächsten Krieg beenden wird, muss nach dem Muster des Westfälischen Friedens ausfallen, d. h. das Reich völlig zerstückeln und in seine Bestandteile zerlegen. Nur dann kann man hoffen, während eines verhältnismässig langen Zeitraumes Frieden zu haben.“ Dauer und Umfang des dreissigjährigen Krieges haben der Kardinal-Kanzler Richelieu und der Kapuzinerpater Josef bestimmt. Umfang und Ausgang des jetzigen Krieges bestimmen aber nicht mehr die Franzosen und Briten. Vor allem: einen „Westfälischen Frieden“ werden sie nimmermehr diktieren!

vorragende Bedeutung erlangen. Solchen Briefen kommt aber auch eine aktuelle Bedeutung zu, falls nämlich das Papier, auf dem ein Mensch seine innersten Gedanken ausgeschüttet hat, in falsche Hände gerät. Aus dem Weltkrieg sind durch im Ausland erschie-

Feind liest mit / Deutschland ist auf der Hut

Seit Einführung des Briefverkehrs haben sich die Menschen daran gewöhnt, nicht nur ihre Erlebnisse, sondern auch ihre Gefühle und Gedanken dem Papier anzuvertrauen, von dem sie wissen oder wenigstens hoffen, dass

sein als später, als der Postverkehr eingeführt wurde. Die Briefe, die aus früheren Zeiten erhalten sind, bilden jedenfalls eine der wertvollsten Quellen für ein Studium des täglichen Lebens und der persönlichen



Die Menschenopfer der britischen Gewaltherrschaft in Indien.

Wie oft betont man in England, daß man den unterworfenen Völkern die Segnungen des Friedens und der Ordnung gebracht habe. Eine gemeine Lüge wird aber auch nicht wahr und wenn sie millionenfach wiederholt wird. In Indien sterben von jeder Generation Millionen und Abermillionen des Hungers, andere vernichten ihren Körper mit Raufschiffen, die die Engländer mit hohen Steuergewinnen verkaufen. Wenige englische Beamte beziehen fürstliche Gehälter, die englischen Kapitalisten erhalten für die angeblich in Indien angelegten Kapitalien, deren Gegenwerte man aber selten findet, riesige Zinsen, so daß das indische Volk während der zwei Jahrhunderte britischer Herrschaft verelendete. Die durchschnittliche Lebensdauer eines Inders ist fast nur ein Drittel so lang als die eines Engländer. Systematisch tun die britischen Gewaltherrscher alles, um das indische Volk zu vernichten. So haben sie es erreicht, daß heute in Indien nur 177 Menschen auf dem Quadratkilometer leben gegenüber 332 in Großdeutschland. Wie in Indien, so möchte England auch in Europa herrschen und von der Arbeit der Europäer leben. Um das zu verhindern, führt Deutschland den Krieg gegen England bis zum sicheren Sieg.

MOVADO

Die zuverlässige Schweizer Uhr vom Fachgeschäft

MEISTER & Co.

Av. Rio Branco 172-A Rio de Janeiro



es in die Hände des richtigen Empfängers gelangen wird. In früheren Zeiten, als man Briefe Freunden und Bekannten mitgab, scheinen diese noch weit vertraulicher gewesen zu

Sehnsucht der damaligen Menschen. Besonders ist dies während kriegerischer Verwicklungen der Fall, wo ja dergleichen Aeusserungen auch für den Geschichtsforscher eine her-



DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

AGENTEN AN ALLEN PLÄTZEN

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO



Moderne deutsche Kronleuchter
»Kaitra« Leuchten
Tisch- und Stehlampen

Bohnermaschinen - Staubsauger
„PROGRESS“ und „MONOPOL“

Brotröster - Bügeleisen
Radio-Empfänger - Eischränke

E. WILLNER & Cia.
Rio de Janeiro, R. da Quitanda 60

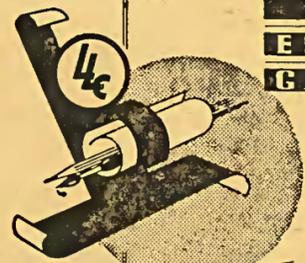
„UFAR“

Electro-Transformadores Ltda.
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, 84, sobr.
Tel: gramadresa: „UFAR“

Fabrikation von: Transformatoren jeder Art
Zimmerantennen
Import von: Stablaternen
Fahrradlaternen
Trockenelementen
Radio-Material
Messinstrumenten

Deutsche Familien-Pension, Rio

In peilichst sauberen und ruhigem Hause, modern eingerichtet, mit fließendem Wasser, sind schöne Zimmer, leer oder möbliert, auch mit Abendessen, zu vermieten. Mäßige Preise. Telefon 42-7030.
Rua Colina Nr. 105 - Rio Comprido-Tijuca.



DESENHOS
CLICHÉS
ESTEREOS
GALVANOS

PHOTOGRAVURA VIENNENSE
LUIZ LATT & CIA
RUA LAVRADIO 162 P. 2.º • TELEPHONE 22-1128 • END-TEL. • LATCO •

RIO DE JANEIRO

Husten?

Xarope „Merck“ de Ephetonina

hilft schnell und sicher!



Bund der schaffenden Reichsdeutschen

União Beneficente e Educativa Alemã
RIO DE JANEIRO

Die deutsche Hausfrau braucht am kommenden Sonntag in Rio nicht zu kochen; sie geht mit der ganzen Familie ins Deutsche Heim zum

Eintopf-Essen

für das Deutsche Hilfswerk

wene Berichte zahlreiche Beispiele bekannt, wo der damalige Feindbund aus den Briefen an Kriegsgefangene und aus den Briefen, die man in eingekommenen deutschen Stellungen oder bei deutschen Verwundeten und Toten gefunden hat, wertvolle Angaben über die geistige Haltung des deutschen Volkes

Unsere Auslandsdeutschen, die aus den feindlichen Ländern zurückgekehrt sind, haben in der notwendigen Art des Briefschreibens eine instinktmässige Sicherheit, an der wir uns ein Beispiel nehmen können. Sie, die im Ausland zum Teil ständig überwacht wurden, zum Teil eine solche Ueberwachung gewärtigen mussten, haben in ihrem Briefverkehr mit der Heimat ein Feingefühl entwickelt, das für uns heute beispielhaft sein kann. Ein solches Abwägen jedes Wortes vor der Niederschrift bedeutet ja keineswegs, dass man sich anders stellen soll, als man ist, oder dass man gar in eine Schönfärberei verfallen soll, die dem Empfänger gewiss keine reine Freude bereiten würde. Wenn man beim Briefschreiben stets daran denkt, was aus dem Brief werden kann, falls er in feindliche Hände fällt, wird man schon instinktiv wissen, was man schreiben kann und was besser ungesagt bleibt. Wir sind gewohnt, im täglichen Leben und besonders im Verkehr mit Unbekannten oder auch in Gegenwart Unbekannter, an unsere Worte einen strengen Masstab anzulegen. Diesem Grundsatz, Feind hört mit, muss aber im Feldpostverkehr der Grundsatz Feind liest mit an die Seite gestellt werden, um unserer kämpfenden Wehrmacht nicht in den Rücken zu fallen und den Engländern den Kampf nicht zu erleichtern.

Lage hat der Chef der deutschen Polizei, Reichsführer SS Himmler, angeordnet, dass polnische und staatenlose Juden in Zukunft nicht mehr auswandern können.

Kiel, 27. — Der in der Nacht vom 16. zum 17. Februar im norwegischen Joessingfjord von einem britischen Zerstörer überfallene deutsche Regierungsdampfer „Altmark“ ist jetzt wohlbehalten im Kieler Hafen eingetroffen.

Berlin, 27. — Die deutsche Heimindustrie stellte für das vergangene Winterhilfswerk 300 Millionen Abzeichen aus Holz, Kunstharz, Glas und Porzellan her, die je Stück für eine Spende von wenigstens 20 Pfennig abgegeben wurden.

Brüssel, 27. — Wie die Brüsseler Zeitungen aus Paris zu berichten wissen, wurden dort während der Ostertage zahlreiche Massenverhaftungen von Personen vorgenommen, die wegen ihrer antikriegserischen Gesinnung verdächtig waren.

Helsinki, 27. — Unter Leitung des bisherigen Ministerpräsidenten Ryti wurde in Finnland eine neue Regierung gebildet, der drei Minister schwedischer Abstammung angehören: der Aussenminister Prof. Witting, der Innenminister Baron von Horn und der Sozialminister Fagerholm.

Kopenhagen, 27. — Die dänische Landwirtschaft ist wegen der ständigen Abwärtsbewegung des englischen Pfundes aufs höchste erregt. Allein in den letzten beiden Tagen hat sie durch den Pfundsturz einen Schaden von 350.000 Kronen erlitten.

Montevideo, 27. — Der Hauptattentäter des Anschlages auf das Deutsche Haus in Montevideo ist jetzt in der Person des geisteschwachen Argentiniers Delfo Nicola Siri von der uruguayischen Polizei verhaftet worden.

Britischer Bomber über Holland abgeschossen

Amsterdam, 28. — Ein englisches Bombenflugzeug wurde von holländischen Jagdmaschinen unweit von Rotterdam abgeschossen. Der britische Bomber, dessen Besatzung sich bis auf einen durch Fallschirmsprung rettete, wurde vernichtet. Damit ist vor aller Welt erneut die gewohnheitsmässige Verlet-

zung der Neutralität kleiner Staaten durch die Briten bewiesen.

Amsterdam, 28. — Die dritte englische Verlustliste enthält die Namen von 714 Offizieren und Soldaten und 12 Frauen.

Amsterdam, 28. — Der griechische Frachter „Niritos“ (3854 t) ist auf der Fahrt mit einer Zuckerladung von Kuba nach England aus unbekanntem Ursachen schwer beschädigt worden. Das Schiff dürfte als verloren gelten.

Berlin, 28. — In einer neuen deutschen Filmwochenschau wird gezeigt, wie Deutschland U-Boote am laufenden Band herstellt. „Diese U-Boote werden schon in nächster Zeit die erste Fahrt gegen England antreten,“ sagt der die Bilder begleitende Text.

Berlin, 28. — Auch die Umsiedlung der Volksdeutschen aus Lettland ist abgeschlossen. 12.000 Deutschstämmige und 1300 Personen nichtdeutscher Volkszugehörigkeit, die meistens jedoch mit Volksdeutschen verheiratet sind, haben im Reich eine neue Heimat gefunden.

Amsterdam, 28. — In London fand eine Sitzung des Obersten Kriegsrates der Alliierten statt. Als wichtigstes Ergebnis dieser 6. Zusammenkunft zwischen Engländern und Franzosen wird jene Vereinbarung bezeichnet, derzufolge keine der beiden Parteien ohne Einverständnis der anderen für sich Friedensverhandlungen aufnehmen darf. Der ehemalige französische Ministerpräsident Daladier hat an der Sitzung nicht teilgenommen.

Kopenhagen, 28. — Britische Flugzeuge haben über Dänemark in den letzten Tagen Flugblätter in deutscher Sprache abgeworfen. Die dänische Regierung hat angesichts der häufigen Bombardierungen der dänischen Küsten und der Beschussung friedlicher Menschen überall grosse Schilder in den Landesfarben ausgelegt, die nachts mit Scheinwerfern beleuchtet werden.

Newyork, 28. — Unterstaatssekretär Sumner Welles ist von seiner Europareise zurückgekehrt und hat sich von Newyork sofort nach Washington begeben, um dem Präsidenten Roosevelt Bericht zu erstatten.

Rom, 28. — Auf dem Flugfeld Ciampino, südlich von Rom, fand in Anwesenheit des Duce eine grosse Feier anlässlich des Jahres-



schöpfen konnte. Es liegt ja auch nahe, dass ein Brief, dessen Empfänger sich hart an der äussersten Grenze des Reiches befindet, in einer Zeit, wo diese Grenzstätte umkämpft wird, leicht in fremde Hände gelangen kann, genügt es doch, dass bei einem Spätruppunternehmen ein solches Stück Papier verloren wird oder sein Empfänger, der es sorgsam in der Brusttasche trägt, vom Feinde gefangen wird, um den Inhalt sofort an die militärische Stelle des Feindes weiterzuleiten.

Der Feind entnimmt aus solchen persönlichen Äusserungen dann Informationen über die innere Lage des gegnerischen Landes, die für ihn im einzelnen unwichtig scheinen mögen, die aber in ihrer Gesamtheit ein recht eindrucksvolles Bild ergeben können. Dieses Bild braucht dennoch nicht immer richtig zu sein, es kann auch aus einer augenblicklichen Stimmung des Briefschreibers entspringen; und kann den Feind dennoch zu einer optimistischen Auffassung verleiten und ihm neuen Mut einhauchen. Im übrigen kann man ja sicher sein, dass der Feind solche Informationen nicht etwa dazu benutzt, um irgendwelchen wirklichen oder eingebildeten Mängeln abzuhelfen, sondern dass sein Augenmerk nur darauf gerichtet sein wird, diese Mängel zu vertiefen oder zu verschärfen. Aus persönlichen Klagen von braven und vaterlandsliebenden Soldatenfrauen, die nicht an die Möglichkeit einer derartigen Verwendung ihrer Briefe denken, kann der Feind auch unter Umständen ersehen, wo er seinen Propagandaapparat anzusetzen hat, um Unzufriedenheit und Verärgerung in das deutsche Volk hineinzutragen. Es ist daher von grösster Wichtigkeit, dass alle, die an Soldaten an der Front oder an Kriegsgefangene schreiben, sich stets vor Augen halten, dass ihre Briefe unter Umständen in die Hände des Feindes fallen können.

Putz empfohlen

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Alemã)

Berlin, 27. — Deutsche Jagdflugzeuge stellen englische Bristol-Blenheim-Bomber beim Versuch, am 27. März in die Deutsche Bucht einzufliegen. Eine englische Maschine wurde abgeschossen, die anderen kehrten unverrichteter Sache um.

Rom, 27. — Der französische Zerstörer „Raillouse“ ist im Hafen von Tanger explodiert. Hundert Besatzungsmitglieder kamen ums Leben. Das im Jahre 1928 erbaute Kriegsschiff war 1378 Tonnen gross, lief 34 Seemeilen in der Stunde und trug eine Bestückung von vier 13,2- sowie 3,7-cm-Geschützen.

Berlin, 27. — In einer Berliner Fabrik ist die Herstellung von Gasolinkannen aus Altpapier gelungen. Die neuen Behälter stellen einen vollkommenen Ersatz für die bisher verwandten Metallkannen dar.

Berlin, 27. — Infolge der kriegsbedingten

TECHNISCHE ABTEILUNG:
Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstühle, WIDIA-Metall, Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohrer, Schneidisen, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schleblehren, Zirkel, Tourenzähler, Geviertmesser, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensierflüssigkeit, Dampfpackungen, KLINGERIT, Dichtungslatten, Zylinder-schmier-Apparate, Tropfblech, Manometer, Ventile, Wasserstandsgläser, Transmissionsgeräte, Lederriemen, Gummiriemen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen Scheiben, Ringschmier-Lager, Kugellager, Gleaser-Artikel wie Schmelztiegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörteile, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Linien und -Papier in Blättern und Rollen, Schweißapparate mit sämtl. Zubehör, Metallsägebänder für Hand- und Maschinenbetrieb, Staufferbüchsen, Stahldraht-Seile, Drehbankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzscheiben, usw., Holzindustrie-Zubehör, Kreis-, Band- und Gattersäge-Blätter Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw.

Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schweißmittel, Arsenik, Bielarzenlat Marke „BROMBERG“, Öl- und Trockenfarben, Zinkweiß, Leinöl usw., Elektrische Abteilung: Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Größe, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate, Bügeleisen und Lötöfen, Widerstandsdrähte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Kilgelin, Lampen, Leuchter, Sicherungen und Sicherungsdrähte aus Blei und Silber, Isoatoren, Blitzableiter und blanke Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Presspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Lötpaste und Isolierband, Material zur Installation von Motoren, Stern-dreieck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigte Schalter, Diazed Sicherungen.

Abteilung landwirtschaftl. Maschinen: Traktoren „LANZ BULLDOG“, Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Sämaschinen „RUD SACK“, Mähmaschinen und Heurachen „KRUPP“, Milchzentrifugen „LANZ“, Amiesentöter, Pflanzenspritzen, Dreschmaschinen, Windsegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörende Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „COLONO“.

Öl-Abteilung: Öle und Fette „SUNOCO“ der Sun Oil Company, Philadelphia (USA), Öle für Automobile, Lastwagen und Traktoren, Öle für Dynamos, Motoren und Turbinen, Öle für allgemeine Maschinen-Schmierung, Öle für besondere Zwecke; Bohrlö, Eismaschinen-Öl usw., Fette in allen Arten.

Maschinen-Abteilung: Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzbearbeitung, Komplett-Einrichtungen für jede Industrie.

Ingenieur-Abteilung: Fried. Krupp A. G., Gusstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germania-Werke A. G., Kiel; Bleichert, Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig, Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw.; Maschinenfabrik Buckau R. Wolf A. G., Magdeburg, Lokomobile, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg, Gerberel-Maschinen.

BROMBERG & CIA.

SÃO PAULO AV. TIRADENTES NR. 32

CAIXA POSTAL 756
TELEFON: 4-5151

Extra Fino



Rua
das
Palmeiras
274
Tel. 5-4429

Farbstark - durch
höchsten Farbgehalt

... das bietet der Copier CASTELL von A. W. Faber - Der CASTELL gleitet zügig - man schreibt also schnell und ohne Ermüdung. Die harteste Schriftspur ist schwer radierbar und rechtsgültig.

ERKENNUNGSZEICHEN:
Die goldene Waage auf grünem Stift.



Copier
CASTELL

für rasche, klare Schrift, zum schnellen, rechtsgültigen Unterschreiben, für Statistik und Organisation, für Revision und Korrektur und das flotte, zügige Diktat.

A. W. FABER CASTELL Schreibkultur



Sonntag, den 7. April 1940
von 20-24 Uhr

Tanz-Abend

zu dem alle Mitglieder eingeladen sind.
Der Vorstand

Vereinsheim: Rua São Joaquim 329 - Telefon 7-4657

Deutsches Farbenhaus Henrique Zuehlke & Cia.

S. Paulo, R. Christovam Colombol, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten
TEMPEROL-FABRIKATE
(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)

Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Adolpho E. Müller & Cia.

Flor. de Abreu 172 / Caixa postal 712
Telefon 4-2617

Generatoren für Gleich- und Wechselstrom, Elektromotoren für alle Zwecke, Ventilatoren, Werkzeugmaschinen, Hebezeuge, biegsame Wellen usw. - Zubehör für elektrische Kühleinrichtungen.



AO PINGUIM

RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO, 128
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHU, 2

H. Hillebrecht
São Paulo
Telefon:
Bar 4-5507
Gruta 4-2626

Ausgezeich. Küche. Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert



CONDOR FLUGDIENST

PASSAGIERE
POST
FRACHT

Telegr. AERONAUTA

Succursol S. PAULO: r. Alvoros Penteado, 8
Telef.: 2-7919

Agentur SANTOS: r. 15 de Novembro, 19
Telef.: 5001

tages der italienischen Flugwaffe statt. Mussolini überreichte an Familien der im Spanienkrieg gefallenen italienischen Flieger 25 goldene Medaillen.

Schanghai, 28. — Auf Grund des russischen Protestes in London haben die englischen Behörden in Hongkong den seit Monaten festgehaltenen russischen Dampfer „Selenga“, der eine Ladung von Zinn, Antimon und Wolfram führt, jetzt wieder freigegeben.

Berlin, 29. — Das britische Luftfahrtministerium gab bekannt, dass der 27. März als der beste Tag der englischen Luftwaffe seit Ausbruch des Krieges zu bezeichnen ist, da an ihm fünf deutsche Flugzeuge abgeschossen wurden. Die zuständigen deutschen Stellen weisen diese Mitteilungen als glatte Erfindung und Lüge zurück, da an diesem Tage kein einziges deutsches Flugzeug verloren ging.

Britischer Fliegeroffizier verübt Selbstmord

Berlin, 29. — Wie die „Deutsche Allgemeine Zeitung“ auf Grund einer Information

der englischen „Daily Mail“ meldet, hat der bekannte englische Geschwaderführer der Royal Air Force, Richard Graham Blomfield, sich in seiner Gefangenzelle vergiftet, weil er wegen Täuschung des britischen Luftfahrtministerium vom Kriegsgericht abgeurteilt werden sollte. Blomfield, ein 50jähriger bereits mehrfach ausgezeichnete Offizier, hatte von angeblichen Erfolgen bei Angriffsfügen der Engländer gegen die Deutsche Bucht berichtet, ohne dass an seinen Aussagen ein wahres Wort war. Die englische Zeitung schreibt in diesem Zusammenhang, dass die Kriegsgerichte schon mehrfach Fliegeroffiziere ernstlich verwarnen mussten, die sich wegen erfundenen Heldentaten Auszeichnungen verleihen liessen. Nicht nur die deutsche, sondern auch die neutrale Presse sieht in diesen tragischen Fällen eine Erklärung für die sensationellen Meldungen von den grossen Luftsiegen der Royal Air Force.

Berlin, 29. — Der deutsche Heeresbericht gibt die Versenkung der britischen Tanker „Daghestan“ (5500 t) und „Aussington Court“ (6900 t) in der Nordsee bekannt.

Berlin, 29. — Die Deutsche Lufthansa führt am 1. April ihren Dienst in Mitteleuropa gemäss dem neuen Sommerfahrplan durch. Der Deutschland-Dienst umfasst 12 Städte: Berlin, Wien, München, Danzig, Königsberg, Breslau, Lodz, Kattowitz, Nürnberg, Dresden, Graz, Hamburg und Prag. Zwischen Berlin, Wien, München, Danzig und Königsberg verkehren täglich mehrere Flugzeuge. Ausserdem unterhält die Lufthansa einen täglichen Dienst mit 16 europäischen Ländern, in denen insgesamt 25 Städte angefliegen werden. Sämtliche Strecken werden von drei- und viermotorigen Maschinen vom Typ „Ju 52“, „Ju 90“ und „FW 200 Condor“ befliegen.

Moskau, 29. — Der russische Aussenkommissar Molotow hielt vor dem Obersten Rate der Sowjets eine politische Rede, in welcher er u. a. erklärte, dass die Sowjetunion ihre Neutralitätspolitik aufrecht erhalten werde; sie beobachte aber sorgfältig jede Provokation der Alliierten, den gegen Deutschland erklärten Krieg weiter auszudehnen. Bezüglich Bessarabiens sagte Molotow, dass die Sowjetunion niemals die Annexion dieses Gebietes durch Rumänien anerkannt habe.

Amsterdam, 29. — Nach Meldungen aus London hat der Oberste Kriegsrat der Alliierten an Norwegen die Aufforderung gerichtet, den deutschen Schiffsverkehr zu unterbinden, andernfalls England und Frankreich mit Gewalt diesen Schritt erzielen wollen.

Berlin, 30. — Das Deutsche Auswärtige Amt veröffentlichte am Freitag unter dem Titel „Polnische Dokumente aus der Vorkriegszeit“ ein Weissbuch, das in Faksimiles und Uebersetzungen eine grosse Anzahl sehr wichtiger Dokumente enthält, die im Archiv des polnischen Aussenministeriums gefunden wurden. Besonders aufschlussreich sind jene Berichte, aus denen hervorgeht, welche Rolle die nordamerikanischen Botschafter in Paris und London, Bullitt und Kennedy, bei den Kriegsvorbereitungen gespielt haben. — In den Vereinigten Staaten hat die deutsche Dokumentenveröffentlichung grösstes Aufsehen erregt. Während Präsident Roosevelt erklärte, dass derartige Nachrichten aus Europa „mit einem Korn Salz“ aufgenommen werden müssten, gab Staatssekretär Hull bekannt, dass das deutsche Weissbuch eine Fälschung darstelle. Mit einer solchen Geste ist aber nichts gewonnen, und in der USA ist der Kampf zwischen den sogenannten Isolationisten und den Kriegsparteilern heftiger denn je entbrannt.

25 Messerschmitt gegen 36 Morane

Berlin, 31. — Wie das Oberkommando der Wehrmacht mitteilt, fanden über der Westfront am heutigen Sonnabend an drei Stellen, südlich von Saarbrücken, bei Saargemünd und Püttlingen Luftkämpfe zwischen 25 Messerschmitt-Apparaten und 36 französischen Maschinen neuester Bauart vom Typ Morane statt: Die deutschen Jäger trugen einen glänzenden Erfolg davon, indem sie sieben französische Flugzeuge abschossen, ohne selbst auch nur einen einzigen Ausfall zu haben. — Seit dem 2. März d. J. sind 22 feindliche Flugzeuge, und zwar 12 britische und 10 französische abgeschossen worden, während Deutschland in der gleichen Zeit sieben Flugzeuge verlor. Seit Kriegsbeginn verloren die Alliierten 357 Flugzeuge, die Deutschen 85 Maschinen.

Prag, 31. — In der Hauptstadt des Protektorats wurde die 40. Frühlingmesse eröff-

net, zu der Besucher aus Holland, Griechenland, Norwegen, Rumänien und anderen neutralen Ländern in grosser Zahl erschienen sind.

Kopenhagen, 31. — Das britische Pfund wird ab 1. April nicht mehr an der Kopenhagener Börse notiert. Dafür wird ein neuer Spezialkurs in Kraft treten, der offiziell für sieben Monate festgelegt ist und bei den



Dieser kleine Schatz

weiss noch nicht, dass die Diarrhoe eine Gefahr für sein Leben bedeutet. Aber die Mutter weiss, dass sie ihm im Falle von Diarrhoe sofort Eldoformio-Tabletten geben muss. Eldoformio, das unvergleichliche Mittel gegen diese schreckliche Plage.

Gegen die Diarrhoe gibt es nichts Besseres als die bewährten Eldoformio-Tabletten.

Vergessen Sie niemals: Gegen Diarrhoe stets



Eldoformio
Tabletten
die sowohl Kindern
wie Erwachsenen helfen.

WOLLE

für Hand- und Strickarbeiten.
Marke „SAMS“
reichhaltiges Sortiment und alle Farben.

Häkel und Stricknadeln in Bein-Galalite-Aluminium etc. in allen Stärken.

Stickgarn Marke „NEGER“ sämtliche Farben in „indanthren“

CORDONE

fünf moderne Farben für Strick und Häkelarbeit und Anfertigung von Taschen.
Knäuel 3\$500

Sämtliche KURZWAREN - ARTIKEL

CASA LEMCKE

SÃO PAULO — Rua Libero Badaró 303
— SANTOS — Rua João Pessoa 45-47 —

Geschäften zwischen Dänemark und England Anwendung findet.

Moskau, 31. — Der russische Haushaltsvoranschlag 1930—40 beträgt 155.000 Millionen Rubel, wovon 40.000 Millionen Rubel für Militärzwecke bestimmt sind. Die Erhöhung des Militärhaushalts beträgt gegenüber dem Vorjahr 42,5 vH. und wurde mit der Feststellung begründet, dass die UdSSR weiterhin auf der Hut „vor Angriffen der kapitalistischen Westmächte“ sein müsse.

Amsterdam, 1. — Wie das holländische „Handelsblad“ berichtet, benutzen englische Schiffe zu ihrer Tarnung die holländischen Farben und Kennzeichen. Die Zeitung stellt weiter fest, dass die im Ausland verbreiteten Nachrichten von deutschen Angriffen auf holländische Fischdampfer nicht den Tatsachen entsprechen.

Berlin, 1. — Die I.-G.-Farbenwerke in Ludwigshafen, die unter dem Namen „Badische Anilin- und Sodafabrik“ Weltruf genießen, blicken am 6. April auf ihr 75jähriges Bestehen zurück. Dieser Tag wird von allen chemischen Kreisen in der Welt als bedeutendstes internationales Jubiläum gefeiert. In den I.-G.-Farbenwerken wurden die ersten

Teerfarben hergestellt. Im Weltkrieg gewann Deutschland dort seinen für die Munitionsindustrie und Landwirtschaft notwendigen Salpeter. Gegenwärtig wird in den I.-G.-Farbenwerken u. a. aus Kohle und Kalk „Buna“, der synthetische Kautschuk, gewonnen.

Stambul, 1. — Wie türkische politische Kreise versichern, bleiben die Dardanellen für die Kriegsschiffe der Westmächte zur Durchfahrt nach dem Schwarzen Meer gesperrt. Die Türkei wünscht nicht, dass der Krieg auch in jene Zone getragen werde.

Amsterdam, 1. — Um die französische Propaganda mit der britischen in Einklang zu bringen, ist der Pariser Informationsminister Frossard zum Besuch in London eingetroffen, wo er mit seinem englischen Kollegen Sir John Reith, mit Aussenminister Halifax und Winston Churchill unterrichtende Besprechungen haben wird. — Aus Genf erfährt man, dass ein Teil der französischen Presse mit den jüngsten Erklärungen Churchills, die Alliierten dürften die Sowjets nicht angreifen, keineswegs einverstanden sei. Frankreich wünsche eine restlose Ausmerzung des Bolschewismus und England müsse sich um ein Verständnis für die innerfranzösische Lage bemühen.

Dourado, Fernando Prestes, Guariba, Ibitinga, Itapolis, Jaboticabal, Matão, Monte Alto, Monte Azul, Novo Horizonte, Olímpia, Pirangi, Pitangueiras, Ribeirão Bonito, Tabatinga, Taquaritinga, e Viradouro. Decima zona, com sede em Bauru, compreendendo os seguintes municípios: Agudos, Avai, Duartina, Galia, Garça, Içanga, Marília, Pederneiras, Pirajui, Piratininga, Pompeia, Presidente Alves, Tupã, e Vera Cruz. Decima primeira zona, com sede em Presidente Prudente, compreendendo os seguintes municípios: Assis, Bela Vista, Candido Mota, Maracai, Palmital, Paraguassu, Presidente Bernardes, Presidente Wenceslau, Qua-

tá, Rancharia, Regente Feijó, Salto Grande, Santo Anastacio, e Martinópolis. Decima segunda zona, com sede em Araçatuba, compreendendo os seguintes municípios: Andradina, Avanandava, Birigui, Cafelandia, Coroados, Getulina, Glicerio, Guararapes, Lins, Pernalpolis, Pereira Barreto, Promissão, e Valparaíso. Decima terceira zona, com sede em Rio Preto, compreendendo os seguintes municípios: Ariranha, Catanduva, Cedral, Ibirá, Itajobi, José Bonifacio, Mirassol, Mundo Novo, Nova Granada, Palestina, Paulo de Faria, Pindorama, Potirandaba, Santa Adelia, Taubapua, Tanabi e Uchoa.

Serviço Nacional de Recenseamento Delegacia Regional de São Paulo

Ativando a organização dos serviços censitários no Estado de S. Paulo, dirigidos pelo Prof. Sud Mennucci, foram instaladas as treze delegacias seccionaes de recenseamento, que terão a seu cargo a coleta dos dados e material com que se efetuará a operação censitaria a ser feita em 10 de setembro vindouro.

A princípio, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a quem está afeto o Serviço Nacional de Recenseamento, dividiu o nosso Estado em apenas dez zonas, para efeito dos trabalhos do censo nacional. Posteriormente, tendo em vista as sugestões do prof. Sud Mennucci, Delegado Regional do Serviço de Recenseamento em São Paulo, foram ampliadas para treze as zonas que centralizariam os trabalhos do recenseamento em nosso Estado.

As treze zonas escolhidas tem, cada uma delas um município por sede, e sob sua jurisdição um certo numero de municípios vizinhos. Nas sedes estão instaladas as delegacias seccionaes, a controle de quem serão efetuados os trabalhos censitários da respectiva zona. São as seguintes as treze zonas em que estão instaladas as delegacias seccionaes: Primeira zona com sede na Capital, compreendendo os seguintes municípios: S. Paulo, Atibaia, Bragança, Cabreúva, Cotia, Guararema, Guarulhos, Itapeverica, Itatiba, Itu, Joanópolis, Jundiaí, Juqueri, Mogi das Cruzes, Nazaré, Parnaíba, Piracica, Salesópolis, Salto, Santo André, Santa Isabel, São Roque e Una. Segunda zona com sede em Santos compreendendo os seguintes municípios: Caraguatatuba, Guarujá, Iguape, Itanhaém, Jacupiranga, Praina, S. Sebastião, S. Vicente, Ubatuba, Vilavela, Xiririca, e Cananéia. Terceira zona com sede em Taubaté, compreendendo os seguintes municípios: Aparecida, Areias, Bananal, Barreiro, Caçapava, Cachoeira, Campos do Jordão, Cruzeiro, Cunha, Guaratinguetá, Jacaré, Jambeiro, Lorena, Natividade, Paraiibuna, Pindamonhangaba, Píñheiros, Piquete, Qucluz, Redenção, Santa Branca, São Bento do Sapucaí, São José dos Campos, São Luiz do Paraitinga, Silveiras, e Tremembé. Quarta zona, com sede em Sorocaba, compreendendo os seguintes municípios: Angatuba, Apiaí, Boituva, Buri, Boituva, Campo Largo Capão Bonito, Guareí, Iporanga, Itaberá, Itapeteninga, Itapeva, Itaporanga, Itararé, Laranjal, Piedade, Pilar, Porangaba, Porto Feliz, Ribeira, São Miguel Archanjo, Sarapuí, Tatui, e Tiete. Quinta zona, com sede em Campinas, compreendendo os seguintes municípios: Aguas da Prata, Amparo, Caconde, Casa Branca, Gramma, Indaiatuba, Itapira, Lindoia, Mococa, Mogi Guassu, Mogi Mirim, Monte Mór, Pedreira, Pinhal, S. João da Boa Vista, S. José do Rio Pardo, Serra Negra, Socorro, Tambau, Tapiratiba, e Vargem Grande. Sexta zona, com sede em Rio Claro, compreendendo dos seguintes municípios: Americana, Anapolis, Araras, Barra Bonita, Brotas, Capivari, Descalvado, Dois Corregos, Itapuí, Itirapina, Jau, Leme, Limeira, Mineiros, Palmeiras, Piracicaba, Pirassununga, Porto Ferreira, Rio das Pedras, Santa Barbara, Santa Rita, São Pedro, e Torrinha. Setima zona, com sede em Botucatu, compreendendo os seguintes municípios: Avaré, Bernardino de Campos, Bocaiuva, Bofete, Cer-

queira Cesar, Chavantes, Conchas, Fartura, Ipaussu, Itai, Itatinga, Lençóis, Oleo, Ourinhos, Pereiras, Piraju, Piramboia, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, São Manoel, São Pedro do Turvo, e Taquari. Oitava zona, com sede em Ribeirão Preto, compreendendo os seguintes municípios: Altinópolis, Batatais, Brodosqui, Cajuru, Cravinhos, Franca, Guaira, Guará, Igarapava, Ituverava, Jardinópolis, Morro Agudo, Nuporanga, Orlandia, Patrocínio do Sapucaí, Pontal, Santa Rosa, Santo Antonio d'Alegria, São Joaquim, São Simão, Serra Azul, Sertãozinho e Pedregulho. Nona zona, com sede em S. Carlos, compreendendo os seguintes municípios: Araraquara, Barreiros, Batiri, Bebedouro, Bocoína, Borborema, Boa Esperança, Cajobi,

Grippe! / Von Dr. med. R.-H. Büfing, Assistent an der Universität Marburg + Neue Heilerfolge mit Vitamin C und Chinin

Vor 100 Jahren wurde von einem deutschen Forscher der Grundstein für eine Wissenschaft gelegt, die heute zusammen mit ihren Zweigwissenschaften eine beherrschende Stellung im Gesundheitswesen einer jeden Kulturnation einnimmt. Im Jahre 1839 gelang es dem Arzt Schönlein zum erstenmal, mit Sicherheit nachzuweisen, dass mikroskopische kleine Lebewesen als Parasiten des menschlichen Körpers imstande sind, Krankheiten hervorzurufen. Was in diesem Zeitraum die Bakteriologie und Immunitätslehre, deren Gross-taten wieder deutschem Forschergeist zu verdanken waren, geleistet haben, ist jedem geläufig, der die Namen Robert Koch, Löffler und E. v. Behring kennt. Die Kenntnis der Krankheitserreger gab uns zumeist auch die Waffen zu ihrer Bekämpfung in die Hand. Aber die Abwehrmassnahmen versagten bei der Grippe. Die schweren Seuchenzüge dieser Krankheit im vorigen Jahrhundert sowie insbesondere der letzte furchtbare Ausbruch der Grippe im Jahre 1918 haben gezeigt, dass wir es mit einem ebenso mörderischen wie heimtückischen Gegner zu tun haben. Die deutsche Reichsmedizinalstatistik musste im Jahre 1918 eine Erkrankungsziffer von 10 Millionen Menschen und 196.000 Todesfällen an Grippe verzeichnen. Nach französischen Schätzungen forderte die Epidemie in der ganzen Welt rund 20 Millionen Menschenleben.

Worin liegt nun das Wesen der Grippe und im besonderen die Gefahr ihrer epidemischen Ausbreitung begründet? Die Grippe ist eine akute Infektionskrankheit, die häufig im Anschluss an eine mehr oder weniger plötzliche Abkühlung auftritt und somit in Laienkreisen mit gewissem Recht als „Erkältungskrankheit“ gewertet wird. Andererseits ist zwar besonders in Epidemiezeiten eine derartige „Erkältung“ keineswegs eine unbedingte Voraussetzung für das Zustandekommen einer Grippe. Die Frage nach dem Erreger ist gerade bei dieser Krankheit noch nicht endgültig beantwortet worden. Lange Zeit glaubte man als Krankheitsursache den sogenannten Influenzabazillus ansuldigen zu können. Für seine Urheberschaft spricht sein bei einigen Epidemien fast regelmässiges Vorkommen im Auswurf der Erkrankten; andererseits aber vermisst man ihn sehr häufig bei typischen Grippeerkrankungen und findet ihn seltsamerweise nicht selten bei gesunden Personen auch in epidemiefreien Zeiten. Diese Umstände legten die Vermutung nahe, dass es sich bei dem Influenzabazillus doch nicht um den Erreger bezw. nicht den alleinigen Erreger der Grippe handeln könne. Es war daher naheliegend, den Erreger unter jener Gruppe von Lebewesen zu vermuten, die als ultraviolette Vira (d. h. jenseits der Sichtbarkeitsgrenze liegende Lebewesen) bekannt sind.

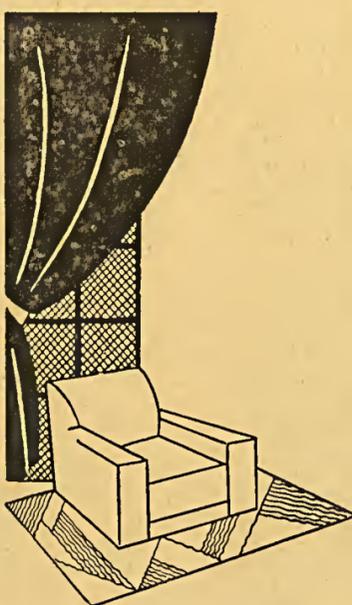
Tatsächlich liess sich im Nasenrachensekret von Menschen ein ansteckender Stoff nachweisen, der bei Ueberimpfungen auf Frettschen (ein naher Verwandter des Iltis) grippeähnliche Krankheitserscheinungen auslöste. Nach dem heutigen Stand der Forschung aber nimmt man an, dass der sogenannte Influenzabazillus zunächst eine allgemeine Krankheitsbereitschaft schafft und dadurch der nachfolgenden Infektion mit dem eigentlichen Grippeerreger, dem Grippevirus, den Boden bereitet. In einer grossen Anzahl von Fällen dürfte aber das Grippevirus ohne die vom Influenzabazillus zu leistende Vorarbeit im menschlichen Körper zum Haften kommen. Die Uebertragung der Krankheitserreger erfolgt meist durch direkte Berührung oder Tröpfcheninfektion (Anhusten, Niesen oder Sprechen) von Mensch zu Mensch. Das Entstehen der Grippe sowohl als Krankheit als auch als Seuche ist im allgemeinen an gewisse äussere Vorbedingungen geknüpft. Meteorologische Einflüsse wie Durchgang von Kaltluftfronten, elektrische Ladung der Luft sowie sonstige geomeditzische Faktoren mögen zweifellos eine Bedeutung für die Entstehung der Grippe haben. Ausschlaggebend bleibt jedoch wie in jedem Krankheitsgeschehen die augenblickliche Verfassung, der gerade gegenwärtige Gesundheitszustand des menschlichen Körpers bezw. der Bevölkerungsmasse.

Erst der jüngsten Zeit blieb es vorbehalten, auf die entscheidende Bedeutung der Ernährung für die Gesunderhaltung, sei es des einzelnen, sei es des ganzen Volkskörpers, hinzuweisen. Aus der täglichen Nahrung schöpft jedes Lebewesen nicht nur die Energiestoffe, die es zur Produktion dynamischer und plastischer Leistungen benötigt, sondern auch funktionell wirksame Substanzen, wie Mineralsalze und Vitamine. Gerade diese Stoffe sind es, die einen geregelten Ablauf der Körperfunktionen gewährleisten, darüber hinaus aber den Organismus in die Lage versetzen, sich gegen Schädlichkeiten der Aussenwelt, wie etwa Infektionen und Vergiftungen, wirksam zur Wehr zu setzen. So hat sich z. B. gerade das Vitamin C als ein natürlicher Heil- und Schutzstoff gegen Infektionskrankheiten erwiesen. Ja, man kann heute sagen, dass die Abwehrbereitschaft des Körpers gegen Infektionen in geradem Verhältnis zu seiner Versorgung mit Vitamin C steht.

Es scheint eine banale Feststellung zu sein, dass die sogenannten Erkältungskrankheiten in

FUNDADA EM 1885

Casa Alemã



Für die
**geschmackvolle
Wohnung**
das Passende
zu finden ist nicht immer leicht

Unsere grosse Auswahl
in Neuheiten
von

**Teppichen aller Art / Läufern
Dekorations- und Bezugstoffen
Polstergruppen / Feinen Möbeln**

enthält aber für Sie das Richtige

Führend auf ihrem Gebiet:

ABTEILUNG INNENDEKORATION

Schädlich, Oberf & Cia. Rua Direita 162-190

verschiedenen Breiten während der Winter- und Frühjahrsmonate eine starke Häufung erfahren. Diese Tatsache steht weniger mit der in dieser Zeit in grösserem Masse gegebenen Gelegenheit der Abkühlung oder sonstiger Witterungsschäden in einem kausalen Zusammenhang, als mit der fortschreitenden Verarmung des Körpers an Vitamin C. Aus zahlreichen Beobachtungen an Menschen und den oft wiederholten Tierversuchen wurde gefunden, dass eine zusätzliche Verabreichung von Vitamin C eine starke Zunahme der bakterienfeindlichen Kräfte des Blutes herbeiführt. Tiere konnten mittels hoher Vitamin-C-Gaben vor sonst tödlichen Infektionen geschützt und bereits erkrankte Tiere wieder geheilt werden. Künstlich vitamin-C-arm ernährte Tiere dagegen zeigten einen starken Abfall der Immunkörper im Blute und eine hochgradige Anfälligkeit gegenüber Infektionen.

Aus diesen Gründen hat sich in die Behandlung der Infektionskrankheiten, ganz besonders aber der sogenannten Erkältungskrankheiten, das Vitamin C, sei es in Form von Fruchtsäften, z. B. Zitronensaft, sei es als chemisch reines Präparat, mit Erfolg eingeführt. Die bisherigen Erfahrungen zeigen ferner, dass die regelmässige Verabreichung von Vitamin C während der Wintermonate eine hervorragende Vorbeugungsmassnahme gegen Grippe und Lungenentzündung darstellt. Waren nun die Heilerfolge mit Vitamin C gerade bei der Grippe und Lungenentzündung überraschend gut, so wurde diese Heilweise noch übertroffen durch die gleichzeitige Anwendung eines seit altersher bewährten Heil-

mittels — des Chinin. In ähnlicher Weise wie das Vitamin C vermag das Chinin, wenn auch in beschränkter Masse, die bakterienfeindlichen Kräfte des Blutes zu aktivieren. Die Heilerfolge beschränkten sich jedoch auf einen mässigen Prozentsatz. Was einen besonderen Widerstand hervorrief, war der Umstand, dass das Chinin von vielen Menschen schlecht vertragen wird; Chinineinverleibung kann bei empfindlichen Personen zu sehr unangenehmen Nebenreaktionen führen. Das Neuartige und Entscheidende bei der gleichzeitigen Anwendung des Chinins, mit dem Vitamin C liegt aber darin, dass das Chinin in dieser Kombination eine deutliche Abschwächung seiner giftigen Wirkung erfährt, ohne seine Wirkung einzubüssen. Im Enderfolg stellt sich also die Kombination Chinin-Vitamin-C als ein praktisch völlig ungiftiges Heilmittel dar, dessen Einzelkomponenten sich in ihrer günstigen Wirkung auf den Krankheitsprozess summieren. Die pharmazeutische Industrie hat in jüngster Zeit ein Präparat geschaffen, welches Vitamin C und Chinin in molekularer Bindung enthält. Es steht ausser Frage, dass ein solches Präparat zur Verhütung und Behandlung der Grippe eine hervorragende Stellung einnehmen wird. Wir können sogar hoffen, dass es mit einem solchen Mittel gelingen wird, die Grippe nicht nur als Krankheit, sondern auch als Seuche erfolgreich zu bekämpfen.

(Entnommen der „Umschau in Wissenschaft und Technik“ der Breidenstein-Verlagsgesellschaft in Frankfurt a. M.)

Im Eifer der Wissenschaft

Das Weissbuch über die Kriegsschuldigen

Die Veröffentlichung der „Polnischen Dokumente aus der Vorkriegszeit“ durch das Deutsche Auswärtige Amt hat auf der ganzen Welt grösstes Aufsehen erregt. Im Laufe der vergangenen Kriegsmonate sind schon viele Weissbücher, Blaubücher und andere amtliche Publikationen erschienen, die den Standpunkt der Kriegführenden oder Neutralen jenseits aller Geheimdiplomatie klären sollten. Aber noch nie, selbst in den früheren Kriegen nicht, wagte irgendein Aussenministerium mit soviel Offenherzigkeit einen Griff nach jenen Akten, die alle den Vermerk „geheim“, „vertraulich“, „streng vertraulich“ und „strengstens vertraulich“ tragen. Freilich, von all den Staatsmännern und Botschaftern, deren Namen über diesen Dokumenten aus Polen prangen, konnte selbst vor Jahresfrist niemand ahnen, dass das deutsche Heer in 18 Tagen eine Million-Armee vernichtet und die soliden Panzerschranke in Warschau erreicht haben würde, die Schriftstücke von so unermesslicher Bedeutung bargen. Wie wertvoll diese Dokumente für das Reich sind, wird in diesen Tagen, da alle Welt darin Einblick zu nehmen vermag, am Echo erkenntlich. Dabei wird von zuständiger deutscher Seite nachdrücklich betont, dass die Veröffentlichung der „ersten Serie“ erst einen Vorgeschmack vom Treiben unverantwortlicher kriegshetzerischer Elemente bildet. Berlin spielt also mitten im Krieg eine Karte aus, welche seine Gegner in keiner Weise stechen können. Zwar streiten die belasteten Diplomaten ihre nach Warschau gesandten Briefe und Informationen ab, aber das Auswärtige Amt in Berlin drückte darauf den Vertretern der ausländischen Presse eine Lupe in die Hand und liess sie genauestens die Echtheit der Dokumente samt Unterschriften und Stempeln feststellen. Und gegen diese Methode hilft auch der Einwand des Präsidenten Roosevelt wenig, dass man Nachrichten aus Europa in dieser Zeit mit „einigen Körnchen Salz“ aufnehmen müsste. Deutscherseits gilt jedenfalls die kriegshetzerische Tätigkeit gewisser USA-Botschafter in Paris und London als erwiesen. Das Reich beabsichtigt tatsächlich nicht, so sagte auch Ministerialrat Hans Fritsche in seiner bekannten Rundfunk- und Presseschau über den Deutschen Kurzwellensender am vergangenen Dienstag, Onkel Sam am Bart zu ziehen. Das Deutsche Weissbuch stellt indessen nicht irgendeine Form der „geschickten deutschen Propaganda“ dar, sondern vermittelt einwandfreie Dokumente, die unabhängig voneinander von verschiedenen polnischen Botschaftern nach ihren Unterredungen mit englischen, französischen und amerikanischen Diplomaten nach Warschau gesandt wurden.

Wenn die Nordamerikaner früher oder später durch ihre Regierungspolitik zum Eintritt in den europäischen Krieg gezwungen werden sollten, werden sie wissen, wen sie mit dieser Entscheidung zu belasten haben. Es will viel heissen, wenn der Führer des Aussenausschusses des Repräsentantenhauses in Washington, Hamilton Fish, das Dementi des Präsidenten Roosevelt zum Weissbuch als unbefriedigend bezeichnet und eine kategorische und detaillierte Zurückweisung verlangt. Andernfalls müssten die im Weissbuch enthaltenen Enthüllungen zur Amtsentsetzung Roosevelts führen. Die „Washington Post“ ist der Ansicht, dass die Acusserungen der Botschafter Bullitt und Kennedy, wie sie im Weissbuch erscheinen, sich vollkommen mit den politischen Ansichten Roosevelts decken. Daher meint der eben erwähnte Abgeordnete Hamilton Fish an anderer Stelle, dass das Deutsche Weissbuch seine stets gehegte Ueberzeugung bestätige, wonach die Kriegshysterie in direkter Verbindung mit den Vereinigten Staaten und dem Weissen Hause stehe. So ist also nicht abzuleugnen: die deutsche Diplomatie deckt das Falschspiel ihrer Gegner auf. Schritt und Tritt auf. Sie entlarvt die unter dem Deckmantel der Humanität und Biederkeit scheinheilig dahinziehenden Politikaster und stellt sie vor der ganzen Welt als jene geschäftstüchtigen Egoisten hin, die aus der Verhetzung der Völker und aus dem Krieg ihren Profit ziehen. Es ist anders als im Weltkrieg, ganz anders...

Zwischen redeten Churchill und Chamberlain

Gleichzeitig mit der Dokumentenveröffentlichung brachte die Presse die letzte Rundfunkrede Winston Churchills vom 30. März. Das war wieder ein furchtbares Jammern. Alles ganz anders... so las man auch hier zwischen den Zeilen. Man weiss, dass die Leser an einigen Kostproben dieser Rede des Ersten Lords der Admiralität ihre Freude haben werden und möchte darum den Hauptgedanken herauschälen: Er, Churchill, frage sich so oft, ob dieser Krieg lang sein werde! Mein Gott! Wie kurz hätte er sein können, wenn alle neutralen Länder, die die britische Ueberzeugung teilen und offen oder versteckt mit Albions Sache sympathisieren, sich auf ein gemeinsames Signal an die Seite Britanniens gestellt hätten. Wie schön wäre das gewesen, meinte Winston. Und er fährt fort zu erzählen, dass die Neutralen leider anderer Meinung sind, und dass der Krieg darum sicherlich nicht so kurz und leicht sein würde. Und dann folgt eine bittere Klage über die deutsche Seekriegsführung mit der kostbaren Feststellung: „Solche Kriegsmethoden wurden seit Vernichtung der Piraterie auf dem Meer niemals wieder aus-

geübt!“ Man muss das Wort von den Piraten an dieser Stelle geniessen, um zu verstehen, wie verabscheuungswürdig es vom Briten Churchill ausgesprochen wurde. Von polnischen Marinesoldaten, die auf britischen Schiffen dienten, berichtete Winston etwas später. Muss es da nicht wie eine Lust zum Fabulieren, zur Selbstüberzeugung geklungen haben, als er ausführte, dass die polnischen Marinesoldaten nach Erfüllung ihrer Aufgabe in der britischen Flotte von England ihr neues Vaterland zurückerhalten würden. England wisse ganz genau, warum es diesen Kampf führe und es rufe allen Blinden zu: „Wenn wir von diesem Streit lassen, werden alle verloren sein!“ Eine Kriegsschauplatzausweitung wünscht England auf keinen Fall... Es habe zwar angenommen, dass Russland wieder dem Völkerbund beitreten und die Arbeiter der ganzen Welt gegen den Naziangriff beschützen helfen würde. Aber obgleich das nicht eingetreten sei, denke Britannien nicht daran, Russland den Krieg zu erklären. Britannien habe auch keine Missverständnisse mit dem italienischen und dem japanischen Volk. England kenne nur einen Feind: Hitler und das nationalsozialistische Deutschland. Und jetzt tritt der Rechenkünstler Churchill auf den Plan und zaubert der Welt folgende Zahlen vor: Franzosen und Engländer (wohlgemerkt, die Franzosen gehen immer voran!) zählen zusammen 110 Millionen Menschen gegen weniger als 70 Millionen Deutsche. Von diesen 70 Millionen Deutschen seien 16 Millionen (Ostmärker, Sudetendeutsche, Volksdeutsche in Polen usw.) „versklavt“. Es bleiben also 110 Millionen Franzosen und Briten gegen halb so viel Deutsche. Diese Zahlen sind wieder einmal ganz gross erfunden. Das französische Volk zählt nämlich 38 Millionen, das englische 42 Millionen Menschen. Grossdeutschland, ohne die Bewohner des Protektorats Böhmen und Mähren, zählt allein 80 Millionen Menschen. Wie die Ostmärker, Sudetendeutsche und andere Volksdeutsche über England und Mr. Churchill denken, braucht hier nicht besonders erklärt zu werden. Mögen die Briten gemäss den Rechnungen ihres Ersten Lords ruhig 30 Millionen erdichtete Menschen als Reserve im blauen Dunst stehen haben. Das Reich hat aus seinen 80 Millionen das beste und stärkste Heer der Welt aufgebaut. Deutschlands graue Soldatenfront, Deutschlands innere Front werden niemals schwächer, wenn Winston Churchill redet, wohl aber stärker und siegeszuversichtlicher, wenn sie vernennen, wie wir und haltlos das Gestammel auf der anderen Seite ist. Denn nach Churchill sprach am Dienstag vor dem Unterhaus Mr. Chamberlain. Er lobte die französisch-britische Zusammenarbeit, versprach strenge Achtung der Rechte der Neutralen durch die Alliierten und kündigte abermals eine verschärfte Blockade — diesmal soll sie wirklich total sein — gegen das Reich an. So viel Worte, so viel Widersprüche: England kann die Blockade nicht verstärken, ohne die Neutralität der kleinen Nachbarstaaten des Deutschen Reiches noch mehr als bisher zu verletzen. Und Mr. Chamberlain möge sich in den Träumen seiner geplagten Nerven wohlfühlen — die Deutschen werden sich nicht wehren, nein, sie werden nichts zu ihrer Verteidigung tun; sie werden sich aushungern lassen und noch in ihren letzten Zügen „God save the king“ singen. Davon sind die Briten und ihre Vasallen hoffentlich überzeugt...

Der Sinn eines Obersten Kriegsrates

Als die hohen Politiker und Militärs der Westmächte nach ihrer 6. Sitzung in London in vergangener Woche wieder auseinandergingen, hatten sie eine gemeinsame Erklärung verfasst, die ihnen wie ein eigenes Wunder schien: England und Frankreich seien nun auf Leben und Tod verbündet! Einer dürfe nicht mehr vom anderen lassen. Kein Land kann ohne Einwilligung des anderen einen Sonderfrieden mit dem Reich schliessen oder gar nur an einen Waffenstillstand denken. Die Brüderlichkeit sei jetzt vollkommen. Solche schönen Worte sind an sich nichts Neues. Von seiten der Alliierten schon gar nicht. Bei dieser jüngsten Zusammenkunft ging es den Briten in Wirklichkeit um ein sehr ernsthaftes Problem. In London fürchtete man auf Grund der Erfahrungen mit dem aus innerpolitischen Schwierigkeiten gestürzten Kabinett Daladier eine zu sehr betonte eigene französische Linie. Diese darf es auf keinen Fall geben, und so frohlockten geradezu die Verlautbarungen der britischen Propaganda, dass im neuen französischen Ministerpräsidenten Reynaud jener Mann gefunden sei, der den Versuch Hitlers, Frankreich von England zu trennen, endgültig zunichte mache. Nun ist aber zwischen London und Paris doch nicht alles so in Butter, wie Havas und Reuter mitzuteilen belieben. Besonders die Einstellung Russlands gegenüber ist hier und dort nicht die gleiche. Während England keine Angriffe der Alliierten gegen Russland wünscht, führt die französische Presse eine recht scharfe Sprache, indem sie schreibt, dass man in England wohl lachen könne, da es dort keine kommunistische Frage gäbe. In Pariser Waffenfabriken dagegen, meint der „Matin“, wiederholen die Arbeiter fast täglich ganze Sätze aus der letzten Rede Molotows, der die imperialistischen Angreifer verurteilt hatte. Der neue französische Informationsminister Frossard, betont „Petit Parisien“, solle den Engländern zu verstehen geben, dass der Frieden nicht nur den Kopf Hitlers, sondern auch den Stalins erheische. Recht gehässig wird man in Paris auch gegen die unterschiedliche Handhabung der Zensur in England und Frankreich. Die Briten dürfen drucken und lesen, was den Franzosen noch längst nicht erlaubt ist. Daher bemerkt ein französischer Artikelschreiber sehr deutlich: „Ich bin in London Alliiertes und bin es auch, wenn ich mich in Paris befinde. Die Minister unserer Länder sagen, dass eine untrennbare Einheit zwischen beiden Nationen besteht.“ Vielleicht wird dem Mann geholfen, wenn Monsieur Frossard vom Informationsbesuch zu seinem englischen Kollegen wieder zurückgekehrt sein wird. Vorläufig sorgt auf alle Fälle der Oberste Kriegsrat dafür, dass die Freundschaft über den Kanal hinweg fort dauert, zumal die Briten die Franzosen nötiger haben als umgekehrt. Damit Paris aber nicht doch argwöhnisch werde, werde, lässt man in aller Welt die Nachricht verbreiten, dass das brüderliche Verhältnis auch nach dem Krieg erhalten bleiben und die Franzosen mit reicher Beute belohnen soll. Zusammen mit den Briten sollen sie dann die Polizisten Europas sein. Bis dahin müssen sie sich — behaupten wir unparteiisch — an Reynauds Ausspruch halten: „Frankreich wird hart zu kämpfen haben, wird schwer arbeiten und bitter leiden müssen!“ ep.

Konzertabend

des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen, Rio de Janeiro

„Grosse Ereignisse werfen ihre Schatten voraus“ sagt ein altes Sprichwort und das hat sich wohl diesmal bewährt. Man hatte es bereits am Vorverkauf gemerkt, dass die Nachfrage diesmal besonders stark war und so war auch das Deutsche Heim bis auf den letzten Platz gefüllt. Erwartung und Spannung lag auf allen Gesichtern. Ueher den Verlauf des Konzertes geht uns von fachkundiger Seite nachstehender Bericht zu:

Herr Georg Hering, der rührige und zielbewusste Dirigent des Orchesters des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen, der sich durch sein musikalisches Wirken sowohl bei seiner Orchestergruppe wie auch bei seinen Hörern bester Beliebtheit und Wertschätzung erfreut, ging mit dem unter dem Stichwort „Wiener Klänge“ zusammengestellten Programm zum Teil neue Wege. Hatte er doch, nachdem in den früheren Konzerten nur der leichteren Muse des Militärmarsches und der Tanzmusik gehuldigt worden war, diesmal den ersten Teil der Vortragsfolge den Wiener Klassikern gewidmet und damit seine Musiker, sich selbst und nicht zuletzt auch das

Publikum vor erhöhte Aufgaben gestellt. Kein Zweifel, dass diese Aufgaben von allen Seiten in höchst erfreulicher Weise gelöst wurden. Wie durchsichtig wurde Mozarts schöne „Titus-Ouverture“ dargeboten, wie leicht und froh fügten sich die Melodien zu buntbewegtem Reigen, und wie dankbar wurde die Darbietung hingenommen! Welchen Beifall fand die treffliche Geigerin Enaura Mello mit dem ersten Satz von Mozarts Violinkonzert A-Dur, das sie sicher in Stil und Technik wiedergab; dem Orchester war für die schmiegsame Begleitung ein besonderes Lob zu spenden. Welchen Anklang fanden sodann die mit viel Temperament gebotenen Ungarischen Tänze V und VI von Altmeyer Brahms und welchen Jubel lösten die munter und flüssig erklingenden Weisen von Schuberts Militärmarsch aus! Das Orchester und sein Leiter konnten auf ihre Leistung stolz sein. Es ist zu hoffen, dass es in bezug auf das Einfügen klassischer Musik in die Vortragsfolgen nicht bei diesem ersten Versuch bleibe und dass in Zukunft ein Verstärken der Streicher, ganz besonders der

Geiger, und wenn möglich ein besserer Flügel dazu beitragen, weitere und noch schönere Erfolge zu erzielen.

Nach den Klassikern kamen dann alle die Wiener Komponisten zu Wort, die wir immer wieder gern hören, die uns immer wieder mahnen, das Leben nicht so ernst zu nehmen. Strauss, Zeller, Ziehrer und alle die anderen Meister des Wiener Walzers wurden lebendig. Die Stimmung stieg mit jedem neuen Vortragsstück, und der treffliche Pi-

kaum zur Ruhe kommen, als das schmissige Marschlied, eine der Lieblingsweisen unserer heutigen Krieger, schon zweimal wiederholt worden war...

Eigentlich ist in dieser Beschreibung alles gesagt. Wir wollen noch hinzufügen, dass der Wirt das Bierausschenken vergass und die Kellner das Bedienen, nämlich beim Erika-Lied, wobei wir allerdings bemerken möchten, dass diesmal gerade in dieser Beziehung alles ganz hervorragend geklappt hat.



stonbläser, der die „Vogelhändler“-Melodie mit ganz besonderem Schmelz ausstattete, und das Zitherrio Rosa und Hermine Benesch und H. Meiler, das die „Geschichten aus dem Wienerwald“ weitererzählen half, taten das ihre, die Beifallsalven immer turbulenter werden zu lassen.

Als dann aber das „Erikamarschlied“ erklang und das Publikum sich mitsingend den braven deutschen Feldgrauen in den Bunkern des Westwalles verbunden fühlen konnte, da war der Jubel endlos und wollte auch

Nachher blieb noch jung und alt bei Tanz beisammen und es ist wohl müßig zu erwähnen, dass das Erika-Lied den letzten Teil des Abends ganz und gar beherrschte. Es war wieder eine sehr gelungene Veranstaltung des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen.

Wir möchten hier auch noch auf die nächste Veranstaltung hinweisen, die am 7. April stattfindet. Alles auf zum „Eintopfen“ unter dem Motto „Auf der Heide blüht ein kleines Blümlein — und das heißt Erika“.

F. K.

a secção de informações é dirigida pelo judeu Cohen, enquanto na respectiva redacção são encontrados os judeus Kessel, Sommer e Hirsch. O ministro das Colónias francez, o judeu Mandel, uma das figuras de pior espécie da política franceza, exerce sua influencia no „Le Soir“, que é o órgão da ex-Frente Popular, sendo dirigido pelo judeu Jean Richard Block.

Particularmente typica é a situação no órgão principal dos radicaes-socialistas „L'Ouvre“. Antes da guerra, a folha tinha uma tendencia fortemente antijudaica e desvendava impiedosamente os motivos escusos da politica judaica da França. Entretanto, os judeus souberam arranjar as cousas. Muito em segredo, Jean Hennessy e Bauer adquiriram a maioria das acções do jornal e de um momento para outro desapareceram das columnas da folha todos os artigos anti-judaicos.

Mas tambem na redacção processou-se logo u'a mudança não insignificante e hoje os lugares de maior influencia são occupados por judeus ou amigos de judeus.

Na campanha de falsidades contra a Alemanha encontra-se no posto mais avançado o „Paris Soir“, uma folha tipicamente commercial que depende das industrias textil e assucareira, visto que os proprietarios principais são os judeus Preuvest e Béghon. O primeiro é presidente da federação da industria textil, ao passo que Béghon desempenha um papel saliente na industria assucareira. Entre os seus dezeseis redactores encontram-se „apenas onze pobres israelitas opprimidos“, conforme costumava dizer o judeu dos cereaes Dreyfus que tambem se acha interessado nessa folha. Já no anno de 1933, o „Paris Soir“ havia organizado uma vasta campanha de calumnias contra a Alemanha nacional-socialista, publicando uma longa série de documentos falsificados e puramente inventados sobre a Alemanha. Essa folha é mestre notadamente na adulteração de discursos de Hitler. Muita gente ha de se lembrar ainda da noticia sensacional divulgada por essa folha e que se prendia a um attentado ao rei da Inglaterra, o qual teria sido posto em scena por um secretario de J'Aluis Streicher. E o desmentido a essa noticia tartarea foi publicado perdido em meio á secção de anuncios.

Helena Dupuy-Brown é a proprietaria do „Petit Parisien“, cujo redactor-chefe é o judeu Elias Bloch. Outros doze judeus são encontrados nos lugares mais importantes da respectiva redacção. E' justamente essa posição que o judaismo considera particularmente importante, visto que a folha representa, graças a uma tiragem de 1.5 até 2 milhões de exemplares, um excellente meio de combate e exerce uma ampla influencia sobre a opinião publica do paiz.

Abstracção feita dos poucos jornaes de feição anti-judaica, que, entretanto, não contam elevadas tiragens, têm seu assento quasi que em todas as redacções francezas um ou mais judeus que manipulam, destarte, a opinião publica do paiz, o que revirenta, simultaneamente, um bom negocio, pois as empresas jornalisticas rendem gordos dividendos.

Todavia, tambem nas bellas letras os judeus predominam hoje na França. A imprensa não se cansa de apregoar e exaltar os ultimos romances escriptos por autores judaicos, apresentando-os ás massas como grandes revelações, mercê do que os livros são comprados avidamente. Accresce a isso ainda, que tambem o commercio livreiro se acha hoje extensamente judaizado na França, de modo que assim o dominio da opinião publica pelos judeus é completo em todos os sectores. Encontram-se nas mãos de Juda, numa vasta extensão, não apenas as grandes livrarias nas ruas principaes, mas tambem as pequenas bibliothecas de aluguel e lojas de antiquarios, aonde a gente simples vae em busca da literatura. E Juda sabe o que deve a essa situação. Da invasão judaica, sob a qual a França soffre, resalta de resto em que extensão cresceu alli a influencia do judaismo. Em 1808, havia na França apenas cerca de 46.000 judeus; no anno de 1914 já se contavam 180.000, e hoje seu numero ultrapassa 450.000. Ao se ouvirem esses algarismos e ao se saber como se forma a opinião publica na França, tem-se a certeza de que não foi o povo francez que quiz esta guerra contra a Alemanha, mas que foram o judaismo e seus apaniguados que a provocaram.

Das Rätsel von Sylt

Ein DM-Leser hat aus den verschiedenen Telegrammen, die der britische Reklametrick vom „Luftangriff auf die friesische Insel Sylt“ auslöste und über die bereits berichtet wurde, folgende satyrische Reime aus dem Aermel geschüttelt:

Londoner Bericht:

Ueber Sylt wir waren mit Bombern im Nu,
wir deckten mit Eisen die Insel zu,
zu sehen ist nichts mehr an Land.
Wir schwören euch bei unsrer Ehr':
Sogar die Strandflöh' leben nicht mehr —
nur Löcher sieht man und Sand.

Newyorker Bericht:

Auf Sylt wir wurden als Zeugen geführt,
mit der Bahn sogar, wie sichs gebührt:
Wir sahen ohne Dach ein Haus.
Dann nahmen wir ein Bad am Strand
und fanden dabei acht Löcher im Sand —
doch sonst sah's friedlich aus.

Pariser Bericht:

Auf Sylt da waren Amerikas Leute
der deutschen Raffiniertheit Beute —
sie sahen die Schäden nicht.
Sie waren von Deutschen hypnotisiert:
Ihr Bericht wurd' ihnen suggeriert;
aber die Wahrheit kommt ans Licht.

Berliner Bericht:

Ueber Sylt der geflügelte Löwe flog;
durch seinen Bauch ein Grimmen zog,
dass sein Gedärme krümmte sich.
Da liess er eben etwas fallen:
Schaden tat's nicht, doch es tat knallen —
und stank ganz fürchterlich.

H. S.

Verein Deutsches Krankenhaus
Der Verein Deutsches Krankenhaus beruft seine diesjährige
Ordentliche Hauptversammlung
auf Montag, den 15. April 1940, 20 Uhr
in der Gesellschaft Germania, Rua Dom José de Barros, ein.

Tagesordnung:

1) Berichterstattung des Vorstandes; 2) Berichterstattung des Aufsichtsrates; 3) Entlastungserteilung an den Vorstand; 4) Wahl bezw. Ergänzungswahl für den Vorstand und Aufsichtsrat; 5) Etwaige Anträge.

Art. 13 der Satzungen besagt: Falls die zur Beschlussfähigkeit erforderliche Anzahl von Mitgliedern zu der für die Eröffnung der Hauptversammlung festgesetzten Stunde nicht vorhanden ist, hat innerhalb einer halben Stunde eine zweite Hauptversammlung zu tagen, welche unter allen Umständen beschlussfähig ist.
Der Vorstand

Por trás dos bastidores do mundo jornalístico parisiense

Judeus e plutocratas amoldam a opinião publica na França

A parte preponderante dos jornaes francezes recebe seu noticiario da grande agencia Havas que em materia de tática da mentira nada fica a dever ao bureau Reuter em Londres. Uma vez, porém, que tambem a imprensa no estrangeiro recebe as noticias francezas em grande parte por intermedio da Havas, directamente ou em permuta através de outras agencias de informações, dahí se infere a significação dessa agencia na influencia da opinião publica do respectivo paiz. Dado que os judeus reconheceram, já nos primordios do jornalismo moderno, a importância da transmissão de noticias, nada ha a admirar, que tanto a Havas como a Reuter sejam fundações judaicas. Hoje a Havas é dominada pelo judeu Jacques Stern que adquiriu, apenas no anno passado, 20.000 acções da referida empresa, a respeito de cujo preço jamais se conseguiu saber algo. Seu primeiro acto, como principal accionista da Havas, foi collocar judeus na chefia de todas as secções mais importantes: Israel Hirsch foi nomeado chefe do serviço de informações; o judeu de Grunberg dirige a censura dos telegrammas do exterior, enquanto um primo de Léon Blum, um tal Schumann, prepara o noticiario para a imprensa estrangeira e o judeu Arnold Yoxe se encarrega dos comunicados para o Quai d'Orsay. Subentende-se, está claro, que esses judeus abafem, ao fazerem a selecção das noticias, systematicamente tudo quanto ponha em destaque os feitos da Alemanha nacional-socialista, assim como tambem é natural, que a Havas fomente e oriente, sob recurso a todos os meios, a campanha das falsidades contra o Reich.

A imprensa provinciana franceza é a mais fartamente abastecida de noticias não apenas pela Havas, mas tambem pela agencia Fournier que representa o bureau de informações que occupa o segundo lugar na França. A agencia Fournier é o dominio dos judeus Bollack, Mayer, Nathan, Weill e Levy. Como judeus „combatentes“ investem, por princi-

pio, em sentido inter-político, contra todos os governos nacionalistas e encontram sua especialidade peculiar na „luta contra o fascismo“.

A influenciação da opinião publica franceza pelo judaismo começa, por consequente, na noticia, visto que a elaboração desta se acha a cargo dos judeus, nos postos mais importantes, e uma vez que estes attribuem a toda a noticia, mesmo a mais insignificante, immediatamente uma tendencia maldosa. Mas tambem nas proprias empresas jornalisticas o judaismo occupa o mesmo lugar. Todos os cargos mais destacados nas folhas de grande tiragem são occupados por judeus.

O rei dos cereaes como jornalista

Graças a uma campanha de intrigas particularmente intensa contra a Alemanha nacional-socialista, assignalou-se, desde o inicio da guerra, „L'Epoque“. Lá o potentado da redacção é Louis Dreyfus, o rei dos cereaes. Seu complice é o politico Henry de Kerillis que, na realidade, não é judeu, mas, em compensação, um defensor tanto mais feroz dos interesses judaicos, de vez que recebe seu dinheiro dos judeus. De'le Dreyfus diz em uma carta confidencial: „De Kerillis defendem, com talento e fogo, a causa da humanidade em sua politica externa, a causa de todos os civilizados, não importa de que religião fossem. Empenhou-se, ao mesmo tempo, pelos infelizes israelitas!“ Em outros termos: De Kerillis é um excelente famulo da plutocracia judaica que orienta suas exteriorizações, nos dominios da politica externa, seguindo os desejos do judaismo universal.

Em Paris lê-se muito „Le Jour“, dirigido pelo judeu Schwob, que adopta ainda o nome francez d'Hericourt e que tambem é socio de „L'Epoque“. Na redacção de „Le Jour“ enxameiam os judeus; o serviço de informações está a cargo do judeu Bévières; o chefe da publicidade é o judeu Hecker. No „Matin“,

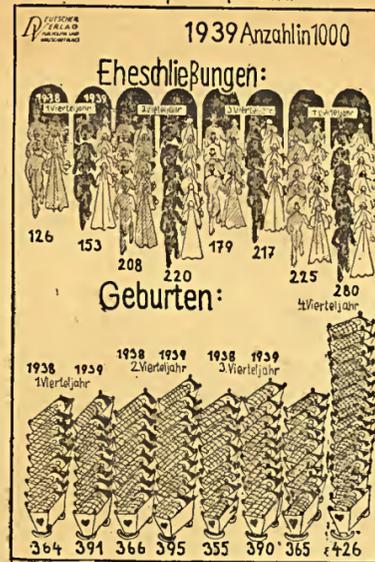
Irradiações em lingua portugueza

As irradiações das Emissoras Allemãs de Ondas Curtas, Berlin, com antenas dirigidas para o Brasil, são transmitidas diariamente pelas estações DJP (11855 kiclos — 25,31 m) e DJQ (15280 kiclos — 19,63 m). Estas irradiações realizadas todos os dias das 18.50 ás 23 horas (hora local), em lingua portugueza apresentarão como de costume dos serviços noticiosos de ultima hora, o primeiro ás 20 e o segundo ás 22 horas.

Além das transmissoras acima mencionadas, irradiam mais outras tres emissoras allemãs com antenas dirigidas para a America do Sul. Estas irradiações são feitas em lingua hespanhola A seguir os prefixos, ondas e horarios das referidas emissoras: (hora local)

- DJE — 17760 kiclos — 16,89 metros — das 8,00 ás 10,15 horas
- DJW — 9650 kiclos — 31,09 metros — das 18,50 ás 1,00 hora
- DZC — 10290 k'clos — 29,15 metros — das 18,50 ás 1,00 hora

Eheschließungen und Geburten in Großdeutschland



Die Bevölkerungsentwicklung im Jahre 1938 und 1939.

Die Zahl der Eheschließungen und auch die Zahl der Geburten lagen im Jahre 1939 in Großdeutschland durchschnittlich über den Zahlen des Jahres 1938. Besonders brachte das 4. Vierteljahr 1939 ein beträchtliches Ansteigen der Heiratsziffern als Folge der Einführung der Kriegstrauung, aber auch die Geburtenziffer lag im 4. Vierteljahr 1939 bereits höher als in allen anderen Vierteljahren, was zu einem großen Teile auf das starke Ansteigen der Geburtenziffern in der Ostmark und im Sudetenland zurückzuführen ist. Diese Zahlen beweisen besser als jede andere Zahl den Lebenswillen des deutschen Volkes und zeigen auch die Zuversicht, mit der das deutsche Volk in den Kampf um die Sicherung seines Lebensraumes gegangen ist.

Josef Staudinger hatte Urlaub bekommen. Er erwartete Familienzuwachs, aber dieser liess auf sich warten. Da wagte Staudinger ein Telegramm an sein Regiment: „Bitte ergebenst um Nachurlaub, da Frau täglich niederkommt.“ Bereits am nächsten Tage traf das Antworttelegramm ein: „Nachurlaub genehmigt. Verfahren im Staatsinteresse patenfieren lassen!“

Schütze Eberle zielt beim Schiessunterricht endlos lange. „Was sind Sie eigentlich von Beruf?“ fragt ungeduldig der Feldwebel. — „Kaufmann, Herr Feldwebel!“ — „Na, dann drücken Sie schon endlich los! Oder glauben Sie vielleicht, Sie bekommen bei uns drei Monate Ziel?“

O Livro Branco Alemão

Documentos secretos do Arquivo Polonez sobre os antecedentes da guerra

BERLIM, 30 (T.-O.) — Quando da ocupação de Varsóvia caíram em poder dos alemães partes muito importantes dos arquivos do Ministério do Exterior polonez. Tendo sido examinada essa documentação muito extensa, será a mesma publicada sempre que represente importância para a prehistoria da guerra ou seja de interesse geral.

A primeira collecção destes documentos foi publicada na sexta-feira, acompanhada dos "fac-símiles" dos originaes, dando em continuação o texto na integra. Estes documentos não requerem commentarios, falando elles mesmos uma linguagem bem clara.

1.º Documento

O 1º documento é constituído pelo telegramma do embaixador britannico em Varsóvia, sir Howard Kennard dirigido a Londres em 2 de abril de 1935. Nelle sir Howard Kennard transcreve o seguinte de autoria do sr. Eden:

"Esta tarde tive uma entrevista com o Marechal Pilsudski. A conversação era difficil de ser conduzida porque grande parte das declarações feitas pelo Marechal, todas em francez, não eram comprehensíveis nem por mim e nem pelos 2 ministros polonezes que assistiram á entrevista. Consideravel parte de suas observações referia-se a recordações, informando-se de minhas actividades na guerra e reconhecendo os meritos do exercito britannico demonstrados durante o conflicto.

"O thema politico principal, no que era possível concretiza-lo, consistia em que Pilsudski disse firmara um pacto com a Alemanha e a Russia, que a politica da Russia sempre fora difficil de ser prevista pelo que as outras nações interpretam-na mal e, que Lloyd George era um dos exemplos dessas interpretações equivocadas. Como prova citou a subvenção concedida por Lloyd George a Denikin. Pilsudski acrescentou que sempre soube que Denikin nunca teve a possibilidade de vencer, mas que Lloyd George enganou-se quando analisou a situação. Parecia que o Marechal desejava que a Inglaterra se occupasse com suas colonias em vez de imitar o exemplo dado por Lloyd George.

O Marechal perguntou-me: Como, por exemplo, encontra-se a situação politica da Jamaica. Respondi-lhe que se a Europa tivesse tão pouca importância como a Jamaica não teriamos preocupações. Perguntei ao Marechal se acreditava que para a Grã-Bretanha não havia outra alternativa entre o isolamento e os assumptos em suspenso. O Marechal respondeu que segundo sua opinião não existe tal alternativa. Por minha parte, disse-lhe que não desejamos outra coisa, com mais fervor, do que deixar a Europa entregue a suas proprias difficuldades, mas que tinhamos a experiencia de que estas difficuldades possiam o pessimo attributo de complicar o nosso paiz.

Tive a impressão de um homem physicamente muito debilitado, que apesar de suas questões sem solução, não se deixou, em todo o caso, complicar na discussão dos problemas actuaes da politica. Tal como parece, o Marechal concebia que a posição de seu proprio paiz, nas circumstancias actuaes, é a posição de um paiz que deve manter os pactos concluidos com cada um de seus grandes vizinhos, que não concorda em modificar sua posição ou levar em conta os acontecimentos que poderiam obriga-lo a revêr a attitude adoptada."

2.º Documento

O 2º documento é constituído pela carta do Estado Maior polonez, secção nº 2 de Varsóvia, dirigida ao Ministerio do Exterior de Varsóvia e com a data de 8 de Agosto de 1938, com a advertencia de secreto.

Trata-se de um informe vindo do addido militar britannico de Lisboa em que se pede, tambem, instrução para agir deante das opiniões expostas por officiaes estrangeiros. O informe em questão possui como titulo "Como se julga a situação internacional em Portugal".

"A missão militar ingleza que actua em Portugal occupa-se, actualmente, — diz o informe — em definir em linhas geraes a colaboração militar entre Portugal e a Inglaterra. O almirante Wodehouse concertou com os Estados Maiores do Exercito e da Marinha portuguezas as exigencias inglezas, mas todos os projectos foram saboteados por parte do governo e do ministro da Guerra. A missão nem sequer recebeu resposta. Sobre este particular o almirante Wodehouse conferenciou com o embaixador inglez, sr. Selby, o qual recommendou calma e reserva. O almirante Wodehouse enviou um informe, directamente dirigido á Londres, dizendo sobre o referido o seguinte: "Perguntei a Londres se devia collocar já o revolver no peito ou se devia todavia esperar. Em todo o caso serei mais energico com elles."

"O general portuguez Peixoto e Cunha, que como pessoa de confiança de Salazar leva a cabo a reforma do pessoal do exercito, declarou-me que Portugal no futuro verá apenas na aliança com a Inglaterra um ponto de apoio, e que, independentemente, da forma como se desenvolvam os acontecimentos hespanhoes, a Hespanha constitue uma constante ameaça para Portugal. O enfraquecimento da Hespanha, inclusive, com a separação da Catalunha, seria visto com agrado por Portugal.

O tenente coronel Chamberlain, pertencente á missão militar ingleza, falou do perigo de uma guerra europeia, dizendo: "Advertimos claramente o "bluff" da Alemanha e da Italia. Da mesma forma que outros companheiros mais jovens da nossa missão opinou, pessoalmente, que deviamos iniciar a guerra, se possível immediatamente". Esta opinião baseava-se no facto de que a Alemanha não poderia surpreender com o material de guerra novo, que o

exercito não estava preparado faltando, sobretudo, quadros, que o material da aviação e os tanques eram antiquados, tendo portanto, pouco valor e que ainda estavam equipados de modo insufficiente as unidades treinadas ou novas. Além disso, allegou a situação economica e moral do paiz (a possibilidade de ser derrubado o regimen). A Alemanha faltavam mineraes, oleos, borracha e viveres. A Italia, sua possível aliada, encontrava-se ainda em peor situação posto que, nem sequer dispunha de materias primas. Declarou que em vista das circumstancias actuaes não seria possível evitar-se a guerra no futuro. Melhor seria inicia-la já quando o momento offeria menos perigos. A Inglaterra podia contar, de immediato, com a estreita colaboração da America.

"Fiz a Chamberlain a pergunta de se a Inglaterra, neste caso, pensava implantar o serviço militar obrigatorio. Respondeu-me que isto não seria feito pois considerava-se mais eficaz a seguinte forma de ajuda da Inglaterra: a participação da marinha, aviação e, igualmente, da arma dos tanques, e a participação da industria. Esta forma de auxilio, logicamente, podia ampliar-se no transcurso dos acontecimentos da guerra até a mobilização completa.

"O coronel Daily, da Missão Militar ingleza mostra-se optimista sobre os resultados dos trabalhos da referida organização. Deu-me a entender que a Inglaterra empregara meios que garantiam o exito. De momento já se conseguira estorvar amplamente a venda de material de guerra alemão. Pode-se considerar com muito scepticismo a possibilidade de que a Alemanha venda ainda mais material de guerra. Advertiu, a este respeito, que as experiencias recentes com material de guerra alemão na Rumania haviam tido resultados desfavoraveis. O coronel Daily disse-me que a Alemanha fornecera ultimamente certa quantidade de armas á Hespanha governista. Sobre as possibilidades inglezas, expressou-se de modo identico ao de Chamberlain, sublinhando com muita insistencia os resultados já conseguidos pela colaboração da Inglaterra com os Estados Unidos. A respeito do serviço militar obrigatorio disse que a Inglaterra creava bases para uma muito grande ampliação de seu exercito, por meio de preparativos militares, instrução de tiro, criação de fortes destacamentos de voluntarios para a defeza contra ataques aereos e dos serviços de transporte e saúde. A Inglaterra organizava, com grandes perspectivas, as reservas estrategicas de suas colonias, principalmente, a India onde tambem eram instruidas novas tropas. Desde ha 2 annos preparavam-se, tambem, escolas para os postos de commando dos effectivos que farão a proxima guerra "verbi gratia": a escola central de altos estudos militares para preparar dirigentes na politica, administração e assumptos militares, o "Imperial Military College" para preparação identica em postos de commando inferiores, a duplicação do numero de officiaes do Estado Maior preparados com cursos de um anno para commandos até de divisão e com cursos de 2 annos para os Estados Maiores. Deste modo recebia a Inglaterra uma organização para todo o Imperio, preparando-o para o conflicto futuro.

O commandante Gade, addido militar norte-americano, por sua vez, disse-me: "Por nossas idéas estamos do lado das democracias. No momento presente estuda-se na America a possibilidade de rapidos auxilios para a Inglaterra e a França. Chegou-se á convicção de que os auxilios não podiam demorar tanto como na guerra mundial onde só depois de decorrido mais de um anno entraram em combate os primeiros soldados americanos ao passo que agora, apenas entre 7 e 10 dias depois de estabelecer a guerra, enviar-se-iam mil aviões". Advertiu-me, tambem, o commandante Gade sobre os methodos inadmissíveis da penetração alemã na America do Sul, com o que os Estados Unidos não podiam estar de accordo. O commandante Gade é pessoa de confiança e amigo pessoal do presidente Roosevelt. Mantem relações muito estreitas com a Belgica e goza da amizade do rei da Belgica. Não tem sympathias pela Alemanha. Desfructa de grande fortuna pessoal.

"Nas conversações com Chamberlain, Daily e Gade senti a certeza de uma colaboração tacita, muito intima, no caso de um conflicto.

"Tive frequentes conversações com italianos desta cidade. Estavam muito nervosos, interessando-se profundamente pela nossa attitude em um conflicto futuro. Postos contra a parede, referiam-se ás ameaças contra a humanidade e a cultura na guerra proxima pelo que dever-se-ia evita-la a todo o transe.

"Durante a estadia da esquadra franceza, o commandante Darrieux, sub-chefe do Estado Maior da esquadra do Atlantico, considerado como um dos homens de maior futuro da marinha franceza e que já conhecia quando era ainda commandante de uma unidade de destroyers, convidou-me pessoalmente a seu navio-capitanea e, igualmente, a visitar o porta-aviões "Bearn". Com o capitão Stefanowicz, acompanhados pelo embaixador francez, eramos os unicos estrangeiros a bordo. O "Bearn" estava ancorado no meio do rio Tejo, e muito afastada a possibilidade de vê-lo de perto. Durante a conversação o commandante Darrieux expressou-se bastante sereno sobre as possibilidades de um proximo conflicto. Sublinhou, principalmente, que na França os circulos direitistas com sua imprensa tinham temores infundados e não julgavam de modo certo a situação. O maior erro, segundo elle, era o pacifismo das democracias posto que, assim, não se podia iniciar a guerra, isto é, ser os primeiros a tomar a offensiva. Deste modo entregava-se ao inimigo o triumpho mais valioso, o da surpresa. Mas, já se havia começado a pensar de outro modo. Acredita, tambem, ser possível um entendimento com os italianos.

"Em resumo queria sublinhar a serenidade e a conformidade de opiniões dos representantes da Inglaterra, França e Estados Unidos."

3.º Documento

O terceiro documento é constituído por uma carta do "Voivoda" dr. Grazynski, de Katowitz,

ao Ministro do Exterior em Varsóvia e com a data de novembro de 1938.

"Senhor Ministro. Considero meu dever pô-lo ao conhecimento de uma conversação que teve lugar entre o sr. Krullis Randa, antigo director geral das fabricas de Trzynice e o senhor Zieleniewski. Esta conversação é de grande importancia porque o sr. Krullis Randa é um dos mais importantes industriaes tchecos, cujo nome surgiu, ultimamente, como candidato á presidencia da republica tcheco-slovaca. Nella o sr. Randa expressou-se nos seguintes termos: "Durante mil annos os tchecos actuaram politicamente entre o conjunto do imperio germano. Depois que conseguiram a independencia surgiu na Tcheco-slovaquia um grupo que tentou realizar uma politica independente. Suas tentativas, entretanto, foram annulladas. Essas tentativas falharam. Agora, segundo minha opinião, o Estado tcheco deve voltar a seu antigo papel participando do destino politico do Reich alemão". Levando-se em conta a posição do sr. Krullis Randa, suas palavras encerram grande valor e mostram que existem as mesmas tendencias observadas, tambem, em tempos passados. Assignado, dr. Grazynski, "voivoda".

4.º Documento

Relatorio do embaixador polonez em Washington, conde Jerzy Potocki, ao ministro dos Estrangeiros polonez, em Varsóvia, com data de 21 de Novembro de 1938. Assumpto: — Entrevista com o embaixador Bullitt. E' o seguinte o texto do relatorio:

"Sr. Ministro dos Estrangeiros, em Varsóvia. Celebrei hontem longa conferencia com o embaixador Bullitt, actualmente passando aqui suas férias. De entrada observou que mantem relações muito cordiaes com o embaixador Lukaszewicz, em Paris, e que com muito gosto fala com elle. Como o sr. Bullitt informa constantemente o presidente Roosevelt sobre a situação internacional na Europa, especialmente sobre a Russia, seus relatorios são lidos com grande attenção pelo presidente Roosevelt e pelo Departamento de Estado.

O sr. Bullitt tem uma linguagem viva e interessante. Todavia, sua reacção ante os acontecimentos europeus, é antes a de um jornalista do que de um politico, pois de sua conversação sobre as questões europeas de hoje se extrahem consequencias muito negativas. Em sua conversação, o sr. Bullitt mostrou um grande pessimismo. Falou de que a primavera de 1939 seria, sem duvida, muito agitada, agravada pela possibilidade constante de guerra por parte da Alemanha, assim como pelo perigo inherente ás questões ventiladas na Europa.

Está de accordo com minha opinião de que o centro de gravidade das questões europeas passou de Oeste para Este, pois a capitulação dos Estados democraticos em Munich revelou á Alemanha a debilidade dos mesmos. Em continuação, falou o sr. Bullitt sobre a completa falta de preparação da Grã-Bretanha para a guerra, e a impossibilidade de realizar na industria ingleza as transformações necessarias para a produção de guerra, especialmente quanto á aviação. Exerciou-se com grande entusiasmo sobre o Exercito francez, confirmando, porém, que a aviação franceza é antiquada.

Segundo declarações dos technicos militares durante a crise do outomno de 1938, uma guerra na Europa duraria pelo menos seis annos e terminaria, segundo sua opinião, na completo destruição da Europa e com o Communismo em todos os Estados. Sem duvida, no final a Russia tiraria as consequencias disso. Sobre a URSS, o embaixador expressou-se em tom depreciativo. Disse que a ultima operação de limpeza, sobretudo a eliminação de Blucher, provocou uma completa desorientação no Exercito vermelho, que não é hoje capaz de resistir ao esforço que significa uma guerra. Em termos geraes, a Russia, segundo elle proprio expressou, é o Estado enfermo da Europa. Comparou-a com o Estado ottomano de antes da guerra.

Sobre a Alemanha e seu chanceller Hitler expressou-se com grande vehemencia e forte odio. Falou de que somente a força, e esta ao fim de uma guerra, acabaria de uma vez com a monstruosa expansão da Alemanha. A minha pergunta sobre como elle imaginava a futura guerra, respondeu de que os Estados Unidos, França e Inglaterra devem armarem-se poderosamente para fazer frente á potencia alemã. Pois somente quando o momento tiver chegado a ser ponto de maturidade, disse Bullitt, poderá ser tomada a decisão suprema. Perguntei-lhe em que forma acreditava elle que se poderia chegar a essa determinação, pois a Alemanha provavelmente não seria a primeira em atacar a Inglaterra e a França. Bullitt respondeu que os Estados democraticos precisariam ainda de dois annos até o seu completo rearmamento.

Neste tempo a Alemanha provavelmente avancaria em sua expansão até o Este. O desejo dos Estados democraticos seria o de que no Este da Europa se chegasse á um conflicto bellico entre a URSS e a Alemanha. Como o potencial bellico da Russia não é, entretanto, conhecido, resultaria possível que a Alemanha se afastasse muito de suas bases e, desta forma, ella se condemnaria a uma guerra longa e de usura. Somente então os Estados democraticos atacariam a Alemanha e obrigariam-na a capitular. A minha pergunta sobre se os Estados Unidos participariam desta guerra, o sr. Bullitt respondeu: "Indubitavelmente, sim, porém somente depois da Inglaterra e da França terem começado". A opinião nos Estados Unidos, ante o Nazismo e o Hitlerismo, é tão forte, que já hoje, entre os norte-americanos, reina uma psychose parecida com a de antes da declaração de guerra dos EE. UU. á Alemanha, em 1917 — disse o sr. Bullitt.

O embaixador perguntou, em continuação, pela Polonia e sobre nossa situação no Este da Europa. Confirmou que a Polonia é um Estado que tomara as armas se a Alemanha transpuzesse suas fronteiras. A questão da fronteira

commum com a Hungria merece minha maxima comprehensão. Os húngaros são um povo muito apto. Uma linha de defeza commum com a Yugo-Slavia seria um bom dique á expansão alemã. A seguir, falou o sr. Bullitt sobre a questão ucraniana e as tentativas alemãs na Ucrania. Confirmou que a Alemanha tinha preparado um quadro completo de ucranianos que poderiam formar o futuro governo ucraniano, e estabelecer alli um Estado independente sob a influencia alemã. "Uma tal Ucrania — disse Bullitt — seria naturalmente para os senhores muito perigosa, pois exerceria uma influencia immediata sobre os grupos ucranianos no Este da Polonia." A propaganda alemã tem, hoje, marcada tendencia nacionalista ucraniana. Como ponto de partida para esta empreza servirá a Ucrania Carpatho-Ruthenica, cuja existencia, sobretudo do ponto de vista strategico, interessa á Alemanha. A respeito da situação do Este da Europa, o sr. Bullitt não se mostrou muito bem informado, e a conversação sobre este ponto tomou um matriz muito superficial.

(Assignado). Jerzy Potocki, embaixador da Republica Poloneza."

5.º Documento

Relatorio do embaixador polonez em Paris, sr. Lukaszewicz, dirigido ao ministerio dos Estrangeiros polonez, em Varsóvia, datado de 17 de Dezembro de 1938. E' o seguinte o texto:

"Completando minhas informações telegraphicas que tive a honra de mandar ao sr. Ministro, durante as ultimas semanas, permitto-me resumir com este minha opinião sobre a politica externa franceza, depois da conferencia celebrada em Munich e depois da visita do sr. von Ribbentrop.

O acontecimento mais importante deste tempo era, naturalmente, a declaração franco-germanica de 6 de Dezembro deste anno, pelos ministros Bonnet e von Ribbentrop. O desejo francez de, pelo menos, equilibrar as relações com a Alemanha, depois da Conferencia de Munich, como o fez a Inglaterra publicando o conhecido communicado Chamberlain-Hitler, era indubitavelmente claro e forte. Porém, parece que o chanceller Hitler tomou uma iniciativa concreta durante sua entrevista de despedida, celebrada com o embaixador francez François Poncet. A França acolheu esta iniciativa, benevolente e francamente contente, expressando o desejo de uma realização immediata.

Quando parti, em fins de Outubro, para Varsóvia, o ministro Bonnet informou-se que a assignatura e publicação da declaração estavam imminentes. Porém esta supposição não se realizou por dois motivos: Diz-se que era difficil haver um accordo sobre o texto e, por outra parte, o assassinato do addido da embaixada alemã em Paris causou a suspensão das negociações por duas semanas. Segundo parece, as difficuldades para chegar a um accordo sobre o texto da declaração se devem aos esforços do ministro dos Estrangeiros francez, sr. Bonnet, para dar á declaração uma formulação tal que implicasse no reconhecimento, não somente da fronteira germano-franceza, como tambem das possessões francezas de ultramar.

O texto definitivo da declaração toma em consideração o fim a que se propoz o sr. Bonnet, ou pôde ser interpretado pelo menos neste sentido. No momento em que o texto se achava fixado definitivamente, o governo alemão toma a iniciativa, propondo uma visita de von Ribbentrop a Paris. O sr. Bonnet acolheu immediatamente de forma favoravel esta iniciativa, já que, por consideração á situação politica interna, como no que respeita á propaganda no estrangeiro, queria dar á declaração um caracter tão solemne como fosse possível, creando, por sua vez, em torno deste acto, uma atmosfera que produzisse uma melhoria essencial nas relações da França com sua vizinha. Por causa da greve geral annunciada na França pelas organizações syndicaes e partidos operarios, para o dia 30 de Novembro, teve que transferir-se a visita do ministro dos Estrangeiros alemão, cuja data de chegada a Paris já estava quasi fixada.

A visita teve lugar a 6 de Dezembro, em uma atmosfera de tranquilla corteza, tanto por parte do governo francez como dos meios politicos francezes. Somente a imprensa de opposição extrema commentou de forma bastante dura esta visita. Conseguiu-se ganhar a impressão de que a immensa maioria do povo francez queria acreditar na possibilidade de uma melhoria permanente das relações germano-francezas. Todavia, a desconfiância era demasiado grande, e no final pesou ainda mais sobre os animos. Esta desconfiância foi, naturalmente, reforçada pela campanha anti-franceza da imprensa italiana, que não encontrou nenhuma replica séria por parte da Alemanha. Actualmente, isto é, apenas uma semana depois de partir von Ribbentrop, já desapareceu o eco dessa visita. Esse eco foi substituído pelo novo desasoço causado tanto pela campanha anti-franceza da Italia, como pela questão de Memel e da Ucrania. Pôde-se constatar com absoluta segurança que a declaração tranquillizou a opinião publica franceza justamente no ponto em que menos é necessario, isto é, na questão da fronteira germano-franceza. Em troca, nada de novo tranquillizador no que se refere ás tendencias expansionistas da Alemanha e Italia, o que é provavelmente o que mais desasocega a opinião publica daqui.

Ha que conceder, todavia, por sua vez, que a declaração fortaleceu indubitavelmente a posição do governo ante o Parlamento, a Bolsa e a opinião publica, e que, por outra parte, augmentou e foi tornada mais profunda a divergencia entre o governo Daladier e a opposição extrema das esquerdas, com os Communistas á frente. No que se refere á attitude dos meios officiaes a respeito da declaração, pôde-se constatar uma reserva quasi absoluta e uma attitude altamente precavida. Da entrevista que celebrei com o embaixador Leger, se deprehende que o governo francez está disposto ao apaziguamento das relações germano-francezas, sobre uma base europeia central, seja como ponto de

partida para um apaziguamento geral no continente. Parece-me mais verosímil que Leger tenha dado às suas palavras um sentido concreto e pense que, pela melhoria das relações germano-francesas e franco-italianas, se chegará, de uma outra maneira, a um pacto quadruplo. Naturalmente, é difícil precisar até que ponto isso é também ideia de Bonnet e do governo. A imprensa semi-official, que mantém relações estreitas com o Quai D'Orsay, deixa antes entrever que estes planos não são estranhos ao governo. E' também de resaltar que Leger participou em todas as conversações que tiveram lugar por motivo da visita de von Ribbentrop. Por outra parte, todavia, pude constatar com absoluta segurança, baseando-me em uma entrevista ampla e detalhada que mantive com o ministro dos Estrangeiros Bonnet, que se o governo francez tratou de realizar um apaziguamento com a Alemanha, sobre uma ampla base europeia, soffreu um fracasso completo neste terreno.

O resultado final é, pois, que a declaração Bonnet-Ribbentrop deve somente ser considerado como um acto bilateral, cuja significação não vae alem das relações franco-alemãs. Por este lado, a declaração trouxe a França o reconhecimento de suas fronteiras territoriaes, e a segurança de que entre a Alemanha e a França não existem questões territoriaes pendentes. Tal constatação se interpecha nos meios politicos francezes como reconhecimento do imperio colonial francez sem os territorios submetidos ao mandato. A declaração, finalmente, trouxe consigo uma melhoria nas relações de vizinhança, o que é de importancia com relação às passagens do livro de Hitler, "Mein Kampf", em que o autor designa a França como o inimigo capital da Alemanha. De outro lado, pôde-se constatar que os problemas economicos são extraordinariamente complicados e exigem largas negociações, assim como a atmosfera politica não melhorou sufficientemente para simplificar e solucionar acceleradamente os problemas economicos.

No que se refere ao primeiro e terceiro paragrafos da declaração, são antes um "primun desiderium", talvez incluídos de uma parte mais exclusivamente, e respondem à realidade. Attenção especial merece o facto de que as conversações com Ribbentrop não trouxeram nada de novo, deixando margem às esperanças futuras sobre dois problemas especialmente interessantes para a França: — relações com a Italia e questão da Hespanha. Resumindo o anterior, pôde-se constatar que na elaboração e assignatura da declaração, a parte franceza tentou, embora discretamente, dar ao acontecimento uma significação maior, enquanto que a Alemanha reduziu a importancia de um acto bilateral. E' por isso, claro que a sorte da declaração depende essencialmente de Berlim, já que é difícil acreditar que a politica franceza soffra uma séria mudança. Desde o momento em que foram suggeridas, a declaração franco-alemã e a visita de von Ribbentrop a Paris constituiram os acontecimentos mais importantes dos que puderam em claro a totalidade da politica franceza, depois de sua derrota em Munich, especialmente no que affecta as relações da França com a Europa central e oriental.

A primeira noticia da projectada declaração rompeu o silencio da imprensa franceza sobre as relações da França, no que respecta à sua aliança comosco, assim como no que se refere ao pacto de assistência reciproca com a URSS. Os primeiros que fizeram manifestações neste terreno foram os orgãos partidarios apaixonados por uma colaboração com a URSS, especialmente "L'Humanité", "Le Populaire" e "L'Ordre", etc. incluindo Pertinax e Madame Tabouis. Todos elles defenderam o pacto franco-sovietico, ainda que sem pólo no mesmo plano que a aliança comosco. A imprensa da direita e a semi-official, pelo contrario, se limitou, como o "Temps" e o "Petit Parisien", a indicar que o problema essencial para a França era somente o de sua aliança com a Inglaterra, enquanto que na situação actual eram de valor duvidoso o pacto com a URSS e a aliança com a Polonia. Ademais, o "Temps" se expressou repetidamente em seus artigos de fundo, em não offerecer obstaculo algum à constituição de um imperio allemão na Europa central e Oriental. Por outra parte, o projecto da declaração franco-alemã actualizou de novo dentro do governo a questão das obrigações internacionaes da França, já que alguns politicos russophilos, como o sr. Mandel, tratavam de saber se esta declaração era compativel com a aliança comosco e o pacto franco-sovietico.

Finalmente, o sr. Bonnet, por esta razão, se viu no caso de falar commigo sobre o assumpto, e provavelmente terá feito o mesmo com o embaixador da URSS e o embaixador da Belgica. A primeira destas conversações teve lugar antes que o sr. Bonnet se tivesse manifestado de accordo com o texto projectado da declaração. O sr. Bonnet me leu a declaração, com o commentario de que a reserva relativa às relações com terceiros Estados se refere também às relações comosco. Pela segunda vez conversamos sobre o mesmo assumpto, ao entregar eu ao ministro dos Estrangeiros francez a resposta do sr. Ministro ao communicado anterior de 28 de Novembro. O sr. Bonnet mantinha na mão o texto articulado da declaração do sr. Ministro, confirmando que a interpretação nelle contida sobre o ponto de vista francez era totalmente exacta. Finalmente, me informou sobre sua conversação com von Ribbentrop, accentuando espontaneamente que havia confessado ao interlocutor allemão que entendia como provida de sentido tanto a aliança comosco como com a URSS. Pelo demais, o communicado encontrado na imprensa sobre a sessão do comité de assumptos externos do Parlamento, em 14 deste mez parece indicar que, apesar do sr. Bonnet não ter mencionado em sua exposição a aliança comosco nem o pacto com a URSS, sem embargo respondeu a uma pergunta sobre a questão, affirmando que as obrigações da França para comosco e a URSS continuava, sendo as mesmas e se revestiam de plena validade. Seria, todavia, prematuro, acreditar que isso esclarece totalmente as relações do governo francez, do Parlamento e opinião publica, no que affecta à aliança comosco. Sou de opinião que é mais certo que a declaração franco-alemã não fez senão actualisar as relações da França no que se refere à sua aliança com a Polonia e a Russia, e que, portanto, não violou nem abalou a validade desses documentos. E' de assignalar que os meios que se preocuparam com as alianças anteriores da França, por motivo da declaração franco-alemã, foram quasi exclusivamente os meios russophilos.

A aliança com a Polonia foi, pois, antes um pretexto, porém não a exigencia capital para pensar na manutenção do pacto franco-sovietico. Analysando-se a situação actual do ponto

de vista puramente politico, ha que constatar, infelizmente, com toda decisão, que nem na attitude do governo, representado por Bonnet, nem entre os parlamentares, nem na imprensa, pôde-se encontrar alguma coisa indicando que se trata de dar nova força vital à aliança comosco e convertel-a em instrumento da politica externa franceza. Em troca, não faltam numerosos indicios que permitem concluir que, no caso de que por uma ou outra razão a França se veja forçada a cumprir as obrigações que tem para comosco, em virtude da aliança, seriam maiores sem duvida os esforços para desfazer-se dellas do que para cumpril-as. Minha opinião não parece estar de accordo com as declarações do ministro dos Estrangeiros francez, sr. Bonnet, que tive a honra de communicar ao sr. Ministro. Todavia, é exacta e reproduz a situação exactamente.

Bonnet é uma pessoa debil de caracter, que jamais está em situação de defender qualquer causa, e que cõe na tentação de se adaptar à opinião de cada um de seus interlocutores. Ainda que eu não tenha em nenhum caso a intenção de julgar da sinceridade de suas manifestações para comosco, não tenho a menor duvida de que não adoptará ante o governo, a imprensa e o Parlamento, a mesma attitude que expressou em sua conversação commigo. Já varias vezes chamei a attenção do sr. Bonnet, tanto directa como indirectamente, sobre a enorme differença que separava nossas conversações directas das manifestações da imprensa semi-official, e o éco no Parlamento. Minhas observações não tiveram até agora o menor exito.

Esperaremos até ver o que traz a proxima discussão na Camara dos Deputados. Em todo caso, difficilmente o proseguimento desta situação que, pôde-se dizer, não se acha longe de ser uma politica de duas caras, no que se refere a nós. Nossa situação na França não é o resultado de uma modificação fundamental da attitude para comosco. Um papel preciso, ainda que diminuto, desempenhou também a amargura que deixou atraz de si a crise tcheco-slovaca. O nucleo decisivo da questão se encontra, sem embargo, muito mais profundo, e deriva da attitude geral da França ante o complexo total da situação internacional. A França se encontra neste terreno, desde a conferencia de Munich, na situação de um derrotado que não pôde se afastar de seu inimigo, que continua na perseguição e que não está na possibilidade de enfrentar-se, por isso, com uma serie de novos problemas.

No que affecta a suas obrigações internacionaes, a França é demasiadamente debil para romper com ellas, mas também demasiadamente debil para pronunciar-se abertamente pelas mesmas. A França fica, portanto, paralizada e encerrada na resignação, adoptando uma attitude derrotista frente a tudo que acontece na Europa central e oriental. Tal como estão as coisas hoje, a França oppõe ao eixo de coordenação germano-italiano a cooperação com a Inglaterra na qual representa um papel passivo e frente à qual em nada lhe interessa se a aliança com a Polonia ou a URSS reveste ou não um papel especial.

Isso não teve lugar não porque duvidem de que estejamos dispostos a offerecer resistencia às pretensões excessivas da Alemanha e sim porque não se acredita que tal resistencia possa ter algum exito. E' por essa razão que a questão Carpatho-Russa não foi resolvida de accordo com os desejos da Hungria e a Polonia desempenhou um papel de colossal importancia negativa.

Em resumo, a França não considera de valor positivo senão a aliança com a Inglaterra enquanto que a aliança comosco e a URSS é considerada mais como uma carga e somente com certo desgosto é que se declara a seu favor. Essa situação poder-se-ia modificar se a França, considerando-se sob o influxo da Inglaterra, emprehesse uma politica offensiva frente à Alemanha, o que é totalmente inverosímil em um futuro proximo a não ser que nossa resistencia à politica allemã prove, no curso dos acontecimentos, que será effizaz o que, por sua vez, influirá na attitude de outros Estados do centro europeu e da Europa oriental. E' possivel, também, que se o ataque da Italia se tornar mais directo e perigoso, protegido de uma ou outra forma pela Alemanha, a França ver-se-ia obrigada a defender-se em um sector em que não tem o apoio da aliança ingleza e neste caso trataria de tirar proveito de suas alianças no continente, ainda que somente como elementos auxiliares e de valor inferior à aliança ingleza. No que se refere à Italia, pôde-se estimar que a visita de Chamberlain a Roma constituiria um ensaio para provocar melhoria das relações franco-italianas, o que poderá trazer consigo, por emquanto, resultados positivos, o que faria com que a França se mostrasse inclinada a manter sua attitude derrotista nas questões da Europa central e oriental. Tratando-se dos problemas da Europa central e oriental, a politica franceza demonstra, contra os esforços de expansão allemã, não somente actividade absoluta e derrotista, como também é incapaz de tomar, ante elles, outra attitude que a caracteristica nos ultimos vinte annos.

Tenho a impressão de que o ponto de vista tomado pelo ministro Bonnet ante von Ribbentrop, sobre a garantia da fronteira tcheca, era analogo às opiniões que expressou a seu tempo o embaixador Leger, em uma conversação commigo. Se o sr. von Ribbentrop o quizesse, poderia obter garantia das novas fronteiras ainda antes que sejam garantidas por nós e pela Hungria. Como se depreheende das informações que me communicou o ministro Bonnet, o ministro von Ribbentrop recebeu a promessa de que a França não se opporá à expansão economica allemã na bacia do Danubio. Von Ribbentrop, tampouco, conseguiu obter na França a impressão de que uma expansão politica no mesmo sentido tropeçaria com séria resistencia franceza. Nos problemas puramente relacionados com o Este europeu, sobretudo russos, reina na opinião publica franceza, como na politica, um chaos completo. A confiança na Russia Sovietica, ou, dizendo melhor, em seu poder, diminue cada vez mais, e do mesmo modo decrescem as sympathias. A situação interna dos Soviets é considerada de modo muito pessimista, ouvindo-se, especialmente nos circuitos militares, temores de que algum levante militar em Moscou pudesse provocar uma perigosa colaboração entre Berlim e a Russia.

Na questão da Ucrania tropeça-se com a impossibilidade de comprehender a situação, o que originou por sua vez a impressão derrotista de que a acção ucraniana podia começar qualquer mez, quando os allemães quizessem, ameaçando a integridade do territorio. Todo este conjunto de problemas mantem a opinião publica franceza em constante tensão, reflectida na imprensa assim como nas declarações dos membros do Parlamento. Esta situação encontra por parte

do governo uma attitude que pôde ser qualificada de falta de força do Conselho. Obtem-se a impressão de uma psychose geral impossivel de vencer actualmente, nem com os mais razoaveis argumentos. Todavia, ouvem-se cada vez com maior frequencia vozes sensatas se oppõem à politica de uma reserva absoluta, advertindo os perigos que surgiriam se a França se desinteressasse completamente da frente centro e este europeas, sobretudo com relação à Polonia. Provavelmente, distamos ainda muito dessas vozes que possam influir sobre os factores que definem as verdadeiras orientações da politica externa franceza. Não obstante, encontram-se já hoje politicos francezes e pessoas não somente a favor da manutenção da aliança com a Polonia, como também de actual-a. Entende-se por si só que meus esforços e de meus colaboradores estão dirigidos em organizar as manifestações da imprensa e do Parlamento a favor de uma colaboração entre a França e a Polonia, para obrigar o governo, deste modo, a precisar publicamente seu ponto de vista. Apesar das opiniões, em geral pessimistas, sobre a situação internacional da França, não é de temer que este ponto de vista chegue a ser excessivamente negativo."

6.º Documento

Relatorio do embaixador polonez em Washington, conde Jerzi Potocki, enviado ao Ministerio do Exterior em Varsovia, datado de 12 de janeiro de 1939, falando sobre a situação da politica interna, ou seja opinião sobre a Alemanha e questão dos judeus.

O ambiente actualmente reinante nos Estados Unidos caracteriza-se por um odio crescente contra o fascismo, muito especialmente concentrado na pessoa do chancelier Hitler, bem como em geral contra tudo que tem que ver algo com o nacional-socialismo. A propaganda acha-se sobretudo em mãos dos judeus, aos quaes pertencem quasi 100% o radio, o film, a imprensa e as revistas. Não obstante fazer-se esta propaganda muito grosseiramente, pondo-se a Alemanha tão baixa como pode ser, — aproveitam-se sobretudo das perseguições religiosas e dos campos de concentração, — tem efeitos muito profundos, já que o publico daqui não possui os menores conhecimentos nem nenhuma idéa sobre a situação na Europa. Actualmente a maioria dos americanos considera o chancelier Hitler e o nacional-socialismo como o peor agoite e o maior perigo que ameaça o mundo. A situação aqui constitui um fóro excellente para toda classe de oradores e para os emigrantes da Alemanha e da Tchechoslovaquia que não economizam palavras para excitar esse publico com as calumnias mais variadas. Exaltam a liberdade americana, oppondo-a aos Estados totalitarios. Um detalhe muito interessante nesta campanha habilmente projectada e effectuada principalmente contra o nacional-socialismo é que se elimina quasi por completo a Russia Sovietica. Si se allude a ella, fazem-no de modo amistos, pondo as coisas de tal maneira como se a Russia Sovietica tivesse adherido às nações democraticas. Graças a esta habil propaganda, as sympathias do publico norte-americano estavam totalmente ao lado dos republicanos hespanhoes. Além dessa propaganda cria-se também uma psychose artificial de guerra; pretendesse convencer o povo americano de que a paz na Europa pende apenas de um fio, sendo a guerra inevitavel. A este respeito faz-se ver ao povo americano de um modo contínuo que a America, em caso de uma guerra mundial, teria de ser activa para defender no mundo o conceito da liberdade e da democracia. O presidente Roosevelt foi o primeiro que deu expressão ao seu odio contra-fascista. Com isso visava um duplo objectivo: primeiro pretendia desviar a attenção do povo norte-americano dos problemas difficeis e intrincados da politica interna, muito especialmente do problema da luta do capital contra o trabalho. Segundo, criando um ambiente de guerra e com rumores de um perigo que ameaçava a Europa, visava convencer o povo americano a acceptar o enorme programma armamentista que excedia em muito às necessidades da defesa dos Estados Unidos.

Quanto ao primeiro ponto, cabe dizer que a situação no mercado do trabalho é cada vez peor, chegando o numero dos sem-trabalho já hoje a dois milhoes. Os dispendios da administração no paiz e nos territorios tomam cada dia maior incremento, unicamente em enormes sommas de bilhoes de dollares que o Thesouro investe nos trabalhos para dar occupação a esses sem-trabalho mantem uma certa tranquillidade no paiz. Até agora ocorreram apenas greves e disturbios locais que não sahem fóra do commum. Até quando será possivel aguentar com essa classe dos subsidios do Estado, é hoje difficil vaticinar. A excitação e a indignação na opinião publica, bem como os graves conflictos entre empresas particulares e trusts poderosos, por um lado, e operarios por outro lado, crearam muitas inimidades ao sr. Roosevelt, tirando-lhe o somno de numerosas noites.

Sobre o segundo ponto, só se pode ver que o presidente Roosevelt, com um habil jogo politico, como bom conhecedor da psychologia americana, que é, pôde desviar logo a attenção do publico norte-americano da situação interna, interessando-o pela politica internacional. O methodo para atingir essa finalidade não era muito difficil. Bastava pôr em scena, por um lado de modo adequado um perigo de guerra que ameaçava o mundo pela actuação do chancelier Hitler e por outro lado, havia de se crear um phantasma falando de um ataque aos Estados Unidos por parte dos Estados totalitarios. O pacto de Munich foi para o presidente Roosevelt uma occasião muito oportuna. Elle o expoz como uma capitulação da França e da Inglaterra diante do plano bellicoso do militarismo allemão. Como se costuma dizer aqui, Hitler collocou a pistola sobre o peito de Chamberlain. A França e a Inglaterra, portanto, não haviam outra coisa que escolher senão assignar essa paz deshonrosa.

Tambem o procedimento brutal contra os judeus na Alemanha, bem como o problema dos emigrantes era o que dava novos alento ao odio contra tudo que estava relacionado com o nacional-socialismo allemão. Desta acção participaram alguns intellectuaes judeus, como Bernard Baruch, o governador do Estado de Nova York, sr. Lehmann, o recém-nomeado juiz da Côte Suprema, Felix Frankfurter, o secretario do Departamento do Thesouro, sr. Morgenthau e outras personalidades da amizade do presidente Roosevelt. Este deseja que o presidente se converta em dirigente da luta pelos direitos dos homens pela liberdade da religião e da palavra e que se castigue futuramente os que criam intranquillidades.

Este grupo de pessoas investidas nos mais altos cargos do governo norte-americano e que pretendem apresentar-se como "representantes do verdadeiro americanismo" e como "defensores da democracia", no fundo apenas estão ligados com laços indestructiveis ao judaismo internacional. Para esta internacional judaica que defende sobretudo os interesses da sua raça, o facto de ter collocado o presidente dos Estados Unidos neste posto "mais ideal" de defender os direitos da humanidade, foi uma cartada verdadeiramente genial. Com isso crearam neste hemispherio um foco muito perigoso de odio e de inimidade, além de dividirem o mundo em dois campos oppostos.

Todo o problema está sendo tratado de modo mysterioso; nas mãos de Roosevelt fizeram-se as bases para activar a politica externa dos Estados Unidos e crear simultaneamente colossaes stocks militares para a guerra futura que os judeus pensam desencadear deliberadamente.

Do ponto de vista da politica interna, é muito commodo desviar a attenção do publico dum anti-semitismo cada vez mais intenso na America do Norte, falando da necessidade de defender a religião e as liberdades individuaes contra os ataques do fascismo.

(a) Jerzi Potocki, embaixador da Republica da Polonia.

7.º Documento

O 7º documento é constituído pelo informe do embaixador polonez em Washington, conde Jerzi Potocki, ao ministro das Relações Exteriores polonez em Varsovia e tem a data de 16 de janeiro de 1939. Fac-simile da embaixada da republica da Polonia em Washington. 3 — GZ — TJN — 4. 16 de janeiro de 1939. Secreto. Refere-se à conversação com o embaixador Bullitt.

"Ao senhor ministro das Relações Exteriores em Varsovia. Antehontem tive longa conversação com o embaixador Bullitt que visitou-me na embaixada. Bullitt parte para Paris no dia 21 deste mez, depois de uma ausencia de quasi 3 mezes. Vae com toda uma "maleta" cheia de instruções, conversações e directivas do presidente Roosevelt, do Departamento do Estado e dos senadores que pertencem à Comissão para os Assumptos da Politica Exterior. Da conversação com o senhor Bullitt, tenho a impressão que recebeu do presidente Roosevelt uma definição exacta do ponto de vista que os Estados Unidos adoptarão deante da actual crise europeia. Deve apresentar esse material no Quai D'Orsay e emprega-lo, também, em suas conversações com os estadistas europeus.

"Bullitt expoz-me estas directivas em uma palestra de cerca de meia hora. Seu conteúdo é:

1º — Ressurgimento da politica exterior sob a direção do presidente Roosevelt — condemnção acerba e de maneira a não deixar duvidas aos Estados totalitarios.

2º — Os preparativos de guerra dos Estados Unidos no mar, terra e ar, que são executados bastante acceleradamente e que absorvem a somma colossal de 1.250.000.000 de dollares.

3º — A opinião decisiva do presidente de que a França e a Inglaterra devem terminar com sua politica de compromissos com os Estados totalitarios. Não devem entrar em discussões, com os mesmos, destinadas a modificar as possessões territoriaes.

4º — A garantia moral de que os Estados Unidos abandonarão a sua politica de isolamento e no caso de guerra estão dispostos a intervir activamente ao lado da França e da Inglaterra. A America está disposta a pôr à sua disposição todo o seu material em finanças e materias primas.

"Perguntei a Bullitt, que prognosticos fazia para 1939 e elle respondeu-me, primeiramente, vê a possibilidade de um conflicto entre a França e a Italia por causa das colonias. Opina que o triumpho dos nacionalistas na Hespanha collocaria a França em situação muito difficil, pois, neste caso, ficaria rodeada por todos os lados por Estados fascistas. Assegurou que Mussolini apresentara-se-ia em scena ameaçando a França com a guerra. A' minha pergunta de si a Alemanha auxiliaria a Italia nesta empresa, respondeu Bullitt que era de opinião que seria muito difficil que Hitler se deixasse convencer a tal respeito, e que além do apoio moral, não participaria de facto em uma tal empresa pois que neste caso era claro que seria inevitavel uma guerra mundial. Bullitt affirmou com segurança que a França não devia concluir com Mussolini nenhum accordo. Disse que desde ha alguns annos melhorara tanto a situação da França que até poderia vencer o exercito e a esquadra da Italia caso os italianos atacassem sem ser provocados. Qualificou a attitude de Mussolini como "methodos de gangster" e "chantage".

"No curso da conversação Bullitt referiu-se, igualmente, ao leste europeu e à Alemanha. Declarou que a politica exterior poloneza sob a excellente direção do senhor ministro havia resistido positivamente à prova exigida; accrescentou que da crise de outomno a Polonia não só sahira com as armas na mão e sim, também, como vencedora. Em continuação perguntou-se pelas relações entre a Polonia e a URSS, e pelo sentido da renovação do pacto de não-agressão entre a Polonia e a Russia. Respondi que eram pura phantasia todas as coisas que escrevera a imprensa sobre a questão russa. A renovação do pacto de não-agressão com a URSS foi uma necessidade do momento posto que as relações entre a Polonia e a Russia peloraram muito depois da crise tcheca. Disse que era unicamente, nada mais nada menos, o ponto sobre o "i". Trata-se unicamente de collocar de novo em seu curso normal as relações que devido aos acontecimentos haviam perdido seu equilibrio.

"A respeito de nosso tratado commercial com os Soviets, pelo qual perguntou-me, respondi-lhe que era a consequencia da incorporação da industria pesada da região de Olsay. A Polonia viu-se obrigada a procurar novos mercados para a venda o que encontrou, em parte, na Russia.

"A respeito da URSS, Bullitt mostrou-se insistentemente descortez e depreciativo. Disse, também, que agora era pouco provavel que a Alemanha emprehesse um ataque contra o leste europeu pois, por uma parte, a Polonia era demasiado forte e, por outra parte, não estava ainda, sufficientemente, esclarecida a questão com a Hungria, a Rumania e a Yugoslavia. Devem ser executados, todavia, determinados

preparativos e afirmar as posições. Estava convencido, porém, que a Alemanha levaria a cabo seu plano em relação à Ucrânia, mas não antes do ano de 1940. Sobre esta acção não descuti com Bullitt. Limitei-me a perguntar se em tal caso interviriam activamente as potências occidentaes e se atacariam o Reich para a supposta ajuda à Rússia. Bullitt respondeu que os Estados democraticos haviam abandonado, de uma vez por todas, as intervenções armadas imaginarias para a protecção de algum Estado que fosse victima de um ataque alemão. Assignado, Jerzy Potocki, embaixador da Republica da Polonia".

8.º Documento

O oitavo documento é constituído pelo Informe do Embaixador polonez em Paris, Jules Likasiewicz, ao ministro das Relações Exteriores da Polonia, em Varsovia, datado de 1º de Fevereiro de 1939.

Fac-simile: "Informe politico n.º 4 — Embaixador da Republica da Polonia. Numero 1—7. Paris, 1º de Fevereiro de 1939 — Estrictamente confidencial.

— Ao senhor Ministro das Relações Exteriores em Varsovia.

O debate sobre as questões da politica exterior franceza, que terminou ontem no Parlamento desta capital com a moção de confiança para o governo do sr. Daladier, com 379 contra 234 votos, me obriga, Senhor Ministro, a lhe expôr minhas opiniões primeiramente no que concerne às relações da França com o nosso paiz, e aos tratados que a ligam á Polonia.

Como já citei em meu informe anterior, datado de 17 de Dezembro de 1938, o problema das relações com a Polonia foi posto em fóco nos circulos politicos francezes, depois dos acontecimentos de Setembro, e pelo facto da assignatura do tratado de não-agressão franco-alemão. Desde esse tempo, a imprensa franceza começou a dedicar mais espaço e atenção ás relações com a Polonia. Foi possível observar em numerosos politicos, tanto da direita como da esquerda, um interesse mais vivo e mais forte para esse problema. Notava-se claramente que começava a diminuir o desinteresse que sentiam pela Polonia, em consequencia dos acontecimentos de Setembro, desinteresse esse substituído pouco a pouco por um ponto de vista mais sensato, objectivo e real.

Sob estas circunstancias, e devido ao agravamento da situação internacional da França, sua permanencia, Senhor Ministro, de varios dias em Monte Carlo, sua visita ao Chanceller Hitler em Berchtesgaden foram motivos para que a imprensa franceza e muitos politicos, nesta capital, criticassem a politica do ministro Bonnet com a Polonia e exigissem d'elle o esclarecimento sobre o seu ponto de vista a respeito da alliança com a Polonia.

Grande parte da imprensa censura ao ministro Bonnet não haver aproveitado a estada de V. Excia. no sul da França para se encontrar com V. Excia., tomando contacto politico directo. Quando circulou a noticia de que V. Excia. partia para Berchtesgaden, não somente não continuaram apparecendo as criticas anteriores na imprensa franceza, mas, ao contrario, foram feitas todas as censuras ao ministro Bonnet.

Este ultimo tratou de neutralisar os ataques, pois em conversação com alguns parlamentares diffundi a opinião de que era muito difficil a situação interior da Polonia e que da parte da Alemanha nos ameaçavam perigos.

Entretanto, melhoraram a tal ponto as minhas relações e as dos meus colaboradores com grande numero de deputados e jornalistas que não nos foi muito difficil anular esta manobra, que, ademais, era bastante insegura.

Além disso, os resultados do seu encontro com o Chanceller foram tão debatidos, Senhor Ministro, que augmentou muito a critica ao ministro Bonnet. Compreendeu-se na França que não somente não haviam piorado as relações indirectas entre a Polonia e a Alemanha, mas ainda que não estamos ameaçados nem pela acção ucraniana do Chanceller Hitler nem por qualquer acção violenta na Europa Central.

Em periodo de intranquillidade seguiu o temor aqui reinante, depois da Conferencia de Munich, de intervenção nos problemas da Europa Oriental e Central, cheios todos de perigos indirectos de guerra. Cogita-se de saber si o encontro em Berchtesgaden diminuiria notavelmente a tensão na Europa Oriental e Central e si se poderia facilmente notar o perigo de uma expansão alemã na Europa Occidental. Fala-se tambem, em relação á brutal campanha anti-franceza levada a termo pela Italia, que diminuem as esperanças francezas de que esta se limitará á chamada politica imperial.

Esta intranquillidade não foi diminuida em cousa alguma pelos resultados da visita agora dos ministros inglezes.

Devido a tudo isso, foram augmentando as vezes que pediam o esclarecimento das relações com a Polonia e uma politica sensata em relação a este Estado. Esse augmento era diario, no verdadeiro sentido da palavra. Era muito importante o facto de que a acção dos criticos do ministro Bonnet não se baseava na intranquillidade preoccupação pela situação na Polonia, mas era provocada pela preocupação a respeito da situação internacional da França, sempre peor, e pelo sentimento de que si a França se desinteressasse pelas questões da Europa Oriental e Central, difficulitaria nossa posição perante a Alemanha.

Nesta atmosphera de ataques, especialmente por parte da imprensa, devido ás questões polonezas e a certa acção pouco habil do ministro Bonnet, começou na Camara dos Deputados o debate sobre a politica exterior da França.

O ambiente da imprensa trasladou-se por completo para a tribuna do Parlamento. Com algumas excepções — Flandin foi o mais notavel — apenas houve um deputado que, em seu discurso, não affirmou ter o ministro Bonnet demonstrado possuir pouca visão, quando deixou escapar a oportunidade de se encontrar com V. Excia.

Desta vez, já não eram unicamente os amigos da Rússia que, defendendo as relações com a Polonia, julgavam favoravel a aproximação para a collaboraçã com Moscou, que desejam com sinceridade, mas tambem numerosos deputados, adversarios decididos do pacto franco-russo.

Objectivamente pode-se constatar que a questão das relações com a Polonia passou a ser

activamente o motivo central para os membros da Camara dos Deputados. Viu-se claramente que, graças a isso, e desgraçadamente só graças a isso, o governo não poderia passa-las em silencio.

O ministro Bonnet, muito sensível aos ataques da imprensa e dos parlamentares, não interrompeu até o fim da semana suas manobras ante os atacantes, mas decidiu-se a fallar sobre as relações franco-polonezas.

Eu tive, por exemplo, grandes difficuldades para levar a imprensa parisiense a reproduzir a entrevista que V. Excia. concedeu á "North American Press Alliance" (nesta questão o Qual d'Orsay trabalhava abertamente contra mim).

Como V. Excia. já sabe, o sr. ministro Bonnet me deu informações em uma conversação na ultima sexta-feira, 20 deste mcz. Em sua exposição de 26 deste mez, lida na Camara dos Deputados, o ministro Bonnet se referiu duas vezes ao nosso paiz.

Os referidos paragraphos do seu discurso foram os seguintes: Primeiro, ao debater a questão franco-alemã, disse: "Não necessito declarar, senhores, que informel sobre nossas negociações aos paizes mais importantes, unidos a nós pela amizade — Polonia, Belgica, Inglaterra, Rússia, Estados Unidos. Que impressões lhes produziu o accordo? O sr. Neville Chamberlain declarou na Camara dos Comuns que o governo inglez havia sentido especial satisfação ao ver que a França pôde concluir uma alliança com a Alemanha. Na America os artigos de fundo dos tres principais jornaes de New York e Washington expressaram sua comprehensão pela politica e communicaram que seu governo está muito satisfeito pela feliz conclusão da declaração franco-alemã.

Segundo — Referindo-se ás relações com a Rússia e a Polonia, disse: "No que concerne ás relações com a Rússia e a Polonia, teve lugar uma serie de consultas com diversos Estados. Por exemplo, durante a crise de Setembro, estive em estreito contacto com o sr. Litwinow, a quem vi repetidas vezes na Camara e em Paris, para trocar impressões sobre nossos governos, de accordo com o pacto de 1935. A França mantém suas relações amistosas e tradicionais com a Polonia. De accordo com o espirito de nossos tratados, por occasião da declaração franco-alemã de 6 de Dezembro, informel de nossas intenções ao embaixador polonez.

O governo polonez me agradeceu pela informação e me declarou que somente pode se alegrar com um facto cujas finalidades, importancia e extensão muito aprecia. Da mesma maneira o sr. Beck, antes de sua partida de Monte Carlo, me informou do convite recebido do Chanceller Hitler. Ademais, rogo á Camara não olvidar que entre a Alemanha e a Polonia existe um accordo firmado em 1934. O sr. Beck considerou conveniente informar nosso embaixador sobre a sua conversação. Desta maneira, temos sempre permanecido em contacto com o governo de Varsovia e todas as vezes que o julgamos de utilidade, temos tido com elle conversações justificadas pelas relações especiaes entre os dous paizes e pelo desenrolar dos acontecimentos. Em todas as occasões, uma dellas mui recente, o governo polonez renovou sua garantia de que a amizade franceza representa uma das bases mais importantes da politica poloneza.

De maneira, senhores, que é hora de acabar de uma vez com a opinião de que a nossa politica destruiu os accordos concluidos na Europa Oriental, em Londres ou na Polonia. Estes accordos existem todavia e devem ser applicados com o mesmo espirito com que começaram.

As declarações anteriores do ministro Bonnet foram completadas depois pelo discurso do ministro-presidente sr. Daladier, que precedeu a votação da moção de confiança na Camara. Depois de caracterisar brevemente as relações da França com os seus vizinhos e com os Estados Unidos, disse o ministro-presidente o seguinte: "É necessario que o governo não pense em debilitar os pactos que unem a França a outros povos. Ao contrario, estamos decididos a mantelos."

Si analiso as citadas declarações do ministro-presidente francez e do ministro do Exterior, devo notar primeiro que o discurso do ministro Bonnet se revestiu de principio a fim do caracter de defesa ás criticas que havia encontrado sua politica, tanto da parte da imprensa como da dos oradores parlamentares. Seu discurso foi mais uma exposição do que um discurso politico, pelo que a Camara considerou suas palavras como summamente pallidas e inexpressivas.

O discurso do ministro-presidente foi mais energico e importante politicamente, pelo conteúdo e pelo tom, o que tornou o largo debate parlamentar sobre a politica exterior franceza do maior interesse por parte da Camara, creandoo assim um ambiente patriótico.

O certo é que o discurso de Bonnet não constituiu um exito para elle e não fortaleceu de modo algum a sua posição, debilitada ha tempo. Indubitavelmente, o ministro Bonnet se defendeu melhor dos ataques do que mesmo traçou linhas positivas á politica exterior franceza, mas isto rebaixou a importancia de sua exposição como documento da politica do governo por elle representado.

Apesar de tudo, tanto os debates parlamentares como as declarações dos membros do governo, das quaes se tratou antes, dão testemunho irrefusavel de um grande passo a frente do desenvolvimento das concepções politicas da França, desde o tempo de seu completo desmoroamento depois da catastrophe da Conferencia de Munich.

Em primeira linha, refere-se esse problema ás relações com a Polonia. Quanto ás relações da França com a Inglaterra, os Estados Unidos, a Alemanha, a Italia, inclusive a questão espanhola, nada trouxeram de novo, nem os debates no Parlamento nem as declarações dos membros do governo.

As questões centro-europeas foram tratadas de passagem e politicamente, assim como as questões do Extremo-Oriente.

O facto novo foi, sem embargo, a affirmação da manutheção dos compromissos com a Rússia e com a Polonia, na qual se realçou claramente o problema das relações com a Polonia, que se desenrolaram finalmente em forma de contacto amistoso de informações á base de conversações e negociações com a Alemanha. Se se fosse considerar qual era a nossa situação ha apenas alguns mezes em relação aos francezes, se recordamos os ataques dos quaes fomos objecto depois da conferencia de Munich e que terminaram fazendo passar para

primeiro plano a questão ucraniana na imprensa e na opinião franceza, se ademais levarmos em conta que a rigor até fins de dezembro a immensa maioria dos politicos francezes queria considerar não apenas a Europa central como tambem nós mesmos como terreno de expansão alemã, reconhecido como tal pelo occidente, deve-se constatar que, no criterio politico dos francezes, operou-se uma modificação profunda e essencial a nosso respeito. A clara aversão contra a Polonia foi substituída por uma comprehensão de que somos o unico Estado do continente que no desenvolvimento do problema da segurança da França pode desempenhar um papel importante e positivo. Essa modificação é naturalmente uma consequencia da consideravel piora da situação franceza e ademais a França está ameaçada por perigos que a põem nervosa, intranquillizando-a grandemente.

Todavia, eu acredito que esta mudança seja só um symptoma de conjunctura. A attitude da opinião publica franceza a respeito da Polonia, que não ha muito havia sido representada por elementos de tendencia de defender-se contra a Alemanha tem sido substituída agora por uma attitude que continúa se baseando na defesa, porém que já está despojada de todo caracter offensivo. Seria perigoso e inexacto affirmar que o governo francez reconhece em todo seu valor a alliança com a Polonia e está decidido a fazer della o elemento essencial da sua politica. Provisoriamente pode dizer-se unicamente que o governo francez o qual evita fixar uma attitude demasiadamente categorica revela boa vontade a respeito dos tratadões entre a França e a Polonia e cuida da manutheção de boas relações conosco.

Isto resulta não apenas de certo derrotismo que caracteriza a politica official da França depois da conferencia de Munich mas sim tambem da falta de um novo plano positivo nessa politica. Outro desenvolvimento favoravel a nosso respeito na politica franceza pode apresentar-se quando se accentuarem os perigos que ameaçam a França ou quando a nossa situação no leste e no centro da Europa continuar se consolidando, augmentando ali a nossa influencia.

A politica franceza luta com duas tendencias: a tendencia de submeter a sua influencia os chamados Estados pequenos do continente europeu ou utilizal-o como objecto de commercio com a Alemanha, tendencia que sob a influencia dos ultimos acontecimentos vai diminuindo visivelmente, e segundo, a tendencia cada vez mais forte de assegurar por si mesma a paz na Europa. É natural que no momento em que o desenvolvimento da situação e da nossa em particular mostrar que a collaboraçã com a Polonia pode ser de importancia não apenas do ponto de vista das condições elementares de segurança, naturalmente á custa de certo risco, a attitude a respeito de uma alliança conosco que até agora não está decidida, pode sofrer um desenvolvimento positivo e desejavel.

Aqui terá sempre grande influencia o ponto de vista do governo inglez que seguramente será durante muito tempo decisivo para a politica franceza. Permitto-me chamar pessoalmente a attenção do sr. Ministro sobre certa modificação que está se apresentando, ao que parece, na politica franceza na sua orientação para conosco e quanto ao pacto com a Rússia Sovietica. Embora o ministro Bonnet caracterize as relações quanto aos tratados conosco e com a União Sovietica nos mesmos termos, pode-se dizer com segurança que a nossa situação, tanto no criterio politico francez, como nos circulos influentes do governo, é incomparavelmente melhor do que a da União Sovietica e estamos "soi-disant" em primeiro lugar. Por muito que antes de setembro se considerasse a União Sovietica como a principal aliada na Europa e que esta eventualmente poderia exercer pressão sobre nós, agora a situação é inversa. A Polonia cabe agora o papel principal como aliada da França e a Rússia Sovietica figura mais como factor auxiliar, meramente formal para garantir as costas da Polonia. Tambem a este respeito fomos testemunhas de uma evolução desejavel de accordo com o proporção real das forças na Europa Oriental.

Resumindo todo o exposto, desejamos expressar a nossa convicção de que em ultimo extremo demos um grande passo para a frente em nossa aspiração de chegar a uma completa harmonia e normalização nas nossas relações de alliança com a França, sobretudo quanto á modificação reinante na opinião publica e na imprensa.

Em futuro proximo teremos de contar provavelmente com duas eventualidades: primeira, ou cresce a ameaça á França por parte da Italia e da Alemanha e neste caso seremos objecto de uma pressão por parte da França, a qual procurará aliviar a situação paralyzando de certo modo a liberdade de movimentos da Alemanha; segunda, ou se tentará encontrar as possibilidades de chegar a uma melhora duradoura da situação na Europa, o que nos colloca diante de uma difficil missão de defender e aproveitar activamente os resultados e as possibilidades do nosso labor constructivo em prol da paz. Ao meu juizo esta missão será verdadeiramente difficil, pois até agora não se reconheceu no occidente o nosso papel de pacificação na Europa Oriental e na Europa Central. Os politicos francezes e a opinião publica na França (supponho que na Inglaterra se dê o mesmo facto) estão inclinados a considerar os actuaes resultados positivos da nossa politica de paz como resultado da boa vontade por parte do chanceller Hitler de manter os planos provisórios, porém não como resultado da nossa propria actividade e posição politica.

Por todas essas razões, parece-lhes estar constantemente em choque a nossa situação e parecem memo duvidosas as nossas possibilidades. Sob a influencia dos ultimos acontecimentos e as suas consequencias, sr. Ministro, receio pela confiança na verdadeira independencia da nossa politica. Todavia, isso não significa pela confiança nossas probabilidades e possibilidades de força. (a) Embaixador da Republica da Polonia, Lukaszewicz.

9.º Documento

O 9.º documento é construído nelo informe do embaixador polonez em Paris, sr. Jules Likasiewicz ao ministro das Relações Exteriores em Varsovia datado de Fevereiro de 1939, e em a nota, estrictamente confidencial.

— Senhor ministro das Relações Exteriores de

Varsovia. Ha uma semana regressou a Paris, depois de 3 mezes de ferias na America, o embaixador dos Estados Unidos, sr. W. Bullitt. Desde seu regresso tive com o mesmo duas entrevistas que me permittem, senhor ministro, informar-lhe de sua opinião sobre a situação europeia, assim como dar-lhe uma orientação sobre a politica de Washington.

No. 1: — A politica dos Estados Unidos, com vistas a intervir directamente nas questões europeas, não existe. Uma tal politica não seria possível pois não encontraria a approvaçã da opinião publica americana que não abandonou sua posição de isolamento frente a taes problemas. Em troca, o que já existe é um grande interesse por tudo o que se refere á situação europeia. Esse interesse faz, inclusive empalidecer as questões de politica interna que hoje despertam menos attenção do que antes. A situação internacional é julgada pelos circulos officiaes como extremamente grave e acreditam no perigo de um conflicto armado. Os circulos competentes opinam que no caso de guerra entre a Inglaterra e a França por um lado, e a Alemanha e a Italia por outro, se a guerra terminar com a derrota da Inglaterra e da França, então a Alemanha constituiria um perigo para os interesses reaes dos Estados Unidos no continente americano. Por esta razão pode-se já prever a participação dos Estados Unidos na guerra ao lado da França e da Inglaterra, naturalmente, depois de um certo tempo de iniciado o conflicto. O embaixador Bullitt expressou-se sobre esse ponto com as seguintes palavras: "Se estallar uma guerra, seguramente, não participaremos na mesma desde o principio, mas é certo que a terminaremos". Segundo a opinião do embaixador Bullitt: esta attitude dos circulos competentes de Washington não é de visto a uma razão de ordem ideologica e sim á necessidade de defender os interesses legitimos dos Estados Unidos que, no caso de uma derrota franco-britannica ver-se-hiam seriamente ameaçados tanto do Pacifico como do Atlantico. O embaixador Bullitt declarou que o rumor de que o presidente Roosevelt declarara que a fronteira dos Estados Unidos estava no Reno é falso. Em troca, confirmou que o presidente Roosevelt dissera que venderia aeroplanos á França porque o exercito francez é a linha de defeza dos Estados Unidos. Isso corresponde completamente a suas opinões.

No. 2 — As exigencias que a Italia pleiteia da França carecem de todo fundamento e argumentação que as justifiquem. Portanto, a França não pode e nem deve fazer concessões, nem sequer aparentemente. Qualquer concessão da França supporia o enfraquecimento de seu prestigio na Africa. Em vista disso, qualquer compromisso eventual á custa do interesse francez fica excluído. Theoricamente, existe a possibilidade de que em qualquer momento critico a Inglaterra juntamente com Berlin experimentaria impôr á França um compromisso incompativel com seus interesses. Se este caso acontecer a França poderia contar com a efficaz ajuda de Washington. Os Estados Unidos dispõem frente a Inglaterra de varios e muito poderosos meios de coaçã. A simples ameaça do emprego desses meios deveria bastar para dissuadir a Inglaterra de uma politica de compromisso á custa da França. Deve-se levar em consideração que pelos acontecimentos no Extremo Oriente e, igualmente, pelo resultado da Conferencia de Munich, o prestigio da Inglaterra diminuiu muito entre a opinião publica dos Estados Unidos. Por outro lado, a opinião publica norte-americana sabe muito bem quantas esperanças a Inglaterra põe na collaboraçã e no apoio dos Estados. Sob estas condições é de presumir-se que Hitler e Mussolini não tomarão as exigencias italianas á França como base para um conflicto aberto com a Inglaterra e a França. Um ponto fraco dos Estados Unidos é, naturalmente, o de que estes apezar de ter fixado já hoje seu ponto de vista em um eventual conflicto, entretanto, não tomam participaçã activa alguma na soluçã dos problemas europeus, pois, a opinião publica norte-americana com sua tendencia pro-isolamento não lhes permitiria.

No. 3: — As relações dos circulos competentes americanos com a Italia e Alemanha são negativas, precisamente porque, opinam que os novos exitos do "Eixo" Roma-Berlin que fazem crescer o prestigio e a autoridade da França e da Inglaterra como potencias imperialistas quasi chegam a ameaçar directamente os interesses reaes dos Estados Unidos. Por isso a politica exterior de Washington escaminharse-ha visando paralyzar um desenvolvimento eventual da situação nesse sentido. Em suas relações com a Italia e a Alemanha os Estados Unidos dispõem de diversos meios de coaçã que hoje são já seriamente discutidos e examinados. Esses meios, geralmente, de indole economica são de tal natureza que poderiam ser applicados sem o menor temor de uma resistencia da politica interna. Essas garantias, tanto para Roma como para Berlin serão o sufficientemente, expressivas e sensíveis. O embaixador Bullitt é de opinião que uma pressão dos Estados Unidos sobre a Italia e a Alemanha de um lado e, igualmente, sobre a Inglaterra, de outro, pode, em alto grau, prevenir o surgimento de um conflicto armado e, respectivamente, o desenvolvimento da situação europeia em um sentido que, desde o ponto de vista de Washington, não se considere desejado. A minha observação de que no momento actual não se vê muito claro se os Estados Unidos estariam dispostos a lutar contra a Alemanha e a Italia pelas colonias francezas, respectivamente, contra certos sistemas e ideologias, o embaixador Bullitt respondeu categoricamente que a attitude de Washington dependeria unicamente dos interesses reaes dos Estados Unidos e não de problemas ideologicos. Devo acrescentar que o embaixador Bullitt está convencido de que a França opporá uma energica resistencia frente ás exigencias italianas e que uma eventual mediação de parte ingleza, respectivamente ingleza e alemã, cuja finalidade forá um compromisso á custa da França fica afastada, em absoluto.

Quizera, neste momento, omitir, de minha parte, todo comentario sobre as declarações do embaixador Bullitt. Trato, todavia, de obter d'elle, alguns esclarecimentos complementares. De todas as formas parece-me certo que a politica do presidente Roosevelt, nos proximos tempos tenderá a fortalecer a resistencia da França, a moderar a pressão germano-italiana e a debilitar a inclinação ingleza aos compromissos.

10.º Documento

Relatorio do embaixador polonez em Londres, conde Edward Raczyński, enviado ao ministro

do Exterior da Polónia, em Varsovia, datado de 9 de março de 1939, com o numero 6/2:

Hoje almoçou na minha casa o senhor Hudson, secretário parlamentar para o Commercio Exterior, a quem eu havia convidado, juntamente com varios colaboradores bem como funcionarios do Foreign Office e da Chancelaria do Erario, em vista da projectada viagem daquelle a Varsovia na segunda semana deste mez. Esta reunião deu-me oportunidade, para afastar rapida e amistosamente uma má interpretação que existia entre nós e os ingleses a respeito das importações inglesas na Polónia (fixação de contingentes). A esse respeito envio um relatório separado concluído em 10 de março com o numero 57 — letras TJ-123.

Devido ao rumo satisfactorio que tomou essa questão, julgo as condições favoráveis para uma troca de idéas muito amistos. O sr. Hudson, a quem conheço ha alguns annos, embora apenas superficialmente, causou-me uma forte impressão por sua attitude algo primitiva, porem cheia de energia e por abordar com franqueza até temas politicos muito delicados, methodos que differem por certo muito dos de discreção que é sempre mantida pelos funcionarios do Foreign Office. Este methodo usa-se provavelmente em parte deliberadamente e com a intenção do governo inglez de aparentar para iora a força de decisão e optimismo da Grã Bretanha com o objectivo de impressionar assim as personalidades do continente com que se esta falando. Também resultará do caracter particular do sr. Hudson que parece decidido a agir desempenhando o papel de um "viajante" por encargo do White Hall e a reservar muito lugar para "a segurança e confiança" na escolha das mercadorias da qual poderão participar os que se declaram a favor de querer commerciar com a Inglaterra.

Este facto não diminui no minimo a importancia da viagem do sr. Hudson a varias capitães europeas, mas sim, na minha opinião, induz a fazer uma interpretação certa mais restricta das declarações feitas pelo sr. Hudson quando este não tomar compromissos concretos mas sim se manter em palavras de caracter mais geral sem obrigações unicamente com valor de propaganda.

Devido ao caracter impulsivo e recto do sr. Hudson, a conversação com elle foi particularmente interessante. Elle não occultava sua convicção de que todos os esforços fundamentaes ingleses estavam dictados pelo ponto de vista de oppôr-se á ameaça alemã. Os perigos que pudessem advir da Italia, o sr. Hudson considerou-se de muita pouca importancia. Declarou que a Italia já se acha tão exgotada economicamente, que não se podia permitir a uma iniciativa propria de ameaça a Inglaterra. Também na sua apreciação do problema allemão, mostrou grande optimismo, declarando que na sua opinião "já tínhamos quasi passado o estado de perigo". Sobre tudo a Alemanha estaria desejando muito um entendimento economico em cujo favor falava entre outros o sr. Funk. A isso se inclinavam os allemães devido á sua difficil situação economica, a qual, segundo o sr. Hudson, ficaria ainda agravada com o decrescimento das importações sobretudo no verão deste anno.

O sr. Hudson acredita que um entendimento economico germano-inglez seria provavelmente encontrado em convenios entre trusts, industriaes, que todavia impossibilitariam qualquer exclusão á custa das nações economicamente debéis. Ademais, o governo inglez estava disposto a não ceder em nenhum mercado europeu nem a renunciar as suas concessões em favor do Reich. Isso todavia não significava que a Grã Bretanha iria disputar á Alemanha a primazia que tem em certos mercados na Europa central por motivos naturaes geo-politicos.

O sr. Hudson para fundamentar o seu optimismo quanto aos resultados das conversações em Berlim, alludiu entre outras cousas á seguinte communicação que havia recebido do novo ministro plenipotenciario em Londres, sr. Tilea: "Por parte da Alemanha havia se imposto á Hungria, poucas horas antes, condições para regularizar o intercambio commercial, para assegurar as compras allemãs de productos agricolas húngaros e para a Hungria renunciar á installação de novas empresas industriaes susceptíveis de affectar as exportações allemãs. Ultimamente havia se prescindido disso por parte da Alemanha, a qual justifica essa sua mudança de attitude com o facto de que estava convencida de que muito em breve chegar-se-ia a um entendimento economico entre a Alemanha e a Grã Bretanha. O sr. Hudson affirmou ter podido confirmar a certeza desta noticia do sr. Tilea por outros factores.

Expressando de forma caracteristica sua confiança no desenvolvimento favoravel dos acontecimentos, declarou o sr. Hudson: "Agora negociamos no terreno economico e destruímos o systema allemão de transações bilateraes, no outonno indúziemos o sr. Göring a vir a Londres, em um anno teremos logo um tratado de limitação de armamentos, em dezoito mezes teremos exterminado a dolorosa ulcera das materias primas colonias e deste modo asseguramos a paz restringindo o equilibrio politico destruído."

Esta confiança reflectida nas palavras do sr. Hudson quanto ao exito das suas conversações em Berlim, não o impede de pensar "na politica do desenvolvimento dos meios de resistencia" e de falar della. Definindo esta posição do seu paiz que a politica britannica havia abandonado os methodos e os lemas dos ultimos vinte annos reiniciando, em principio, á época combativa dos fins do seculo XIX, ou seja a época de Joseph Chamberlain e necessariamente á tradição dos "jings".

Características foram as suas observações sobre o thema da Russia. Em primeiro lugar perguntou-me como julgavamos o poderio russo, segundo que importancia concedemos ao convenio commercial concluído recentemente com a União Sovietica; terceiro, se podia se pensar em restringir as nossas relações com os Soviets; quarto, se eu julgava que os Soviets estavam interessados em relações amistosas com a Grã Bretanha; e finalmente que auspícios favoráveis podiam augurar-se para suas conversações economicas durante sua visita a Moscou.

A estas perguntas respondi diplomaticamente. Alludindo sobretudo á quarta questão adverti que os actuaes representantes sovieticos se esforçavam em dar á idéa de uma grande segurança de si mesmos, afirmando que se existia o perigo de uma guerra, havia-o no sector de menor resistencia, ou seja no oeste. A União Sovietica, como elles affirmavam com muito "aplomb", era tão forte que podia contemplar sem receios o futuro. O sr. Hudson respondeu-me ter ouvido hontem as mesmas palavras do

embaixador Maisky. Este rumo tomado pela conversação permite suppôr: primeiro, que o sr. Hudson se acha muito occupado com os assumptos relacionados com a sua viagem á Russia; segundo, que lhe concede grande importancia; terceiro, que não existe a respeito da Russia como até agora certo favor reciproco. Nisto ha de se considerar que as conversações projectadas pelo sr. Hudson em Moscou, além da sua importancia politica sobre a qual, ao que parece, custa a este falar, affectuaram assumptos economicos concretos e que por parte da Inglaterra se exigirá sobretudo obter um intercambio mercantil russo-inglez melhor equilibrado para reforçar a exportação ingleza com destino á União Sovietica.

Immediatamente depois de redigir o presente relatório tive hontem á noite, por occasião da recepção na Côte, occasião de conversar com o embaixador Maisky. Esta conversação confirmou-me a convicção de ter compreendido com acerto a entrevista entre o sr. Hudson e o sr. Maisky. Este opina que se o sr. Hudson insiste na importancia politica da sua missão, é porque conta lograr deste modo com maior facilidade os resultados economicos desejados.

O sr. Maisky critica ademais os ingleses pela falta de uma perspectiva historica necessaria para fazer-se um juizo certo de equilibrio das forças na Europa. Opinavam os ingleses que se imaginava o seu poderio como no anno de 1870. Esperam que o méro facto de uma delegação economica ir a Moscou ocasionar a que a mesma será vista pelos Soviets com entusiasmo e com grande agradecimento. Todavia, como tive occasião de dizel-o, o sr. Hudson será recebido em Moscou muito gentilmente e escutado com toda attenção devida. O juizo, porém, sobre a utilidade da missão e sobre a sua importancia este reservam-se os Soviets até o momento de falar concretamente.

Finalmente declarou o sr. Maisky que a affirmação de que o intercambio commercial anglo-sovietico carecia de equilibrio era infundada. Se os Soviets não compravam mais á Inglaterra, isso era sobretudo porque uma série de fabricas inglesas que interessavam á Russia estavam abarrotadas com trabalho de rearmamento inglez e eram incapazes de executar outros pedidos.

Essas mesmas conversações com os srs. Hudson e Maisky reflectem uma luz interessante sobre as actuaes relações anglo-sovieticas, sobre as quaes ultimamente se fala tanto, embora de modo não muito concreto e com um colorido que depende das convicções de cada informante. Permite-se dizer com bastante probabilidade que até agora não se estabeleceu um contacto mais estreito entre Londres e Moscou e que os factos surprehenderam tanto a opinião publica como o apparecimento inesperado do primeiro ministro na embaixada sovietica, factos estes que estavam calculados para causar efeitos exteriores, porém, não eram consequencia do contacto antigamente confidencial entre ambas as potencias. O primeiro passo concreto inglez foi estender a viagem do sr. Hudson até Moscou. Este passo foi até agora recebido com muitas reservas por parte dos Soviets.

Sobre as suas conversações projectadas em Varsovia, o sr. Hudson não falou muito e apenas de um modo geral, accentuando ademais não ter um programma fixo estabelecido. Seu objectivo é provocar um augmento no intercambio mutuo e contribuir para um augmento das exportações polonezas para os mercados de divisas livres com augmento simultaneo das exportações inglesas para a Polónia, fomentadas eventualmente por um "credito de exportação" inglez. (a) Edward Raczynski, embaixador da Republica da Polónia.

11.º Documento

Relatório do embaixador polonez em Paris, Jules Lukasiewicz, ao ministro das Relações Exteriores da Polónia em Varsovia, datado de 29 de março de 1939.

Fae-símile: Embaixada da Republica da Polónia, em Paris, r 2-3, Paris, 29 março 1939. Estrictamente confidencial, ao sr. Ministro das Relações Exteriores em Varsovia.

Nas conversações amistosias que em 24 deste mez mantive com o embaixador Bullitt, disse-lhe aproximadamente o seguinte: não conheço o texto da proposta ingleza a respeito da declaração das quatro potencias, nem a nossa resposta á mesma (o que aliás corresponde á verdade). Porém, se me deixo guiar pelas opiniões da imprensa e seu echo que me chega de varias partes, julgo a situação da seguinte maneira: tanto na forma como no conteúdo, a proposta ingleza parece-me ser uma manobra destinada pelo menos em 75% aos efeitos da politica interna da Inglaterra. Não foi provocada pelo desejo de reagir contra os acontecimentos internacionais dos ultimos dias, mas sim causada pelas difficuldades com que o sr. Chamberlain tropeça no parlamento e na opinião publica. E' infantil, ingenuo e ao mesmo tempo desleal, propôr a um Estado que se encontra na situação da Polónia que deva comprometer as suas relações com um visinho forte como a Alemanha e lançar sobre o mundo a catastrophe de uma guerra, só para attender ás necessidades da politica interna ingleza. Porém, ainda seria mais ingenuo suppôr que o governo polonez não comprehende o verdadeiro sentido dessas manobras e as suas consequencias.

Ao demais, é imprudente em alto grau emprender uma acção como a que foi publicamente insinuada pelo governo inglez e fazer apparecer em primeiro plano a participação da Russia, modificando tanto o aspecto politico dos Estados que devem operar solidariamente com as suas acções. Os esforços ostensivos para conseguir uma colaboração com a Russia numa forma e num terreno que só convem ás necessidades da politica interna de Chamberlain justifica a suspeita involuntaria de que não se trata unicamente da defesa daquelles Estados que se encontram ameaçados pelos novos methodos da politica allemã, mas sim também de uma luta ideologica com o hitlerismo e que a tinaidade que se visa não é a paz mas sim provocar o desmoronamento da Alemanha. Quem conhece os principios fundamentaes da politica poloneza, não pode suppôr que o governo polonez se ajuste politicamente as ligeiras e perigosas cartadas do sr. Chamberlain. Segundo as experiencias dos ultimos vinte annos, durante os quaes a Inglaterra e a França não apenas não empurraram com nenhuma das suas obrigações internacionaes, mas sim tapouco estiveram jamais na situação de defender convenientemente os seus proprios interesses, e absolutamente impossivel acreditar que algum Estado do centro ou do oeste da Europa, quicá igualmente os situados do outro lado do eixo

Berlim-Roma, possa tomar a serio qualquer uma das propostas inglesas, a menos que a Inglaterra se decida a cometer actos que sem duvida e indiscutivelmente conirriam a sua decisão de romper as suas relações com a Alemanha. Se ha alguns dias, ao ser apresentada a declaração da proposta em Varsovia, a Inglaterra tivesse mobilizado a sua esquadra, tivesse estabelecido o serviço militar obrigatorio, e se o governo francez tivesse determinado a mobilização do seu exercito em proporções muito maiores do que até agora, então se haveria podido considerar como uma prova de honrada e seria vontade de colaboração leal até mesmo uma proposta ingleza tão inaceitavel como aquella que nos foi feita.

Porém como precisamente succedeu o contrario, ha de se suppôr que todas as negociações diplomaticas emprehendas por Londres não terão possibilidade alguma de exito enquanto o governo inglez não se decidir por fim a tomar a resolução de aceitar obrigações concretas e precisas, apoiadas em medidas effectivas no terreno das forças armadas de que dispõe. E' triste o caso tragico que na actual situação não se trata unicamente dos interesses de uma só nação, mas sim, sem exaggerar, que se trate de evitar um conflicto bellico de proporções catastrophicas.

Por exemplo o caso da Polónia: Não conheço nem o texto das propostas inglesas nem as intenções de Hitler. Porém, mediante symptomas indubitaveis, formo a minha propria opinião sobre a verdadeira situação. A iniciativa ingleza, imprudente na ligeireza da sua forma e do seu conteúdo cheio de falhas, colloca o governo polonez entre comprometter as suas relações com a Polónia ou escolher o fracasso das suas relações com Londres. No primeiro caso Hitler pode se ver obrigado a tentar empregar a força contra nós, o que unicamente poderíamos responder com as armas. Isto provocaria um conflicto europeu geral, em cuja primeira etapa deveríamos supportar a pressão de toda a prepotencia allemã. Não apenas estará ameaçada toda a nossa industria bellica, mas sim corremos também o perigo de perdela. Isto ocasionará que já no começo do conflicto dar-se-ão aos peões condições não apenas para nós, mas também para a França e a Inglaterra. No segundo caso, o fracasso das negociações com Londres será para Hitler uma prova da pouca honradez e debilidade da politica da França e da Inglaterra, animando-o para novos emprehimentos expansionistas na Europa central e oriental, que mais cedo ou mais tarde conduzirão á catastrophe de uma guerra.

No actual estado de cousas é tão infantil como criminoso pretender fazer a Polónia responsavel pela guerra ou pela paz. Deve-se constatar de uma vez para sempre que grande parte da responsabilidade tem a França e a Inglaterra cuja politica insensata ou ridiculamente debil provocou a situação e os acontecimentos pelos quaes estamos passando. O governo inglez não comprehende isto hoje em dia, que é inevitavel um conflicto europeu geral, talvez uma guerra mundial e que se deve agir rapidamente, visto que Hitler pode escolher o momento mais apropriado.

O embaixador Bullitt tomou muito serio as minhas declarações e me rogou repetil-as. Eu vi como elle procurava meter na memoria cada phrase. Mais tarde perguntou-me se nos acceptariamos uma alliança commum, caso a França e a Inglaterra assim o propuzessem. Respondi que a esse respeito não podria dar-lhe uma resposta, porém constatei que o centro da gravidade não residia nas propostas que se faziam ha annos, mas medidas de facto que em primeiro lugar deve adoptar a Inglaterra. O embaixador Bullitt declarou estar completamente de accordo com o meu ponto de vista.

No dia seguinte, 25 de corrente, communicou-me que havia feito suas as minhas opiniões e utilizando-se de seus direitos, havia encarregado o embaixador norte-americano em Londres, sr. Kennedy, ir hoje, sabbado, á residencia do primeiro ministro, sr. Chamberlain, afim de repetir-lhe tudo, accentuando categoricamente a responsabilidade do governo inglez.

Sabbado, 26, o embaixador Bullitt recebeu na minha presença uma informação telephonica do embaixador Kennedy sobre a conversação que havia mantido com o sr. Chamberlain. A este respeito já informei a v. ex. sr. Ministro, num telegramma que despachei depois da minha visita ao embaixador Bullitt. Compreendendo que o embaixador Bullitt exaggera seguramente algo a importancia das declarações que lhe fez o seu collega acreditado junto ao governo inglez. Porém considero do meu dever, sr. Ministro, informal-o sobre todo o exposto porque considero que a colaboração do embaixador Bullitt em tempos tão difficeis e complicados possa talvez prestar-nos determinados serviços. Em todo caso, é absolutamente seguro que elle compartilha absolutamente do nosso ponto de vista e está disposto á colaboração amistosia mais extensa possivel. Para reforçar ademais a actuação do embaixador norte-americano em Londres, chamei a attenção do embaixador Bullitt sobre o facto de não ser impossivel que os ingleses tratem do passo deles, norte-americanos, com desapeço bem simulado. Elle me respondeu que eu seguramente tinha razão mas que apesar disso os Estados Unidos possuem meios com os quaes poderiam exercer pressão effizaz sobre a Inglaterra, acrescentou que iria reflectir seriamente sobre a mobilização destes meios. (a) Jules Lukasiewicz, embaixador da Republica da Polónia.

12.º Documento

Relatório do embaixador polonez em Londres, conde Raczynski, ao Ministro das Relações Exteriores da Polónia, em Varsovia, datado de 29 de março de 1939.

Embaixada da Republica da Polónia. ER/Mr Numero 1 Wb TJ 146. Londres, 29/3 — Confidencial. Ao Senhor Ministro das Relações Exteriores em Varsovia — Relatório Politico n. 17/1. Attitude do governo britannico diante da crise. — Relações com a Polónia — Entrevista com o embaixador Kennedy.

O violento transcurso da ultima phase da crise tcheca commoveu aqui profundamente a opinião publica, determinando uma evolução na attitude do governo inglez. Para os inimigos decididos da Alemanha de Hitler os ultimos acontecimentos foram unicamente uma confirmação do que já se previu e uma prova da necessidade de um procedimento energico. Maior importancia adquiriram todavia os acontecimentos pela impressão que causaram nos "cam-

pos de conciliação" daqui. Os adeptos desses circulos evitam geralmente communicar sinceramente as suas opiniões e esperanças. Limitam-se geralmente a dizer que a Grã-Bretanha deve restringir-se na defesa da Europa occidental bem como naturalmente do imperio britannico, e das vias de communicação imperiaes. Em troca, o centro e o leste da Europa serviriam de territorio de expansão allemã, podendo a Inglaterra retirar-se dali sem experimentar grandes prejuizos. Esses argumentos não se pronunciam em voz alta, porem o mais importante nesse sector poderia ver-se na esperança de que a Alemanha será difficil entender-se bem como os territorios cedidos e que graças a essas difficuldades e ao seu dissidio com a Russia perderá a capacidade de expansão e o dynamismo. Prevê-se que chegar-se-á á guerra entre a Russia e a Alemanha, a qual debilitará ambas com vantagem indirecta para as potencias occidentaes.

O rapido curso dos acontecimentos proporcionou á Alemanha valiosos e incruentos despojos, demonstrou a inconsistencia dessa conclusão e revelou que no fundo tratava-se de um protexito que permitia aos politicos responsaveis das potencias occidentaes retirarem-se da linha de menor resistencia. Verificou-se, afinal, que com sua acção no leste a Alemanha experimentou, em vez de uma perda de potencialidade, um fortalecimento adicional. Ao tomar-se conhecimento disto, foi adoptado um novo tom em relação á Alemanha, o qual encontrou expressão na imprensa politica da Inglaterra, de accordo, aliás, com as instancias governamentais.

Segundo noticias que correm aqui nos circulos diplomaticos e politicos, não é certamente completa a mudança de attitude no "sector de conciliação". Neste ultimo figura sr. John Simon, que segundo a opinião geral é autor do projecto de declaração commum por parte da Inglaterra, França, Polónia e União Sovietica. Também o primeiro ministro, apesar do tom energico do seu ultimo discurso, parece não estar isento de duvidas sobre a victoria na partida de Munich. Essas duvidas parecem referir-se principalmente ás relações da Grã-Bretanha com a Polónia. Na theoria derrotista ou conciliadora antes mencionada, ao que parece, não havia para nós outros um lugar claramente definido. Agora, frente aos rapidos exitos allemães, conseguidos unicamente pela pressão, começa-se a temer que a Polónia termine entrando em accordo com a Alemanha, permitindo a esta saltar rapidamente para a Russia. Causa intranquillidade o pensamento de que, nesta marcha dos acontecimentos, chegue um dia em que no oeste não se possa resistir a uma pressão germanica. Essa conclusão demonstra que as relações anglo-polonezas tendem a intensificar-se.

Existe outra razão séria para que a Grã-Bretanha se incline cada vez mais para nós: é a convicção que se crystalizou de que a Polónia, ao prescindir dos Soviets, é o unico factor na Europa do leste que demonstrou plena independencia politica nas relações externas e internas. O grupo dos "espiritos conciliadores" aspira, como se sabe, a limitar a influencia ingleza no Mediterraneo Oriental e a defender os Dardanellos, que asseguram a entrada do Mar Negro. Entretanto, resulta que a peninsula balkanica, principalmente a Turquia, não apresenta uma situação isenta de ameaças, e que a mobilização dos paizes da União Balkanica conforme os desejos da Inglaterra e sob sua direcção tropeça com grandes difficuldades.

De todas as possibilidades anteriormente mencionadas e outras que passo por alto, para não me estender demasiadamente, o governo britannico escolheu a proposta de uma declaração commum da Inglaterra, França, Polónia e URSS, para dirigir-se a nós. Mas como no seio do governo imperavam regularmente até os ultimos dias divergencias e vacillações, em vez desses methodos activos escolheu-se uma forma menos viva e menos vinculativa, qual a de uma declaração de caracter geral, redigida num estylo susceptível de varias interpretações. Uma prova de que as debilidades internas dahí resultantes são aqui bem comprehendidas é a pouca surpresa que causou o facto da Polónia recusar-se a firmar esse documento, o que parece indicar que não se pretende dirigir a politica poloneza. Deve-se esclarecer, entretanto, que tudo é possivel neste momento.

No mesmo estado acham-se as relações anglo-russas. Segundo tive occasião informar a V. Ex., sr. Ministro, por occasião da viagem do sr. Hudson a Varsovia e Moscou (MUM 51 RAY 122, de 10 deste mez) já então se esperava muito de parte ingleza a colaboração politica com os Soviets. De parte sovietica, contudo, não se notava um verdadeiro interesse nesse sentido. Em seguida declarou-se a URSS de accordo com a assignatura da declaração commum, o que se fez sob condições ate agora não completamente esclarecidas. Ao que parece, a Russia fez depender sua assignatura da participação da Polónia.

(No Foreign Office informaram-me de que os Soviets negam essa alhegação. Aqui ha, ao que parece, uma interpretação casuistica: o convite foi dirigido aos quatro Estados e os Soviets acceptam sem nenhuma condição.)

Não se sabe se o governo inglez se dirigiu a Moscou para uma declaração a tres, juntamente com a França, e se na capital russa se estava preparado para isso. Em todo caso, augmentam nos ultimos dias os symptomas indicando que as relações anglo-sovieticas são menos cordiaes a partir de algum tempo, em consequencia da iniciativa ingleza. Voltarei a este assumpto ao relatar a conversa com o embaixador Kennedy. Quizera acrescentar aqui unicamente que o embaixador Maisky, a quem encontrei frequentemente nas recepções em honra do presidente Lebrun, mal occultou que estava satisfeissimo com o ultimo curso dos acontecimentos, mostrando ao mesmo tempo grande segurança.

A vacillação deste governo pode ser notada claramente na questão do recrutamento, que desde alguns mezes vem sendo objecto de calorosas controversias. Ante o retorço bastante grande do exercito regular e territorial, os peritos locais explicam com considerações technicas a aversão do governo em apresentar a lei do recrutamento. Affirma-se que essa medida so teria uma significação symbolica, como uma demonstração para os proximos tempos, mas não facilitaria, e sim dificultaria a organização do exercito durante a paz. Prescindindo de valor, essas declarações parecem reflectir entretanto as vacillações do sr. Chamberlain, que não deseja despertar a opposição dos syndicatos contrarios ao recrutamento e provocar assim divergencias no Parlamento, que agora

é quasi unânimo. Em vez de apresentar a lei de recrutamento, annunciou na Camera dos Communs a duplicação do chamado exercito territorial, que atingiria assum a 340 mil homens.

Minha conversa com o embaixador Kennedy: A apreciação da attitude britannica constituiu o thema principal da entrevista que tive com o embaixador norte-americano, sr. Kennedy, e que 'segundo ordens de V. Ex. transmittio ao sr. Director Lublensky. Interroguel directamente o sr. Kennedy sobre a conversação que teve recentemente com o primeiro ministro inglez. O sr. Kennedy mostrou-se surprehendido e respondeu categoricamente que não se realizara tal encontro, de especial significação. Ao mesmo tempo, e negando de certo modo essa sua affirmação, manifestou o sr. Kennedy descontentamento pelo facto dos seus collegas em Paris e Varsovia, "que não estavam, como elle, em condições de fazer uma idea exacta da situação na Inglaterra", falarem tão ousadamente do assumpto.

Como eu visse que não conseguiria muito por este meio, conduzi a conversa a situação actual, pedindo ao embaixador que me dizesse qual era, em sua opinião, a disposição da Inglaterra para intervir pelas armas. Sobre esta parte da palestra já informei a V. Ex. telegraphicamente. O sr. Kennedy, dando a entender que sua opinião se apoiava numa serie de conversações mantidas nas espheras dirigidas inglezas, declarou estar convencido de que se a Polonia se decidisse á resistencia armada contra a Alemanha, principalmente com relação a Dantzig, arrastaria consigo a Inglaterra. O sr. Kennedy accentuou especialmente que isso não seria o resultado de uma cordialidade maior do que a até agora observada, e que não se tratava de uma decisão tomada voluntariamente ou com satisfação, e sim de uma imposição politica. Se, ao contrario, a Polonia não se mostrasse decidida, continuou o embaixador, os elementos conciliadores do governo inglez se aproveitariam disso para conseguir que a Inglaterra renunciase a fixar a situação commo-nosco.

O sr. Kennedy conta que o governo continua duvidando que a Polonia esteja irrevogavelmente disposta a lutar por causa de Dantzig. Dadas as condições do leste europeu, que variam com a rapidez do raio, seria necessario repetir ameude promessas dessa natureza.

Em seguida abordei a questão russa. O sr. Kennedy mostrou-se muito reservado, e, ao que parece, não desejava fazer nenhuma declaração sobre a actuação ingleza em relação a Moscou (bem como sobre as difficuldades com que tropeçaria essa actuação). Limitou-se á declaração caracteristica de que o governo inglez concede maior importancia a uma declaração junto com a Polonia que junto com a Russia. Essa acção commum é em todo caso para o governo inglez um ponto de partida mais importante para eventuaes acções futuras.

Eis o que eu mesmo ouvi do sr. Kennedy. Ao contrario, entre os jornalistas desta capital correm rumores segundo os quaes o embaixador norte-americano realmente falou, nos ultimos dias, com o "Premier", sobre a Europa Oriental. Affirma-se que nessa occasião accentuou que as sympathias dos Estados Unidos para a Inglaterra no caso de um conflicto dependeriam grandemente da decisão com que a Inglaterra protegesse os Estados europeus ameaçados pela Alemanha.

(a) Edward Raczyński, embaixador da Republica da Polonia.

13.º Documento

Relatorio do ministro da Polonia em Stockolmo, L. Potworowski, ao ministro das Relações Exteriores da Polonia, em Varsovia, datado de 15 de abril de 1939.

Stockolmo, 15 de abril de 1939 — Confidencial. Ao sr. Ministro das Relações Exteriores, em Varsovia.

Com referencia ao relatorio anterior, esta legação comunica que outras noticias recolhidas sobre a permanencia do ministro Hudson em Stockolmo confirmam que os exitos por elle conseguidos não são muito consideraveis. O ministro Hudson mostrou-se pouco habil em suas conversações, a ponto de indispor com sua pessoa os circulos economicos. Como me informou um destacado representante dos meios economicos suecos, o sr. Hudson sondou o terreno com referencia á attitude da Suecia em caso de guerra, suggerindo então que seria necessario suspender todos os torcimentos de materias primas para a Alemanha. Os suecos fizeram-no comprehendendo que desejam manter-se neutros, e que se a guerra viesse e a Alemanha dominasse totalmente o Mar Baltico, ser-lhes-ia muito difficil não fornecer minerio de ferro. A situação mudaria, naturalmente, se os inglezes chegassem a dominar o Baltico. Numa entrevista á imprensa, o sr. Hudson declarou que era necessario augmentar as importações da Inglaterra, deixando entrever que se as proximas negociações da missão commercial ingleza ficassem sem resultado positivo, a Inglaterra tomaria em consideração, uma revisão do accordo commercial anglo-sueco. Esta perspectiva não assusta os suecos, como declarou meu interlocutor. Este tratado, segundo a sua opinião, não é muito favoravel para a Suecia, pois contém algumas clausulas sobretudo referentes ao carvão que são onerosas para os suecos, os quaes poderiam comprar esta materia mais barata em outros mercados. Os suecos tão-pouco se preocupam com a venda dos productos agora comprados pelos inglezes. Estes poderiam por exemplo augmentar os direitos aduaneiros sobre o aço e a cellulose; porém estes productos não têm grande importancia no ramo da exportação sueca para a Inglaterra. Ademais, os suecos estão convencidos de que as mercadorias que não foram adquiridas pelos inglezes, como por exemplo productos agricolas, poderiam sem difficuldade ser collocadas na Alemanha, paiz este com que a Suecia poderia manter um commercio muito bom e activo. Sobre os productos agricolas que exportam para a Inglaterra, têm que pagar ainda por cima, ao passo que a Alemanha receberiam para os mesmos preços mais altos.

A attitude critica dos circulos economicos suecos para com o sr. Hudson é confirmada tambem por um artigo do conhecido tecnico economista G. Cassel no "Svenska Dagbladet" de 8 de abril. Este artigo merece tambem attenção porque no que se refere ao commercio russo-polonez contra a Suecia. O sr. Cassel declarou

que o facto de que a balança commercial sueco-ingleza seja passiva para a Inglaterra não pode interpretar-se de um modo tão simples como fazem os inglezes. A estrutura do commercio internacional faz com que o excedente de libras esterlinas que a Suecia possui na Inglaterra seja empregado para compra de mercadorias em outros paizes que por sua vez estas mesmas libras compram mercadorias inglezas. Os suecos tratariam com prazer com Londres no momento das compras suecas á Inglaterra, porém o exito de uma tal acção depende tambem da boa vontade dos exportadores inglezes. Por outro lado, os importadores inglezes não compram na Suecia pelo bonito rosto dos suecos, mas sim porque as mercadorias são boas e baratas. O professor Cassel termina o seu artigo dizendo: "Das exigencias que nos formulam os inglezes, nós suecos podemos aprender mais de uma cousa. Nossos constantes esforços em conseguir que outros paizes comprem mercadorias suecas que nós só lhes podemos vender com ajuda de subvenções financeiras, representa naturalmente um desvio perigo de uma economia sa. Esta exportação subvencionada gravita constantemente em torno das nossas negociações sobre tratados commerciaes e constituem para o paiz que admite tal exportação um ponto de partida para exigencias cada vez maiores concernentes ao augmento da sua exportação para a Suecia. Este aspecto prejudicial da nossa politica de exportação esquece-se com demasiada frequencia. Agora tem sido posto á discussão devido á ultima tentativa da Inglaterra de aproveitar sua força como grande importadora para conquistar um grande mercado na Suecia."

O diário Goteborgs Handels- Och Sjögarstidning de 12 de abril commenta este artigo de Cassel e compartilha da sua opinião. Este artigo critica os inglezes devido á maior parte da sua importação da Suecia constituir em materias primas, productos semi-fabricados indispensaveis á sua industria, como são a madeira e pasta de papel e que estes as compram por necessidade e não por sympathia. Quanto á exportação de laticinios, subvencionados, sobretudo de manteiga, os inglezes graças a essa subvencão recebem esses productos por um preço de 60% inferior ao que pagam os consumidores suecos. Se isto que se assignou causa aos inglezes dor de cabeça nada mais facil para eliminar o debito da balança commercial do que diminuir a importação da Suecia. O diário que desde o principio combateu a subvencão dos productos agricolas e laticinios como prejudicial e onerosa, é de opinião que seria muito melhor para a agricultura sueca se as subvenções para a exportação de manteiga fossem eliminadas, os preços para o consumo interno reduzidos e a produção orientada para outros caminhos. (a) Potworowski, ministro da Republica da Polonia.

14.º Documento

Relatorio do embaixador polonez em Londres, conde Edward Raczyński, ao Ministro das Relações Exteriores da Polonia em Varsovia, em 26 de abril de 1939.

Facsimile — Embaixada da Republica da Polonia em Londres, ab/me — No No — Se — Sow 191, — Londres, 26 de abril de 1939. Confidencial — Ao sr. Ministro das Relações Exteriores em Varsovia. Relatorio politico numero 10/3 — Relações anglo-sovieticas.

Os acontecimentos das ultimas semanas puzeram na ordem do dia um interesse para as relações entre a Inglaterra e a União Sovietica. Por isso parece oportuno descrever seu desenvolvimento nos ultimos mezes e expôr ao mesmo tempo as declarações que fez o chefe da politica britannica, geralmente sob a pressão de perguntas aggressivas da opposição. Apesar de não sentir nenhuma sympathia pelo regimen sovietico, o governo inglez desejava nos ultimos annos manter boas relações com o governo sovietico, mas a mesmo tempo evitava todo entendimento mais estreito. Quando em 1938 o então ministro sr. Eden visitou Moscou, o communicado que então se divulgou constava que "nenhuma questão fundamental da politica internacional existe um contraste entre interesses do governo britannico e do governo sovietico". Quando o sr. Chamberlain subiu ao poder, tinha seu proprio ponto de vista diferente do seu antecessor e esforçava-se por conseguir um entendimento entre as quatro potencias occidentaes, não só foi impossivel uma união mais estreita com os soviets, mas tambem se viu com desgastro a politica prosvietica demasiado ampla do governo francez. Esta attitude fundamental nem sequer foi modificada nos dias da crise tchecoslovaca de setembro. Durante aquellas semanas, o governo ingles não manteve relações com o embaixador sovietico e até mesmo este esteve ausente de Londres na maior parte de setembro. Tanto maior surpresa causou por conseguinte o assumpto até hoje não completamente esclarecido do communicado do Foreign Office da noite de 26 de setembro, no qual se dizia que, se a França se viesse implicado numa guerra devido aos seus compromissos na Europa central, estariam ao seu lado a Grã-Bretanha e a Russia. Depois desta inesperada declaração que procedia mais de uma inspiração momentanea do que de um plano reflectido e resolido, esfriam-se as relações — critica que os soviets fazem da politica de Munich e a esperança dos inglezes de que o expansionismo allemão se dirija para o leste.

A imprensa britannica dedicou então grande espaço ao "problema ukrainiano" deixando entrever que este territorio não se encontra dentro da esfera dos interesses vitaes britannicos. Até mesmo manifestações de representantes do governo mantiveram-se nesta linha. Iniciou-se uma nova etapa no momento em que depois de um certo estacionamento e desorientação na epoca que se seguiu á crise e depois de haver se chegado a convicção de que a politica de um "entendimento" com a Alemanha não tinha probabilidades de uma rapida realização — como assim podia parecer ao regresso do sr. Chamberlain da sua ultima visita ao chanceller do Reich podendo proclamar que havia conseguido uma "peace your time", iniciou-se uma nova epoca no momento em que o governo britannico começou a demonstrar maior iniciativa, preparando-se o terreno mais propicio para possiveis negociações com a Alemanha, com a qual contava-se até o momento estalar uma crise em março. Os gestos com a Russia têm desde então antes o caracter de uma manifestação do que de verdadeiras manobras politicas (por exemplo a ostensiva visita do premier Chamberlain á embaixada so-

vietica). Apesar disso a inclusão de Moscou na rota do ministro Hudson, deverá ser a expressão de um interesse pela Russia não apenas de caracter economico.

De qualquer maneira não variou muito o ponto de vista fundamental; relações correctas embora pouco cordiaes e a vontade de mantel-as na mesma temperatura. A opposição todavia que pede a criação de uma frente "anti-agressiva" dos Estados "democraticos" deseja uma maior aproximação com a Russia. As tendencias existem até em alguns membros do Partido Conservador que solicitam uma luta decisiva com a Alemanha (Churchill, Duff-Cooper). Porém a maioria do Partido não apoia esse ponto de vista.

A crise tcheca em março criou uma nova situação. As propostas sovieticas de convocar uma conferencia dos Estados "interessados" ou "ameaçados" pela continuada aggressão allemã podem manter-se. Igualmente não se estima por motivos conhecidos a proposta ingleza de uma declaração commum de quatro potencias. Neste lapso de tempo estabeleceram ambos os governos um contacto relativamente frequente, porém se o governo britannico abandonou suas tentativas de suggestão decidindo-se conceder á Polonia a garantia, então rompemos as relações, provocando com isso grande descontentamento dos Soviets.

O embaixador nesta dá a entender a todos que está sendo posto de lado e queixa-se desse tratamento (chamada). O deputado socialista Dalton pretendia num discurso na Camera dos Communs em 1.º de abril que entre 19 e 31 de março não teria existido communicação entre o embaixador sovietico e o ministro do Exterior da Inglaterra. Duas horas antes da conhecida declaração do premier de 31 de março o embaixador Maisky foi informado do seu conteúdo. A declaração que foi acolhida pela opposição com approvação, levantou naturalmente a pergunta qual seria o papel que se projectava dar aos Soviets. O primeiro ministro respondia a isto: "O governo estaria celebrando consultas com diversas outras potencias, entre estas naturalmente a União Sovietica. Lord Halifax teria recebido hoje o embaixador sovietico, mantendo com elle uma extensa conversação a este respeito. Não haveria duvida alguma que os principios em que se baseia a forma da obra actual são compreendidos e approvados por este governo".

Perguntado pela opposição se poderia dar segurança de que não haveria obstaculos ideologicos entre a Grã-Bretanha e a União Sovietica, o sr. Chamberlain respondeu: "Sim eu não hesito em dar essa garantia".

No debate de 3 de abril é apresentado novamente pela opposição o problema russo. Desta maneira o premier vê-se motivado a fazer a seguinte declaração durante o seu discurso: "Não tenho hoje o proposito de indicar aquellos governos com as quaes queremos examinar actualmente ou em futuro proximo a situação. Não obstante tenho que mencionar a União Sovietica porque esta está sendo presente no pensamento dos membros da opposição e porque estes suspeitam que até as differenças ideologicas possam separar-nos naquillo que estaria no interesse de ambos os paizes. Eu não me esforçarei em pretender nem um unico momento que taes differenças não existem; elles ficam invariaveis. Porém nosso ponto de vista é, como já declarei numa resposta a uma pergunta da sexta-feira passada que taes divergencias ideologicas seja qual for o seu caracter, não têm influencia alguma sobre estes assumptos. O que importa actualmente é a conservação da nossa independencia. Porém se falo em nossa independencia não apenas penso na independencia do meu paiz, mas sim tambem na de outras Estados que puderem estar ameaçados de uma aggressão. Por este motivo saudamos a collaboração de cada Estado, sem olhar a forma de seu governo interno, não porque visamos com isso uma aggressão, mas sim porque desejamos enfrentar a mesma".

De sua parte, lord Halifax confirma no mesmo dia perante a Camera dos Lords, o seguinte: "As consultas proseguem e não estou em condições de fazer actualmente declarações sobre as mesmas em caracter definitivo. Posso porém dizer que o governo de Sua Majestade comorende perfeitamente a importancia do ponto de vista da União Sovietica e concede importancia em manter boas relações com esse governo. Todavia não posso esquecer o facto de que as relações de certos Estados com a Russia se complicam por causa de certas condições embora possa assegurar á Camera que quanto ao governo de Sua Majestade essas difficuldades não existem."

Os acontecimentos na Alemanha fazem necessaria a convocação do Parlamento para o dia 13 de abril durante as férias. O premier iniciou os debates em que depois de informar sobre a situação internacional, dá a conhecer a decisão do governo a conceder garantias á Rumania e á Grecia. Não obstante não mencionou a posição adoptada pela União Sovietica. Somente ao final do discurso, ao ouvirem-se vozes da opposição, "o que ha a respeito da Russia?" — expressa a sua esperança de que "o facto de que não haja mencionado a Russia no seu discurso não deveria ser interpretada de que a Grã-Bretanha não mantenha estreitas relações com os representantes desse paiz". Haveria de ser solucionado um problema arduo. Não apenas deveria se ter em conta o que a Inglaterra deseja mas sim no mesmo gráo o que querem fazer os demais povos (we have to consider not only what we wish, but what other people also are wishing to do). Estas palavras podem referir-se tanto ás reservas da Rumania e da Polonia como ao ponto de vista russo.

Somente agora ao responder sir John Simon ás numerosas perguntas que lhe foram feitas durante o debate, este tratou detalhadamente das relações com a Russia: "Hei de tratar agora da Russia. Em nome do governo quero informar detalhadamente sobre este assumpto. Devo começar declarando que por nossa parte não ha o mais leve desejo de excluir ou de desestimar a ajuda russa em prol da paz. Immediatamente depois de iniciar nossa nova politica insistimos pela rapida obtenção da collaboração russa. Immediatamente depois das occupação da Tchechoslovacia pelos allemães, dirigimo-nos ao governo sovietico rogando-lhe adherir á "declaração das quatro potencias". O governo russo respondeu que estava de accordo em participar da declaração das quatro potencias sempre que a França e a Polonia acceptassem igualmente essa proposta. Passamos a tratar agora de um ponto delica-

do pois como a Camera sabe não se realizou esse projecto apesar de termo-nos visto obrigados a seguir outro methodo embora continuassemos visando identico objectivo. Então a Russia apresentou a proposta de uma conferencia das quatro potencias. As reservas feitas pelo governo britannico não se deviam ao facto de que a proposta procedia do governo sovietico; seu ponto de vista resultou antes de motivos puramente praticos; tratava-se de encontrar um methodo mais rapido e mais prometedo de exito para conseguir um entendimento entre os Estados interessados. Na convocação de tal conferencia apresentar-se-iam muitas difficuldades, porém sem duvida alguma esforçamos-nos a vencer-as sempre que tivessemos convicção de que isso suppunha methodos mais adequados. Os ultimos acontecimentos registrados na Europa em março e abril necessariamente haviam de produzir uma intranquillidade numa serie de paizes pois viam ameaçada a sua independencia e porque isso poderia chegar a acontecer com grande rapidez. Poderia tratar-se de dias ou quilha de horas. Com o fim de oppor-se este perigo, não porque existia a intenção de fazer pouco da ajuda da União Sovietica, mas sim porque nos encontravamos diante de problemas que não admitem demora e porque agiamos em completa comunhão de vistas com o governo francez, entimos fazer todo o possivel para estabelecer confiança e por isso fizemos a declaração que a Camera conhece. E' que nós aceitamos obrigações especeas para com aquellos Estados cuja independencia estava ameaçada ou podia estar-o no futuro. Durante essas negociações mantivemos estreito contacto com o governo russo. Em 29 de março communicamos ao embaixador sovietico que não nos parecia adequado continuar mantendo em pé o projecto de uma declaração de quatro potencias e que em consequencia haviamos seguido outra linha em nossa attitude. O embaixador russo foi informado sobre a linha geral desse novo methodo que ideamos e que conduziu a que conjuntamente com a França dessemos garantia á Polonia e á Rumania. O embaixador russo reconheceu que isso significava uma mudança revolucionaria na politica ingleza e que contribuiria grandemente na manutenção da confiança nos outros paizes. Durante as conversações deu-se-lhe a attender francamente que de nenhum modo tinhamos a intenção de excluir a ajuda do governo russo sempre que elle estivesse disposta a concela da maneira mais efficaz e efectiva possivel. As condições resultantes desde então obrigaram o premier a fazer a declaração sobre a Polonia porém antes disso foi o embaixador russo informado do seu texto. O embaixador declarou em 31 de março ao secretario que a politica russa teria sido qualificado recentemente pelo sr. Stalin como uma politica de ajuda contra a aggressão e a favor daquelles que lutam pela sua independencia. O secretario do Estado acceptou essa definição como qualquer um de nós que advogamos pela maxima ajuda de todas as partes possiveis a teria accepto. Destas palavras a Camera pode se convencer que os principios de que se serviu o governo de Sua Majestade no problema da Polonia foram exactamente os mesmos principios que se reflectiram na declaração do sr. Stalin. Parece-nos que estes principios não podem ser mal comprehendidos pelo governo russo e quizera que a Camara chegue a comprehendê-los são injustificadas as inculpações que se fazem contra nós de que hajamos querido evitar incluir a Russia no systema que queriamos construir precisamente como systema da paz em contradicção á aggressão, apesar de que em problemas desta ao mesmo tempo. Se temos em conta o perigo em que se encontra momentaneamente alguns Estados livres no mundo, seriamos loucos se não estivessemos convencidos de onde possa vir a ajuda e se não a utilizassemos."

Nesta altura o deputado Dalton interrompeu sir John Simon perguntando se o governo considerava a circumstancia de propôr uma allianca militar em collaboração com a França e a Russia.

Sir John Simon não respondeu directamente a esta pergunta mas declarou que por parte ingleza não se veria em principio inconveniente em tal proposta, proseguindo: "Estes problemas não são tão facéis como possa parecer-o. A mim parece que apesar do enorme poderio da Russia não poderemos concentrar os nossos esforços exclusivamente neste paiz. Devemos pensar de que ainda existem outros paizes aos quaes o perigo é mais imminente do que para a Russia. Embora não possa dizel-o nem se fez proposta desta indole, posso assegurar não obstante á Camera que o governo não vê em principio inconvenientes quanto á proposta."

Entretantes celebram-se novas conversações em Londres com a participação da Russia e tomando em consideração o papel que a mesma desempenha na nova relação das forcas na Europa. Sem duvida alguma a Inglaterra deseja que a Russia participe dessa nova relação de forcas, porém não quer ligar nem formal nem estretamente a ella. Das declarações que me fez o sub-secretario permanente do Foreign Office, sr. Cadogan, depreende-se que a Inglaterra e a França querem limitar-se a conseguir uma declaração da Russia que em caso de guerra mantenha uma attitude benevolente com o fim de assegurar dessa maneira o transitio e o accesso ás materias primas, etc. Isso poderia realizar-se por via de uma declaração parcial do governo sovietico o qual declararia que em caso de um ataque allemão contra a Polonia e a Rumania, a Russia manifestaria a sua attitude frente a um tal conflicto já de antemão. Porém a contra-proposta dos Soviets os quaes desejam chegar a um convenio politico de ajuda mutua — seja de forma bi-lateral anglo-russa em adaptação ao tratado correspondente franco-sovietico, seja em forma de uma accordo entra a França, a Inglaterra e a Russia, — não poderiam ser acceptas pela Inglaterra segundo declarou Cannecessariamente ter em vista como seja a reacção e nem tampouco o queria a França.

O sr. Cadogan referiu-se ao que se deveria fazer que isso haveria de provocar em outros paizes, mencionando entre estes a Polonia, a Rumania, a Yugoslavia e a Hespanha. Ao mesmo tempo, Cadogan accentuou as difficuldades que teria o governo britannico; este não queria dar uma resposta negativa de uma forma que possa causar indignação. Este ponto de vista foi communicado tambem ao ministro Gafencu. Este nas suas conversações em Londres convenceu-se que o governo britannico evitava uma aproximação mais estreita com os Soviets. O ministro do Exterior rumeno expressou diante de mim a sua impressão de

que as actuaes negociações anglo-sovieticos poderiam resultar infructiferas. Por isso esforça-se a politica inglesa a qual evita ainda rumos exclusivamente anti-alemães em esquivar-se de uma ligação directa aos Soviets. Porém o desenvolvimento futuro da situação internacional pode tomar um rumo que faça impossível a manutenção desta linha. Pois as negociações proseguem porém tropeam em muitos obstaculos. Outra dificuldade é na attitude da opposição e de certa parte do Partido Conservador, com Churchill á testa, os quaes se preparam abertamente para uma guerra e que nos Soviets vêem um Estado com grandes reservas e grandes forças militares. As dificuldades com a opposição podem aumentar ainda mais com os ataques provocados pela resolução sobre o serviço militar. Pois o governo terá de considerar dever de enfrentar com argumentos plausiveis a allegação de que uma „alliança“ ou outra forma possível de uma resolução tão drastica. (a) Edward Raczyński, união com a Russia poderia ter evitado uma embaixador da Republica da Polonia.

15.º Documento

Nota do conselheiro commercial polonez Jan Wszelaki sobre uma conversação com o embaixador norte-americano em Londres, sr. Joseph Kennedy, em 16 de junho de 1939. Confidencial.

Conversação com o embaixador norte-americano em Londres, sr. Kennedy, em 16 de junho de 1939.

O embaixador Kennedy, a quem havia informado da minha chegada a Londres, con-

vidou-me a uma visita que durou tres quartos de hora. Dela me resta notar o seguinte: Primeiro: Logo no inicio me perguntou como a Polonia julgava a situação economica da Alemanha, dizendo elle que, a seu juizo, a Alemanha do mundo com os gastos armamentisticos e que manha pode arruinar durante muito tempo em rigor não fica outra alternativa a não ser a guerra. A seu juizo o afastamento da Alemanha da sua actual politica, inclusive a financeira e economica só poderia se dar por uma guerra. Em troca, uma guerra seria para a Alemanha ao menos a esperança de impor as suas exigencias pela força e ella não retrocederá as coisas chegarem a esse extremo.

Com certo menosprezo o embaixador manifestou-se sobre os optimistas que julgavam que a Alemanha poderia ser facil ou rapidamente subjugada ou que contavam com uma prompta revolução na Alemanha.

Segundo: O embaixador declarou energicamente que o occidente val a caminho rapidamente da bancarrota se se prolongar o actual estado de armamentos. Embora não se chegasse a uma guerra neste anno, nem a Grã-Bretanha nem os Estados Unidos não suspenderão nem limitarão o seu programme de armamentos. Em consequencia a Grã-Bretanha já introduziu silenciosamente as restricções de divisas já que não é possível collocar capital inglez no estrangeiro sem autorização do governo ou transferilo a outros países. Cada dia traz novas dificuldades e restricções semelhantes.

Terceiro: No curso das conversações o embaixador interpellou-me sobre a situação na Polonia e sobre as nossas necessidades. Isso deu-me occasião a estender-me em considerações.

O embaixador declarou que eramos o unico povo na Europa Oriental com cujos armamentos e valor militar podia se contar com toda segurança. Acrescentou que a seu ver havia se demonstrado na Hespanha que os voluntarios polonezes que lutavam ao lado dos republicanos haviam sido melhores soldados que todos os demais em ambos os lados da frente. Perguntou o que desejavamos dos inglezes em material e no terreno financeiro.

A isso respondi fazendo uma resenha utilizando até certo ponto a declaração inicial que o coronel Koc havia feito aos inglezes alguns dias antes. Especialmente chamei a sua attenção sobre o credito em especie. O embaixador perguntou-me quanto dinheiro desejavamos dos inglezes. Respondi que havíamos lhe exposto a esse respeito as nossas necessidades. Uma addição dessas necessidades fixadas agora em conjunto daria a somma total de dinheiro. O embaixador reconheceu que o ponto grave era o dinheiro em especie e declarou que se agora os inglezes limitam sua ajuda a este respeito, depois para conseguir o mesmo efeito deverão gastar dez vezes mais. Acrescentou que elle ao avistar-se com o primeiro ministro e com lord Halifax far-lhes-ia ver a necessidade de ajudar a Polonia com dinheiro.

Quarto: Para terminar disse-me o embaixador que os seus dois filhos, os quaes ultimamente percorreram toda a Europa podendo ver e aprender muito, estão prestes a voltar aos Estados Unidos onde darão uma serie de conferencias na universidade de Harvard sobre a situação dos diversos Estados europeus. O embaixador concede a essas conferencias grande significação como elemento de ajuda para formar a opinião publica norte-americana.

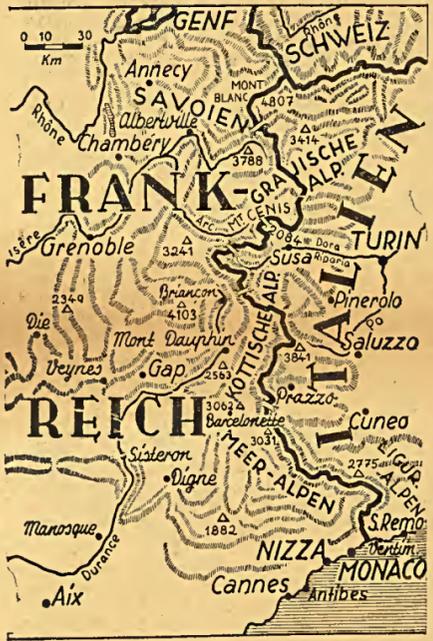
16.º Documento

Telegramma do Ministerio Polonez de Industria e Commercio em Varsovia aos Conselheiros commerciaes polonezes em Pariz e Londres. De 13 de julho de 1939.

Ministerio da Industria e Commercio, Num. M 330/TJN. Varsovia, 13 de julho de 1939. — Confidencial. — Ao conselheiro commercial em Pariz e em Londres.

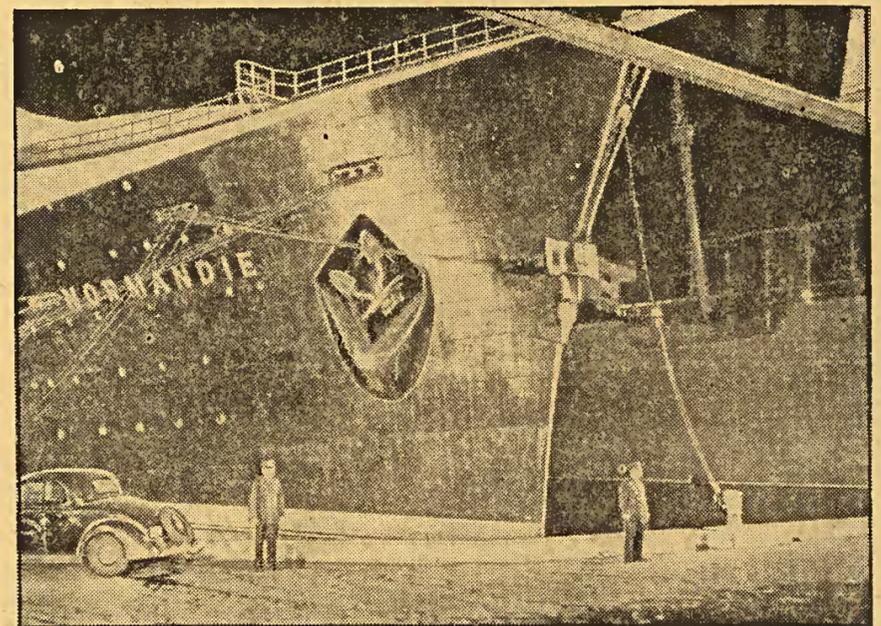
O Ministerio da Industria e Commercio soube que as companhias de navegação francezas e inglezas já receberam do seu centro de inspecção do governo instrucções precisas para o caso da deflegração de uma guerra, bem como prescrições sobre modificações, construcções, reformas e ampliações por navios utilizados por essas companhias. Em virtude disso o Ministro de Industria e Commercio solicita a v. ex. que verifique com toda rapidez possível o assumpto, enviando, se possível, informações precisas ao Ministerio. (assignado) Director do Departamento Maritimo.

A Italia construiu u'a mole alpina. — Segundo comunicação feita perante a Camara Fascista pelo sub-secretario do Ministerio da Guerra da Italia, general Soddu, trabalhou-se, desde o começo da guerra, com grande intensidade, na construcção de fortificações fronteiriças. Surgiu, assim, a enorme mole alpina denominada „Vallo Alpino del Littori“ que é capaz de deter qualquer investida.



Italien errichtet einen Alpenwall. — Wie der Unterstaatssekretär im Kriegsministerium, General Soddu, vor der Faschistischen Kammer bekanntgab, wurde seit Beginn des Krieges mit Hochdruck am Ausbau der Befestigungsanlagen gearbeitet. Ein gewaltiger Alpenwall, der „Vallo Alpino del Littori“, ist entstanden, der in der Lage ist, jeden Angriffsversuch aufzuhalten.

Aqui se dispõe ainda de um lugarsinho seguro! — O porto de Nova York converteu-se em asylo dos navios de luxo dos bretões e francezes. Ao lado do „Normandie“, que aqui se vê, dormem ainda os paquetes inglezes „Queen Mary“ e o fugitivo de hontem, o „Queen Elizabeth“.



Hier ist noch ein sicheres Plätzchen frei! — Der Newyorker Hafen ist zum Asylo für Luxusfahrer der Briten und Franzosen geworden. Neben der französischen „Normandie“ (im Hintergrund) liegen die englischen Schnellfahrer „Queen Mary“ und der jüngste Flüchtling, die „Queen Elizabeth“.



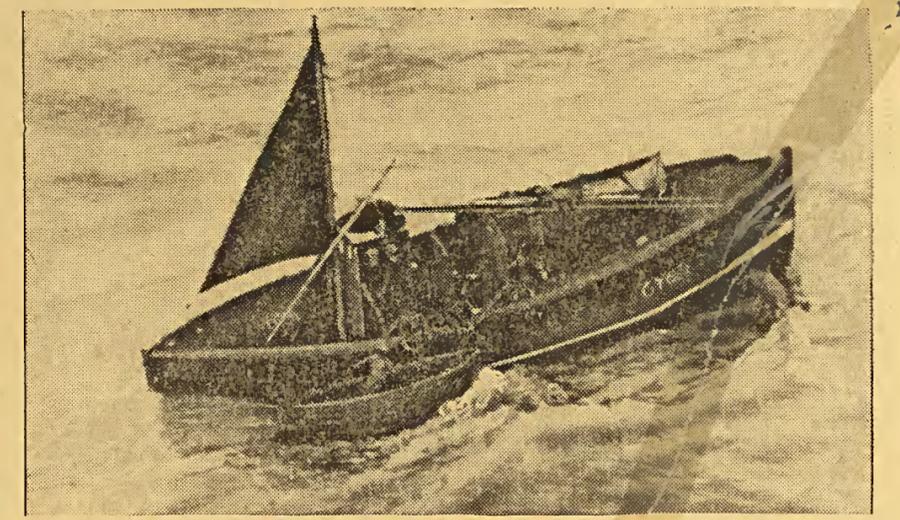
Karte von Großbritannien.

Gibraltar. — O surto nacionalista da Hespanha trouxe de novo ao prosceio a questão de Gibraltar, á qual cabe uma significação especial agora em tempos de guerra. Gibraltar, outrora um trecho do territorio hespanhol, foi atacado e occupado em 1. de agosto de 1704 por um corpo expedicionario inglez. De então para cá, os bretões transformaram o celebre rochedo numa das mais potentes fortificações maritimas do Mar Mediterraneo.



Gibraltar. — Der nationale Aufschwung Spaniens hat auch die Gibraltarfrage wieder in den Vordergrund gerückt, der jetzt in Kriegzeiten wieder besondere Bedeutung zukommt. Gibraltar, einst ein Stück spanischen Landes, wurde am 1. August 1704 von einem englischen Expeditionskorps angegriffen und besetzt. Seither haben die Briten den berühmten Felsen zu einer der stärksten Seefestungen des Mittelmeeres ausgebaut. Durch seine beherrschende Lage der Zufahrt zum Mittelmeer kann es keinem der Mittelmeerländer gleich sein, in welchen Händen er ist.

An Englands Küste. — Der Friedhof der versenkten Frachtdampfer, Tanker und Vopostenboote rund um Englands Küste wächst von Tag zu Tag. Neun Mann von der Besatzung eines versenkten Schiffes, die nach schwerem Kampf gegen die rauhe See von einem Fischerboot aufgenommen wurden.



Nas costas da Inglaterra. — Cresce de dia para dia, em torno das costas inglezas, o cemiterio dos navios cargueiros, navios-tanque e bacos patrulha afundados. Vemos aqui um barco de pesca recebido nove homens da tripulação de um navio posto a pique, os quaes haviam lutado seriamente contra o mar bravo, dentro de um escaler.